

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
CARLOS ALBERTO GOMES DOS SANTOS

**COMPLEMENTO-VERBO' VS. 'VERBO-COMPLEMENTO': UMA
INVESTIGAÇÃO SOBRE A ESTABILIZAÇÃO DA ORDEM NA DIACRONIA
DO PORTUGUÊS**

VITÓRIA DA CONQUISTA
2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
CARLOS ALBERTO GOMES DOS SANTOS

**COMPLEMENTO-VERBO' VS. 'VERBO-COMPLEMENTO': UMA
INVESTIGAÇÃO SOBRE A ESTABILIZAÇÃO DA ORDEM NA DIACRONIA
DO PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, nível de Mestrado Acadêmico. Área de Concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais. Projeto temático de pesquisa: Sintaxe diacrônica em corpus eletrônico: do português pré-clássico às variantes modernas. Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Namiuti.

VITÓRIA DA CONQUISTA
2013

S2341 Santos, Carlos Alberto Gomes dos.
Complemento-verbo' VS, verbo' – complemento: uma
investigação sobre a estabilização da ordem na diacronia do
português / Carlos Alberto Gomes dos Santos, 2013.
120f.: il.; color.
Orientador (a): Cristiane Namiuti.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação
em Linguística, Vitória da Conquista, 2013.
Referências: f.118 – 120.
1. Gramática gerativa. 2. Verbo – Conjugação.
3. Verbo - Português. I. Namiuti, Cristiane. II.
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. T

CDD: 469

Cristiane Cardoso Sousa – Cientista da Informação
UESB – Campus de Vitória da Conquista - BA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGLIN

BANCA EXAMINADORA

Local e Data de Defesa da Dissertação:

Vitória da Conquista, 04 de fevereiro de 2013

Resultado: _____

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho de pesquisa;

Agradeço a minha esposa Edileusa e a minha filha Wendy pelo apoio e incentivo que foram de grande ajuda em todas as fases desta pesquisa; por sua compreensão das minhas ausências motivadas pelas horas de estudo, muitas vezes até tarde da noite;

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, cujas aulas contribuíram muito para o esclarecimento de muitos fatos linguísticos;

À Profa. Dra. Dra Cândida Mara Britto Leite, por seu trabalho de co-orientação na fase inicial desta pesquisa;

À Profa. Dra. Charlotte Galves e à Profa. Dra. Adriana Lessa pelas valiosas sugestões durante o exame de qualificação desta dissertação;

À Profa. Dra. Cristiane Namiuti-Temponi, orientadora desta dissertação, pela competência e dedicação com que dirigiu cada passo desta pesquisa; pelo incentivo constante à publicação de artigos e participação em congressos; e pelas aulas de sintaxe, que me ajudaram muito a compreender estruturas gramaticais que me pareciam bastante intrincadas de início.

Resumo

Esta dissertação teve como objetivo mapear as ocorrências de NPs acusativos não clíticos em diferentes ambientes sintáticos em textos do século XII ao XIX, com o intuito de delinear as mudanças gramaticais ocorridas. Foram analisadas as possibilidades de ordenação do objeto direto em relação ao verbo e ao sujeito, em orações subordinadas completivas providas de um verbo transitivo direto a partir de dois *corpora*: o *Corpus* Informatizado do Português Medieval – CIPM, para textos do século XII, XIII e XIV e o *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe – CTB, anotado sintaticamente e etiquetado morfologicamente, do qual foram pesquisados 15 textos de autores nascidos entre os séculos XVI e XIX. A pesquisa envolvendo os três primeiros séculos baseou-se na leitura dos textos, a separação das sentenças segundo os critérios estabelecidos e posteriormente a classificação de acordo com a ordem do verbo, do objeto direto e do sujeito em oito grupos distintos: VO, SVO, VSO, VOS, OV, SOV, OVS e OSV. Os dados do CTB foram extraídos seguindo a metodologia automática de busca *Corpus Search* e foram submetidos aos mesmos critérios adotados para os dados do CIPM. Os resultados apontam para uma baixa frequência do fronteamto do objeto direto (OV, SOV, OSV e OVS) em ambos os *corpora* no contexto das orações subordinadas completivas. Constatou-se também baixa frequência no uso das inversões VSO e VOS nesse mesmo contexto oracional.

Palavras-chave: Fronteamto. Gramática Gerativa. Ordem de Palavras. NP Acusativo.

Abstract

This dissertation aimed to map the occurrences of non clitic accusative NPs in different syntactic contexts in texts from the 12th to the 19th century, with the aim of spotting the occurred grammatical changes. One analyzed the possibilities of ordering direct object in relation to the verb and the subject in subordinate completive clauses provided with a direct transitive verb from two corpora: the Computerized Corpus of Medieval Portuguese – CIPM, for the texts from the 12th, 13th and 14th centuries and the Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese – CTB, syntactically annotated and morphologically tagged, from which 15 texts by authors born between the 16th and the 19th centuries were researched. The research involving the first three centuries was based on the reading of the texts, the separation of sentences by means of the established criteria and the subsequent classification according to the order of the verb, direct object and the subject into eight distinct groups: VO, SVO, VSO, VOS, OV, SOV, OVS and OSV. The CTB data were extracted by following the methodology called *Corpus Search* and underwent the same criteria adopted for the CIPM data. The results point to a low frequency of the direct object fronting (OV, SOV, OSV and OVS) in both corpora in the context of subordinate completive clauses. Low frequency was also found for the use of the inversions VOS and VSO in the same clausal context.

Key-words: Fronting. Generative Grammar. Word Order. Accusative NP.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	1
2. QUADRO TEÓRICO	3
3. <i>CORPORA</i> E METODOLOGIA.....	31
3.1 O <i>Corpus</i> Informatizado do Português Medieval	31
3.1.1 Anotações do CIPM	32
3.1.2 Características do CIPM	35
3.1.3 Textos do CIPM que Integram a Presente Pesquisa.....	36
3.2 O <i>Corpus</i> Histórico do Português Tycho Brahe	44
3.2.1 Anotações Morfológicas do CTB.....	45
3.2.2 Anotações Sintáticas do CTB.....	50
3.2.3 Características do CTB.....	62
3.2.4 Textos do CTB que Integram a Presente Pesquisa.....	63
3.3 Metodologia de Classificação e Análise dos Dados.....	64
3.4 A Busca Automática	64
4. DESCRIÇÃO DOS DADOS	70
4.1 CIPM.....	70
4.2 CTB.....	92
4.3 Do Século XII ao XIX.....	100
4.4 Do Norte de Portugal ao Sul, do Século XII ao XIX: a distribuição das ordenações do NP Acusativo	104
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Fronteamento de diversas categorias de objeto.....	12
Tabela 2. Variação Interpolação Generalizada/Próclise.....	26
Tabela 3. Século XII.....	36
Tabela 4. Século XIII.....	36
Tabela 5. Século XIV.	41
Tabela 6. Categorias vazias.....	60
Tabela 7. Tipos de orações.....	61
Tabela 8. Detalhe da página do catálogo dos textos do CTB.....	62
Tabela 9. Textos do CTB que integram a presente pesquisa.....	63
Tabela 10: OV <i>versus</i> VO em sentenças subordinadas finitas com verbos transitivos diretos.....	91
Tabela 11:OV <i>versus</i> VO em sentenças subordinadas com sujeito nulo.....	91
Tabela 12: - Frequência geral.	91
Tabela 13: OV <i>versus</i> VO em sentenças subordinadas com sujeito expresso.	91
Tabela 14: Frequencia geral.	91
Tabela 15: OV com sujeito expresso.	92
Tabela 16: VO com sujeito expresso.	92
Tabela 17. Frequencia de ordem do NP objeto em estruturas com sujeito nulo e com sujeito expresso.....	104

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. OV vs VO	93
Gráfico 2. Ordens OV com sujeito expesso.....	93
Gráfico 3 Ordens OV com sujeito nulo.....	93
Gráfico 4 Ordens VO com sujeito expesso.....	97
Gráfico 5 OV vs VO	101
Gráfico 6 Ordens OV/VO com sujeito expesso.....	102
Gráfico 7 Ordens OV/VO com sujeito nulo.....	102
Gráfico 8 Ordens VO com sujeito expesso.....	103
Gráfico 9 Ordens VO com sujeito expesso.....	103

1. APRESENTAÇÃO

A Linguística Histórica e mais precisamente os estudos diacrônicos se pautam em grande parte no fato de que as línguas, em menor ou em maior grau, mudam com o passar do tempo. Tal mudança pode abranger diferentes aspectos de uma língua: fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais e pragmáticos. Escolher um desses aspectos e observar as mudanças ocorridas na linha do tempo possibilita aos estudiosos realizar uma investigação sobre a dinâmica dos processos que envolvem estruturas em mudança em uma dada língua.

No caso específico do Português, os estudos gerativistas em sintaxe diacrônica têm buscado compreender as transformações deste idioma ao longo de sua história. Análises que tratam da posição dos clíticos, dos fenômenos de fronteamto e interpolação de constituintes do IP¹ (GALVES, 1996; NAMIUTI, 2008) têm evidenciado estágios de competição de gramáticas no sentido delineado por Kroch (2001).

Segundo comentam Galves et al (2006), a periodização tradicional reconhece três estágios do Português Europeu: *Período Arcaico*, que se inicia com a atestação dos primeiros textos caracterizados como vernáculo – século XII – até fins da Idade Média; *Português Clássico*, do século XVI ao XVIII; e o *Período Contemporâneo*, a partir do século XIX até os dias de hoje. Galves et al (2006, p. 4) também reconhecem três fases para o Português Europeu, porém propõem uma periodização segundo os limites temporais de gramáticas particulares do Português, com pontos de inflexão e competição de gramáticas consoantes com o quadro teórico da Gramática Gerativa e sua implicação para a interpretação da Mudança Gramatical:

Consideramos que os primeiros documentos escritos do português correspondem à gramática do Português Arcaico. Mas o primeiro ponto de inflexão de nossa periodização estaria situado já na virada entre os séculos 14 e 15, e corresponderia à emergência de uma gramática a que denominamos o

¹ Do inglês *Inflectional Phrase*, refere-se ao Sintagma de Flexão Verbal, ou seja, uma categoria funcional dentro da teoria da gramática gerativa. Na representação X barra adotada por esta teoria, podem-se distinguir as projeções lexicais e as funcionais. Estas últimas são estritamente gramaticais, como é o caso do Sintagma de Flexão Verbal – ou IP, termo mais comumente utilizado nos trabalhos em teoria gerativista.

Português Médio. A segunda inflexão se situa no início do século 18, e corresponderia à emergência da gramática do Português Europeu Moderno.

Em consonância com a hipótese acima, o presente estudo visou mapear as ocorrências de Sintagmas Nominiais Acusativos (NP-ACC, sigla do inglês *Noun Phrase-Accusative*) em orações dependentes finitas, mais especificamente, como recorte, na subordinação completiva, em textos pertencentes aos períodos mais recuados da história do Português (século XII – Período Arcaico) até o século XIX, com o intuito de contribuir para delinear mudanças gramaticais ocorridas.

Diversos trabalhos têm argumentado que na Língua Portuguesa existiu um fenômeno de anteposição de complementos, ordem superficial *Objeto-Verbo*, designado de fronteamento ou *scrambling*. Esse fenômeno teria desaparecido no Português Europeu contemporâneo (PARCERO, 1999; MARTINS, 2000; NAMIUTI, 2008, entre outros).

No entanto, a ordem superficial Sujeito-Verbo-Objeto sempre foi produtiva na Língua Portuguesa (MARTINS, 2004), e pode ser gerada por diferentes gramáticas subjacentes.

Considerando os fatos observados por Martins (2000, 2004), entre outros autores, nosso trabalho teve por objetivo observar e descrever as ordens relativas do objeto direto, não clítico, em relação ao verbo e aos demais constituintes da oração, em um contexto bastante específico que pode garantir certa fixidez, uma vez que o núcleo funcional C encontra-se normalmente lexicalizado por um complementizador. As seguintes questões nortearam nossa reflexão:

(I) Quais são as ordens atestadas nas orações completivas finitas desde o século XII e sua produtividade? (II) Como interpretar qualitativamente a variação superficial da ordem atestada nos textos? (III) É possível identificar pistas das gramáticas por traz dos textos?

2. QUADRO TEÓRICO

Ao comparar as línguas românicas com o Latim (o Clássico e em seguida o Vulgar) levando-se em conta a sintaxe, observam-se diferenças marcantes. O Latim apresentava a propriedade não configuracional, ou seja, a configuração da ordem não era relevante para a atribuição de funções sintáticas.

Apesar de apresentar no geral uma ordenação SOV, o Latim Clássico dispunha de meios morfológicos (sistemas de casos) para estabelecer as relações sintáticas dos constituintes. Com o tempo, uma mudança morfológica – o apagamento das terminações dos casos – impôs ao Latim Vulgar e, de forma mais acentuada ainda, às línguas neolatinas, uma configuração mais rígida dos constituintes, ou seja, sua ordem na oração vai aos poucos se firmando. Assim, eleger um destes constituintes e seguir com atenção sua ordem na oração em recortes temporais diferentes possibilita a realização de um estudo diacrônico sobre a estabilização da ordem de uma língua românica, neste caso o Português.

O Romance Antigo apresentava diversas configurações de ordem de constituintes. Assim, a análise das ocorrências do objeto direto (NP acusativo) em orações principais, dependentes ou intercaladas, pertencentes a diferentes períodos da história do Português revela um contexto sintático bem variado e propício para investigações.

Mattos e Silva (2006, p. 189), discorrendo sobre a ordem dos constituintes em frases com verbos transitivos, informa que no Período Arcaico havia seis possibilidades de ordenação com diferentes frequências de ocorrências, conforme mostram os seguintes exemplos:

- SVC²: [O lobo] abrio [a boca]
- SCV: Quando [Eufrosina] [esto] ouvio, prougue-lhemuito
- VSC: E enton chamou [o abade] [hũũ monge]
- VCS: E cercou [a cidade] [Nabucodonosor]
- CVS: Quando [o] viu [o moço], rogou que veesse
- CSV: [Todas estas cousas] [as gentes] demandam.

² S: sujeito; V: verbo; C: complemento.

Ainda segundo Mattos e Silva, citando Pádua (1960), esta última ordem é muito rara e reflete mais uma construção comum no Latim, em que a morfologia dos casos livrava a oração da ambiguidade em torno da função de sujeito e a de objeto:

“Esta construção é muito pouco usada no português arcaico ... o emprego da ordem complemento + sujeito + verbo é raríssimo em orações principais”. [Pádua] Apresenta um exemplo do *Leal Conselheiro* – “Todas estas cousas as gentes demandam” – em que sujeito e complemento estão expressos por sintagmas nominais e considera este tipo como reflexo da construção latina, em que os morfemas indicadores de caso desfazem as ambigüidades que tal construção em português pode permitir. (MATTOS E SILVA, 2010, p. 791).

Essas várias possibilidades de ordenação dos constituintes no Português Arcaico também são atestadas por Martins (2004, p. 7):

tanto o latim como algumas línguas românicas, nomeadamente o português, admitem – e por vezes exigem – frases com ordens de constituintes diferentes da ordem básica. Na verdade, todas as possíveis combinações dos elementos S, V e O se atestam quer no latim quer no português.

A ocorrência rara de determinada ordem de constituintes nos estágios iniciais da história do Português e seu desaparecimento em estágios subsequentes podem apontar para um quadro de mudanças gramaticais em ação. Por exemplo, conforme ressalta Martins (2000), a ordem OV pode ser gerada tanto no Português Arcaico quanto no Português Moderno como resultado de deslocamento à esquerda ou topicalização, mas somente na língua arcaica se observava a anteposição do objeto em relação ao verbo como resultado do *scrambling*. Portanto, a perda da possibilidade de *scrambling* do objeto no Português Moderno representa uma mudança paramétrica, ou seja, um fenômeno importante a ser observado na diacronia da língua, uma vez que contribui para caracterizar sua periodização.

Na distinção entre os três movimentos de constituintes citados acima – deslocamento à esquerda, topicalização e *scrambling* – os clíticos, ou pronomes átonos, constituem um importante recurso, pois, conforme discute Martins (2000), enquanto os constituintes deslocados à esquerda ou focalizados ocorrem à esquerda do clítico, os constituintes movidos por

scrambling aparecem a sua direita, o que só é possível nos contextos de próclise obrigatória, caracterizando o fenômeno denominado de *interpolação* por Martins (1994).

Muitos estudos em sintaxe diacrônica têm demonstrado o caráter V2 das gramáticas do Português Arcaico e também do Português Clássico. A atenção se volta para esse aspecto da gramática característica desses períodos, uma vez que sua natureza V2 revela interessantes contextos sintáticos para a presente investigação.

Assim, Ribeiro (1995) destaca a natureza V2 do Português Arcaico, ou seja, uma gramática em que, no contexto de orações principais finitas, o verbo se aloja em C⁰, núcleo complementizador, o que geralmente se manifestava na ordenação linear XV(S)³, em que X normalmente se referia a um constituinte como um complemento verbal ou um advérbio. Ribeiro (1995), entre outros, argumenta que os elementos fronteados, ocupando, portanto, a posição X, recebiam traços de foco ou tópico. Cabe salientar aqui que esta configuração é mais comum nas orações principais, uma vez que nas orações subordinadas C será realizado comumente por um operador subordinador, o que impede o movimento do verbo para esse núcleo. Isso pode ser observado nas orações subordinadas das línguas germânicas, nas quais a ordem OV é produtiva pelo fato de o verbo não se mover devido ao preenchimento de C, sendo obrigado a permanecer em posição final. No Português Antigo e Clássico, C parece ser importante para o movimento dos complementos que carregam traços informacionais fortes, mas, em orações subordinadas o verbo não aparece comumente em posição final, como nas línguas germânicas V2, como poderemos notar na seção 4 deste trabalho, o que pode indicar que o verbo está em posição alta também em orações subordinadas, talvez externando um V2 simétrico⁴.

Como mencionamos, a análise de Ribeiro (1995) propõe que no Português Arcaico o verbo ocupa a mesma posição nas diferentes ordens pesquisadas: V(S) / VO, SVO / XV(S) / SXV / XSV / XXV. Para a autora, essas diferentes ordens seria o resultado de diferentes possibilidades de movimento

³ Os parênteses indicam presença de um sujeito pós-verbal ou ausência do sujeito em uma configuração de sujeito nulo.

⁴ Sobre V2 *simétrico* conferir Roberts (2004) e Gibrail (2010). Esta noção será retomada mais adiante neste texto.

de constituintes para a periferia esquerda da oração ou da ausência de tal movimento. A hipótese da autora é a de que o PA é um sistema V2 como se observa no Islandês e Francês Arcaico.

Ribeiro (1995) investiga o movimento de V[+f], ou seja, do verbo finito, para núcleos funcionais e o movimento de constituintes de sintagmas para o início da oração. Conforme discute a autora, as diferentes ordens de constituintes observadas em várias línguas do mundo são motivadas pela presença ou ausência de movimento de constituintes assim como de núcleos lexicais para as projeções funcionais.

Ainda segundo Ribeiro (1995), fatos relacionados com a colocação dos verbos nas sentenças podem explicar as diferentes ordenações encontradas nas diferentes línguas humanas. Assim, a autora comenta que estudos sobre o movimento do verbo (POLLOCK, 1989; BELLETI, 1990; *apud* RIBEIRO, 1995) têm evidenciado que a posição do verbo em uma determinada língua pode variar devido a três fatores: a) as marcas morfológicas do verbo; b) suas propriedades intrínsecas; e c) o tipo da oração que contém o verbo. Com base nisso, a autora aborda o caso das sentenças finitas e das infinitivas com dados do Inglês e do Francês modernos quanto à variação translinguística da posição de V[+f] em relação à posição ocupada por outros constituintes frásicos. Conforme discute a autora a partir de dados de Pollock (1989, *apud* RIBEIRO, 1995), a colocação de advérbios em Inglês e Francês modernos apresenta diferenças em orações com verbo finito (inclusive em sentenças negativas), mas em orações com verbo infinito (V[-f]), ADV e Neg se posicionam à esquerda de tal verbo. Portanto, há uma assimetria V[+f]/ V[-f] quanto à colocação de constituintes básicos nas orações desses dois sistemas linguísticos (RIBEIRO, 1995).

Ribeiro (1995) também comenta que outro ponto a ser observado na variação translinguística da colocação de constituintes frásicos ou movimento do verbo é o “estatuto sintático da sentença” (RIBEIRO, 1995, p. 12), ou seja, sua caracterização de *oração raiz* ou *oração encaixada*. Assim, a autora discute o movimento do verbo em línguas germânicas como o Alemão e o Dinamarquês, em que o verbo se aloja numa posição baixa em orações dependentes, o que se traduz na ordem superficial característica das línguas germânicas (com exceção do Inglês) em que o verbo aparece em último lugar

nas orações subordinadas. Abaixo, seguem alguns exemplos apresentados por Ribeiro (1995):

a) Verbo em posição alta em Alemão e Dinamarquês (orações matrizes):

Ich **las** schon letztes Jahr diesen Roman
Eu **li** já último ano este livro
Diesen Roman **las** ich schon letztes Jahr
Este livro **li** eu já último ano [...]
Peter **drikker** ikke kaffe om morgenen
(P. **bebe** não café em manhã-a)
Kaffe **drikker** Peter ikke om morgenen.
(café **bebe** P. não em manhã-a)
(ROBERTS, 1992, *apud* RIBEIRO, 1995, p. 10 e 11).

b) Verbo em posição mais baixa em Alemão e Dinamarquês (orações dependentes):

Du weisst wohl,
Você sabe bem,
daß ich schon letztes Jahr diesen Roman **las**
que eu já último ano este livro **li**
daß ich schon letztes Jahr diesen Roman **gelesen habe**
que eu já último ano este livro **lido tinha** [...]
... at Peter ikke **drikker** kaffe om morgenen.
(que P. não **bebe** café em manhã-a)
(ROBERTS, 1992, *apud* RIBEIRO, 1995, p. 11).

No exemplo da oração subordinada do Dinamarquês acima, a posição de *drikker* à direita do elemento negativo *ikke* indica a tendência, nas línguas germânicas, de o verbo ocupar um lugar mais baixo neste tipo de oração.

O movimento do verbo finito para a posição C⁰ também é destacado pela autora, que acrescenta que “o efeito V2 resulta de um segundo movimento que coloca um constituinte sintagmático em posição anterior ao verbo” (RIBEIRO, 1995, p. 21). Seguindo a explicação da autora, levando-se em conta a representação X-barras proposta por Chomsky (1986, *apud* RIBEIRO, 1995), que inclui um núcleo referente ao complementizador e chamado C⁰ e sua projeção máxima identificada por CP, os sintagmas V2 podem ser entendidos como derivados de um movimento do verbo finito para a posição C⁰ e de um constituinte frásico qualquer (X) que se aloja na posição de *Spec* (especificador) de CP.

Muitas das questões discutidas por Ribeiro (1995) em relação à sintaxe V2 do Português Antigo serão retomadas por Gibrail (2010). Em sua tese de doutorado, a autora investiga o plano sintático e prosódico do Português Clássico⁵ ao discorrer sobre os contextos de formação de estruturas de topicalização e focalização com propriedades V2 observadas nesse período da história do idioma. A autora ancora suas análises principalmente no Projeto Cartográfico de Rizzi, que, segundo Cinque e Rizzi (2008), visa delinear mapas das configurações sintáticas de forma precisa e detalhada. Para subsidiar suas análises, a autora resenha ainda algumas contribuições importantes, como o trabalho de Ribeiro (1995), que investiga o Português Antigo quanto à ordem das sentenças; Adams (1987, 1988, *apud* GIBRAIL, 2010), que trata do fenômeno V2 no Francês Antigo; Benincà e Benincà e Poletto (2004, *apud* GIBRAIL, 2010), que analisam o Romance Medieval e também o Italiano Moderno no tocante ao preenchimento da periferia à esquerda dessas gramáticas segundo os sintagmas apresentem funções de tópico, foco, tópico pendente etc.⁶ (DUARTE, 1987 *apud* GIBRAIL, 2010). A autora discorre também sobre os estudos acerca dos clíticos no contexto de variação próclise/ênclise empreendidos por Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005, *apud* GIBRAIL, 2010).

O conjunto de textos analisados por Gibrail (2010) gerou um total de 21.563 sentenças de diversos tipos – matrizes, dependentes, coordenadas, imperativas e/ou optativas – abrangendo a projeção das ordens V2/V3/V4 e providas de diversos sintagmas (nominais, adverbiais, preposicionais, adjetivais, quantificados/quantificadores nus em posição pré-verbal). Conforme menciona a autora, quando esses elementos se encontram à esquerda do verbo, manifestam-se em construções de tópico, foco, deslocação à esquerda clítica e tópico pendente. De início, a autora distribui essas construções pré-verbais em três subconjuntos de dados que ela rotula de

⁵Gibrail (2010) centra sua análise em textos dos séculos XVI e XVII.

⁶ Cabe mencionar aqui a apresentação feita por Duarte (1987) acerca de algumas construções de topicalização:

Tópico Pendente: designa a construção de tópicos marcados com menor grau de sintatização;
Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente: refere-se a uma construção em que o grau de sintatização é superior àquele da construção de *Tópico Pendente*;

Deslocação à Esquerda Clítica: trata-se de uma construção na qual “o elemento nominal conectado referencialmente com o tópico é obrigatoriamente um clítico” (DUARTE, 1987, p. 80).

Topicalização/Focalização-V2, que cobre as estruturas em que há tópico/foco; Deslocação à Esquerda Clítica; e Tópico Pendente.

Esse quadro sintático variado que o Português Clássico apresenta à esquerda do verbo o distingue de outras línguas românicas. Como ressalta Gibrail (2010), o Português Clássico licencia construções com sintagmas tanto topicalizados quanto em deslocação à esquerda clítica, diferentemente do Italiano e outras línguas do Romance Moderno, que só o faz em deslocação à esquerda clítica. A partir do *Corpus Tycho Brahe*, a autora apresenta alguns exemplos dessas construções no Português Clássico com destaque em itálico para o sintagma fronteado:

a) Topicalização V2:

A gloria do desenho e perfil ou traço concederão os antigos a Parrhasio, Antígone e Senocrate, os quaes screverão da pintura, a qual no desenho consiste. (F. de Holanda,1517) [...]
Ancora lançou Castella em Portugal, e ferrou a unha tão rijamente, que o não largou por espaço de sessenta annos. (M. da Costa, 1601). (GIBRAIL, 2010, p. 85).

b) Deslocação à esquerda clítica:

e os que corrião os pareos, faziam nos quasi da mesma maneira, mas com muita oufania e galhardeza no correr dos cavallos; (F. de Holanda, 1517) [...]
que a Hércules convidaram-no os conflitos e fizeram-no Hércules os trabalhos. (M. da Costa, 1601). (GIBRAIL, 2010, p. 85).

Na sequência, a autora destaca que o Português Clássico também licencia estruturas que se caracterizam como tópico pendente ou deslocação à esquerda de tópico pendente. Como explica Gibrail (2010), essas estruturas se diferenciam da topicalização V2 e da deslocação à esquerda clítica, pois nas orações com tópico pendente não há a co-referência de nenhum elemento pronominal com o tópico. Já as estruturas com deslocação de tópico pendente, apesar de haver um elemento pronominal em co-referência com o tópico, não há, entretanto, “nenhuma conectividade de Caso entre esses elementos” (GIBRAIL, 2012, p. 86). Os exemplos abaixo apresentados pela autora com destaque em itálico para os elementos fronteados mostram essa distinção entre as referidas estruturas:

a) Tópico pendente:

Quanto ao cõtrato dos escravos que faz Affonso Nunez, eu vy as condições que a novadas do cõtrato que estava feyto em Allvito. (D. João III, 1502) [...]

Quanto à povoação destas Ilhas, são tão soberbos os Japões, que se tem pelos primeiros do Mundo, sobre o que fabulão cousas muito pera rir, de que brevemente diremos algumas. (D. Couto, 1542). (GIBRAIL, 2010, p. 86).

b) Deslocação de tópico pendente

e a sua nao Sant-lagofez dela Capitão Dom Francisco de Noronha, (D. Couto, 1542) [...]

no tocante á restituição da lingoagem, não lhe acho muito proposito, nem outro author que neste caso o favoreça. (B. de Brito, 1569). (GIBRAIL, 2010, p. 87).

Os resultados apresentados por Gibrail (2010) apontam para uma semelhança nos dados referentes aos séculos XVI e XVII quanto à topicalização/focalização do objeto, do sujeito e outros constituintes da oração com a projeção da ordem superficial com o verbo em segunda posição, o que, segundo a autora, corrobora a hipótese de Galves (2003), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), Ribeiro (1995), entre outros estudiosos, a respeito da natureza V2 da gramática do Português Arcaico e do Português Clássico. Os dados pesquisados por Gibrail (2010) referentes a textos de autores nascidos entre os séculos XVI e XVII e abrangendo as ordens superficiais V2/V3/V4 a levaram à seguinte constatação da predominância do verbo em segunda posição:

Do total de 1426 ocorrências de estruturas de tópico ou foco formadas nesses padrões de ordem, levantadas desses textos, verificamos que 83,5 % dessas construções projetam a ordem V2. Apenas 16,5% dessas ocorrências dispõem de objetos topicalizados/focalizados no padrão de ordem V3/V4, nas formas variantes XOVO/OXV, com a posição de X preenchida por outro constituinte da oração, inclusive pelo sujeito. (GIBRAIL, 2012, p. 87).

A autora comenta ainda que os dados analisados por ela mostraram a tendência entre os autores pesquisados de formar estruturas de tópico e/ou foco com a projeção da ordem superficial V2 em *orações raízes*, uma vez que apenas um percentual de 8,9% dessas produções ocorreu em *orações*

subordinadas (GIBRAIL, 2010). A ocorrência do verbo em segunda posição tanto em orações raízes quanto em orações subordinadas, ainda que em proporções díspares, revela um ponto tipológico interessante sobre o Português Clássico, pois, conforme chama a atenção a autora, trata-se de uma *língua V2 simétrica*, assim como o Ídiche e o Islandês. Este não seria o caso, por exemplo, do Alemão e do Holandês, considerados *línguas-V2 assimétricas*, pois nelas o verbo aparece regularmente em segunda posição em orações raízes, o que não se observa em orações subordinadas (ROBERTS, 2004, *apud* GIBRAIL, 2010). Esse comportamento simétrico do Português Clássico pode ser observado nos exemplos abaixo apresentados pela autora:

a) Topicalização/focalização V2 em orações matrizes:

O aviso do triguovos agradeçomuyto. (D. Couto, 1542) [...] Três géneros de cartas missivas assina o mesmo Túlio, aos quais alguns costumam reduzir muitas espécies delas. (R. Lobo, 1579). (GIBRAIL, 2010, p. 89).

b) Topicalização/focalização V2 em orações dependentes:

E, assim diz São Hierónimo que *tanta necessidade* tem o *cobiçoso* do que possui Cômodo que lhe falta, (R. Lobo, 1579) [...] Dizia um fidalgo deste reino que *três cousas* cuidava o *homem* que tinha e, na verdade, não as tinha. (M. Bernardes, 1644) (GIBRAIL, 2010, p. 89).

A autora também ressalta que há uma predominância da chamada inversão germânica⁷ – em que há contiguidade entre o verbo e o sujeito – nos textos pesquisados por ela: 83,6% contra 16,4% de inversão românica⁸ – ordem XVXS, em que algum elemento se intercala entre o verbo e o sujeito. Segundo Ribeiro (1995, *apud* GIBRAIL, 2010), isso pode estar relacionado às construções de topicalização ou de outras estruturas de deslocamento à esquerda clítica em que o elemento deslocado carrega um acento enfático.

Quanto aos objetos fronteados, os dados levantados por Gibrail (2010) mostram que podiam ser de diferentes categorias: pronomes demonstrativos, sintagmas nominais, pronomes pessoais, sintagmas quantificados e quantificadores nus. No entanto, os dados pesquisados pela autora atestam

⁷ Exemplo: “E *isto* cometeo o *Turco* [...]”. (GIBRAIL, 2010, p. 81).

⁸ Exemplo: “Não me espanto que *pelo mar* corram *perigo os homens*” (M. de Melo, 1608: Cartas). (GIBRAIL, 2010, p. 82).

uma frequência maior de fronteamento de sintagmas nominais em ambos os séculos abarcados por seu estudo. Abaixo segue a tabela confeccionada pela autora com as devidas quantificações dos dados referentes à frequência do fronteamento de diversas categorias de objeto em estruturas de topicalização/focalização V2 nos textos de autores dos séculos XVI e XVII:

Tabela 1. Fronteamento de diversas categorias de objeto.

Períodos	Séc 16	Séc 17
Pronome demonstr	19,2%	9,4%
Sintag nominal	62,2%	64,4%
Pronome pess	1,7%	1,1%
Sintag quantificado	14,1%	13,2%
Quantificador nu	2,8%	11,9%

Fonte: Gibrail (2010, p. 91)

Outro estudo que pode ajudar a esclarecer aspectos relacionados às ordenações de constituintes na diacronia do Português é a tese de Paixão de Sousa (2004). Entre outras questões, a autora destaca em sua análise a posição do sujeito em relação ao verbo e apresenta um dado que será bastante útil para o presente estudo. Ela afirma que as ordens VS, ou seja, com o sujeito posposto, apresentam uma queda de frequência nos textos de autores nascidos entre os séculos XVI e XIX, período em que

a proporção de VS em geral evolui na ordem de 0,18-0,18-0,21-0,22-0,09-0,09-0,08 [...] ou seja, entre a segunda metade do século 17 e a primeira metade do século 18 há uma queda (da faixa de 20% para a faixa de 10%) *definitiva* dessa ordem. (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 155).

Levar em conta a variação SV/VS é fundamental para se compreender o caráter V2 da gramática dos textos anteriores ao século XVIII. Nesses textos, conforme comenta Paixão de Sousa (2004), as proporções de sujeitos expressos pré-verbais e pós-verbais são muito próximas entre si: 0,34-0,22-0,31-0,27 para a ordem SV e 0,18-0,18-0,21-0,22 para VS, o que contrasta bastante com os dados apresentados pela autora referentes ao século XVIII, em que SV apresenta 0,42-0,36-0,42 contra 0,09-0,09-0,08 de VS. A autora conclui este fato da seguinte forma:

[...] isso significa que nos textos do século 16 e 17 a proporção de ordens XV e de ordens SV é comparável, o que pode indicar

um sistema em que *SV* é um subconjunto das ordens *XV*, e a posição pré-verbal está disponível para qualquer constituinte de *VP*, seja ou não focalizado. Ou seja: um sistema de tipo “*V2*”. (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p. 142).

Dentro do quadro teórico gerativista, as categorias funcionais representam importantes entidades na sintaxe das línguas naturais. Assim, uma oração se organiza em torno de núcleos funcionais que representam traços abstratos dos verbos, como *CP* (que expressa a complementização verbal); *IP* (que indica a flexão verbal); e a categoria lexical *VP*. Um avanço nessa área da teoria gramatical foi alcançado com a segmentação dessas categorias funcionais como, por exemplo, a divisão realizada por Pollock (1989) na categoria funcional *IP*. Ao analisar o movimento do verbo em Francês e Inglês, o autor apresenta uma abordagem mais articulada e detalhada da estrutura do *IP*, em que distingue as projeções máximas *AgrP*, *TP* e *NegP*, que se referem respectivamente aos traços de concordância, tempo e negação.

Essa proposta de explosão das categorias funcionais é levada adiante com Rizzi (1997), que apresenta a categoria *CP* de forma minuciosa, destacando as características de seus componentes e que lugares ocupam nesta parte do mapa das configurações sintáticas, conforme preconiza o Projeto Cartográfico (CINQUE e RIZZI, 2008). De início, Rizzi (1997) chama a atenção para dois tipos de informações observadas na região do *CP*: uma ‘olhando para fora’, ou seja, referindo-se à parte mais alta da estrutura e ao tipo de sentença (declarativa, interrogativa, exclamativa, relativa, adverbial etc.), e caracterizada por uma *força* (*ForceP*); e outra, ‘olhando para dentro’, ou seja, na interface com o conteúdo de *IP*, onde compartilha traços de modalidade e de tempo, e assim se caracteriza pela *finitude* (*FinP*).

O autor destaca que *ForceP* e *FinP* são imprescindíveis no *CP* assim concebido, no entanto, entre esses extremos os traços de tópico e foco podem se alojar respectivamente nos campos *TopP* e *FocP* os quais só serão ativados caso a oração o requeira. O autor esquematiza esta possibilidade conforme segue abaixo:

... *Force* ... (*Topic*) ...(*Focus*) ... *Fin IP*. (RIZZI, 1997, p. 288).

Ao abordar algumas diferenças entre tópico e foco, Rizzi (1997) destaca cinco contextos de ocorrência desses fenômenos. Assim, ele afirma inicialmente que um tópico pode estar associado a uma construção que apresenta um *clítico resumptivo* no comentário e ressalta ainda que em se tratando de objeto direto topicalizado o clítico é obrigatório em línguas como o Italiano, conforme o exemplo abaixo em que *Il tuo libro* (objeto direto) é retomado por *lo* (pronome clítico):

Il tuo libro, lo ho comprato.
“Your book, I bought it”. (RIZZI, 1997, p. 289).

Essa mesma frase do Italiano pode ser construída sem o pronome clítico, mas neste caso a interpretação para o constituinte deslocado *Il tuo libro* é a focalização, conforme mostra o exemplo apresentado pelo autor em que se observa o elemento focalizado escrito com letras maiúsculas e *t* indicando o vestígio deixado pelo movimento do constituinte:

IL TUO LIBRO, ho comprato t (non il suo).
“YOUR BOOK I bought (not his)”. (RIZZI, 1997, p. 290).

Outra conclusão apresentada pelo autor em relação à distinção entre topicalização e focalização é que um foco nunca propicia a co-referência pronominal conhecida como *cruzamento fraco* (*weakcross-over* ou *WCO*). Isso pode ser ilustrado com as frases italianas abaixo em que, na primeira, a co-indexação representada por \bar{i} relaciona o objeto direto *Gianni*, o possessivo *sua* e o pronome clítico com função resumptiva *lo*, portanto, uma construção de topicalização. Por outro lado, na segunda frase, o termo focalizado *GIANNI* sofre os efeitos do cruzamento fraco:

Gianni \bar{i} , sua \bar{i} madre lo \bar{i} ha sempre apprezzato
“Gianni, his mother always appreciated him”
?? GIANNI \bar{i} , sua \bar{i} madre ha sempre apprezzato t \bar{i} (non Piero)
“GIANNI his mother always appreciated, not Piero”. (RIZZI, 1997, p. 290).

Também, segundo destaca Rizzi (1997), elementos quantificacionais nus não podem ser tópicos de construções de deslocação à esquerda clítica e

neste tipo de orações o clítico deve ser eliminado e o elemento deslocado se caracteriza como foco. Exemplos:

* Nessuno, lo ho visto
“Noone, I saw him” [...]
NESSUNO ho visto t.
“NOONE I saw”. (RIZZI, 1997, p. 290).

O quarto ponto levantado por Rizzi (1997) é o que chama de *unicidade*, que se refere ao fato de haver apenas uma posição estrutural para abrigar o foco e, portanto, a focalização de dois elementos da sentença a torna agramatical como os seguintes exemplos atestam:

Il libro, a Gianni, domani, glielo darò senz'altro
“The book, to John, tomorrow, I'll give it to him for sure”
* A GIANNI IL LIBRO darò [...].
“TO JOHN THE BOOK I'll give” [...].(RIZZI, 1997, p. 290).

Na primeira frase acima, observa-se que a topicalização de mais de um elemento é possível: *Il libro* (objeto direto) e *a Gianni* (objeto indireto) constituem tópicos que são retomados pelo pronome clítico resumptivo composto *glielo*. Na segunda frase, a focalização simultânea dos elementos *A GIANNI* e *IL LIBRO* torna a frase agramatical.

Por fim, Rizzi (1997) fala da *compatibilidade com Wh*. O autor chama a atenção para o fato de um operador *Wh* interrogativo ser compatível com um tópico obedecendo à ordem fixa *Top Wh*; porém, tal operador se mostra incompatível com o foco. Os exemplos abaixo apresentados pelo autor mostram respectivamente uma oração interrogativa com um elemento topicalizado (*A Gianni*) seguido por um operador *wh* (*che cosa*), portanto, gramatical; em seguida, observa-se a agramaticalidade gerada pela infração da ordem *Top Wh*; e, por último, a incompatibilidade do operador *wh* com o foco:

A Gianni, che cosa gli hai detto?
“To Gianni, what did you tell him?”
*Che cosa, a Gianni, gli hai detto?
“What, to Gianni, did you tell him?”
* A GIANNI che cosa hai detto (, non a Piero)?
“TO GIANNI what did you tell (, not to Piero)?”.
(RIZZI, 1997, p. 291).

Ainda segundo Rizzi (1997), pode-se notar que ao lado da unicidade do foco uma sentença pode apresentar vários tópicos que se organizam à esquerda e/ou à direita de *FocP*; trata-se da *recursividade* do campo *TopP*. A partir de dados do Italiano, o autor ilustra esse fenômeno da seguinte forma:

- a. Credo che a Gianni, QUESTO, domani, gli dovremmo dire
C Top Foc Top IP
“I believe that to Gianni, THIS, tomorrow we should say”
 - b. Credo che domani, QUESTO, a Gianni, gli dovremmo dire
C Top Foc Top IP
 - c. Credo che domani, a Gianni, QUESTO gli dovremmo dire
C Top Top Foc IP
 - d. Credo che a Gianni, domani, QUESTO gli dovremmo dire
C Top TopFoc IP
 - e. Credo che QUESTO, a Gianni, domani, gli dovremmo dire
C Foc Top Top IP
 - f. Credo che QUESTO, domani, a Gianni, gli dovremmo dire
C Foc Top Top IP
- (RIZZI, 1997, p. 295, 296).

Levando em conta essa recursividade do tópico no sistema *ForceP/FinP* apresentado pelo autor, chega-se à seguinte representação:

[ForceP [TopP* [FocP [TopP* [FinP]]]]].
(RIZZI, 1997, *apud* BENINCÀ 2006).

A proposta de Rizzi (1997) quanto à recursividade de *TopP* é revista por Benincà(2006), para quem os tópicos só podem ser inseridos à esquerda de *FocP*. A autora afirma que os tópicos se articulam em dois campos distintos e detentores de propriedades sintáticas distintas, denominando o mais alto na estrutura de *FrameP*, e propõe a seguinte representação da expansão da categoria funcional *CP*:

[ForceP [FrameP [TopP [FocP [FinP]]]]].
(BENINCÀ, 2006, p. 4).

Assim, Benincà (2006) argumenta que as projeções *TopP* conforme apresentadas por Rizzi (1997) constituem *campos* providos de características semânticas e sintáticas específicas. A autora também acrescenta que o campo *TopP* pode abrigar diferentes tipos de tópicos ocupando projeções funcionais

bem definidas; o mesmo ocorrendo com FocP, onde diferentes tipos de focos podem se alojar.

Ao falar dos elementos que ocupam os campos mencionados acima, Benincà (2006) comenta, pensando principalmente no Italiano, que um integrante típico do campo FocP é um elemento *wh* ao passo que os campos FrameP e TopP acomodam frequentemente o *tópico pendente italiano* e a *deslocação à esquerda clítica*, respectivamente.

Ao tratar da tipologia dos tópicos no Italiano, Benincà (2006) destaca os *tópicos pendentes* e os *tópicos deslocados à esquerda* e sua diferenciação em quatro aspectos. Primeiramente, a autora ressalta que em Italiano um tópico pendente só pode ser constituído por um DP; um tópico deslocado à esquerda, por sua vez, se refere a um sintagma preposicional posicionado à esquerda. Isso é ilustrado pelas seguintes orações do Italiano apresentadas pela autora:

Mario/questo libro, non ne parla più nessuno. (HT)⁹
Mario/this book, not of-him talks anymore nobody
“Nobody talks about Mario/this book any more.”[...]
Di Mario/di questo libro, non (ne) parla più nessuno. (LD)¹⁰
of Mario/of this book, neg (of him) talks anymore nobody.
(BENINCÀ, 2006, p. 6).

A segunda distinção indicada pela autora para os dois tipos de tópicos é que no caso dos tópicos deslocados à esquerda faz-se necessário o uso de um pronome resumptivo *somente* com objetos diretos e partitivos, sendo tal uso facultativo nos demais casos. Quando há a presença de um clítico, este concorda em número, gênero e caso com o tópico deslocado à esquerda, conforme se observa no exemplo abaixo em que *lo* (pronome átono acusativo masculino singular) faz a tripla concordância com o elemento deslocado *Mario*. Quanto aos tópicos pendentes, requerem *sempre* um pronome resumptivo, que nem sempre é um clítico, como no exemplo abaixo em que aparece o pronome tônico *lui*:

Mario, *(lo) vedo domani. (LD)
Mario, (him) see tomorrow
“Mario, I’ll see him tomorrow.”
Mario, nessuno parla più di lui/ ne parla più. (HT)

⁹HT = *hanging topic* (tópico pendente).

¹⁰LD = *left dislocated* (deslocado à esquerda).

Mario, nobody talks anymore of him/of-him talks anymore
“As for Mario, nobody talks about him anymore.”
(BENINCÀ, 2006, p. 7).

Outra generalização apresentada por Benincà (2006) quanto à distinção desses tópicos é a de que só pode ocorrer numa sentença *um* tópico pendente, ao passo que *mais de um elemento* pode aparecer deslocado à esquerda, segundo se observa na agramaticalidade da primeira frase nos exemplos abaixo fornecidos pela autora:

*Mario, questo libro, non ne hanno parlato a lui. (*HT-HT)
Mario, this book, neg of-it have talked to him
A Gianni, di questo libro, non gliene hanno mai parlato (LD-LD)
To Gianni, of this book, neg to.him-of.it have never talked
“To John, about this book, they’ve never talked to him about it.”
(BENINCÀ, 2006, p. 7).

Por fim, a autora aborda a quarta distinção entre os tópicos do Italiano: tópicos pendentes podem ocorrer juntamente com tópicos deslocados à esquerda desde que obedçam à ordem superficial *HT-LD*:

Giorgio, ai nostri amici, non parlo mai di lui. (HT-LD)
Giorgio, to our friends, neg talk never of him
“As for Giorgio, to our friends, I never talk about him.”
*Ai nostri amici, Giorgio, non parlo mai di lui. (LD--HT)
to our friends, Giorgio, neg talk never of him. (BENINCÀ, 2006, p. 7).

Após discutir a distinção entre os tópicos do Italiano, Benincà (2006) retoma uma conclusão importante quanto à ordem relativa envolvendo os tópicos deslocados à esquerda e os elementos focalizados: um tópico só pode aparecer *acima* de FocP. Isso torna a ordem superficial Foc-LD agramatical, conforme se observa nos seguintes exemplos fornecidos pela autora:

Il tuo amico, A MARIA, lo presenterò! (LD-Foc)
the your friend, TO MARIA, him introduce
“Your friend, TO MARIA, I’ll introduce him.”
? A MARIA, il tuo amico, lo presenterò! (? Foc-LD).
TO MARIA, the your friend, him introduce. (BENINCÀ, 2006, p. 8).

Conforme comenta a autora, a eliminação do pronome resumptivo *lo* na frase agramatical acima a torna gramatical: “A MARIA, il tuo amico, presenterò!” (BENINCÀ, 2006, p. 8). Neste caso, não há, segundo a autora,

contradição com a afirmação de que a ordem relativa Foc-LD é agramatical, pois se trataria na verdade de dois elementos focalizados (Foc-Foc), sendo que somente aquele posicionado na extrema esquerda (*A MARIA*) é enfático. Neste contexto, ambos os focos se alojam em um campo para o qual podem se mover mais de um elemento obedecendo a um critério de ordem, ou seja, a ênfase no elemento que aparece à extrema esquerda dentro do campo FocP. Assim, a autora chega a uma representação em que se distinguem três campos básicos (representados entre chaves) e várias projeções e as restrições de ordem, ou seja, tópicos pendentes ocupando posição mais alta, seguidos pelos tópicos deslocados à esquerda e, por fim, os elementos focalizados, que, por sua vez, se ordenam de acordo com a ênfase:

{Frame ..[HT]..} {Topic ...[LD]....} {Focus[EmphFocus] ...[UnmFocus]....}.
(BENINCÀ, 2006, p. 9).

A ordem relativa dos elementos que aparecem na periferia esquerda da sentença pode ser analisada, como descreve Benincà (2006), levando-se em consideração as expressões *wh-* interrogativas e relativas. Numa oração interrogativa principal, um elemento *wh-* lexicalizado não se separa do verbo e a sequência formada (*wh-* – verbo) é obrigatoriamente precedida por um tópico pendente ou tópico deslocado à esquerda (*HT* ou *LD*). Isso pode ser evidenciado nos exemplos do Italiano que a autora cita indicando a agramaticalidade da frase que se inicia com *wh-*:

Questo libro, a chi l'hai dato? (LD-*wh* - V)
this book, to whom it-have given
"This book who did you give it to?"
*A chi questo libro, l'hai dato? (**wh* – LD V)
to whom this book, it-have given
Mario, quando gli hai parlato? (HT – *wh* – V)
Mario, when to-him have spoken
"Mario, when did you talk to him?".
Questo libro, a Mario, quando gliene hai parlato? (HT–LD–*wh*-
V)
this book, to Mario, when to-him-of-it have spoken?
"This book, to Mario, when did you talk to him about it?".
(BENINCÀ, 2006, p. 9).

Conforme se deduz dos exemplos acima, a posição alta dos tópicos reserva para a expressão *wh-* um lugar mais baixo na estrutura, precisamente

no campo FocP. Assim, a autora representa a sequência resultante da seguinte forma:

{Frame ..[HT]..} {Topic ...[LD]....} {Focus ...[wh] V}.
(BENINCÀ, 2006, p. 10).

Uma expressão *wh*- relativa, por sua vez, ocupa uma posição mais alta no campo funcional, como frisa a autora. Contrariamente ao que ocorre com elementos *wh*- interrogativos, quando assumem função relativa¹¹ na oração aparecem à esquerda dos tópicos:

Lo chiederò *a chi queste cose* le sa bene. (rel *wh* – LD)
it will-ask to whom these things them knows well
“I will ask this of those who know these things well.”
*Lo chiederò *queste cose a chi* le sa bene. (*LD – rel *wh*)
It will-ask these things to whom them knows well.
(BENINCÀ, 2006, p. 10).

A autora também frisa que a mesma observação acima é válida para o complementizador que encabeça uma oração dependente, ou seja, ele se aloja numa região mais alta na categoria funcional CP, com a ressalva de que não pode estar mais alto do que um tópico pendente. As três frases abaixo ilustram como isso ocorre no Italiano; a agramaticalidade da primeira frase advém da preposição do elemento topicalizado *di questo libro* em relação ao complementizador *che*:

*Sono certa *di questo libro che* non (ne) ha mai parlato nessuno. (*LD-*che*)
am certain of this book that neg (of-it) has never talked nobody
Sono certa *questo libro che* non ne ha mai parlato nessuno.
(HT – *che*)
am certain this book that neg of-it has never spoken nobody
“I am certain that nobody ever talked about this book.”
Sono certa *che di questo libro* non ne ha mai parlato nessuno.
”(che – LD)
am certain that of this book neg of-it has never spoken nobody
“I am certain that nobody ever talked about this book.”(BENINCÀ, 2006, p. 11).

O caráter V2 da sintaxe das línguas românicas medievais é também destacado por Benincà (2006). A autora entende sintaxe V2 como a ativação

¹¹Como destaca Benincà (2006), em muitas línguas um mesmo elemento *wh*- pode desempenhar numa oração função interrogativa e em outra, função relativa.

obrigatória da categoria CP em orações principais, e não como o simples fato de o verbo ocupar a segunda posição. Também, ressalta a autora que tais línguas compartilham características comuns resultantes da sintaxe V2 como, por exemplo, a inversão do sujeito em relação ao verbo em orações raízes e apresentando algum constituinte (distinto do sujeito) em primeira posição. Como essas línguas do Romance Medieval são todas *pro-drop*, continua a autora, os sinais da gramática V2 na estrutura superficial não são imediatamente perceptíveis.

No que concerne aos elementos pré-verbais na sintaxe V2 do Romance Medieval, Benincà (2006) atesta duas classes de elementos: operadores sentenciais (palavras muito frequentes como *assim* ou *então*) e objetos prepostos. A hipótese da autora é a de que esses elementos ocupam a posição de especificador no campo FocP. Entre os elementos prepostos e adjacentes ao verbo, ela chama a atenção para o objeto direto *não* retomado por um pronome clítico resumptivo e ilustra isso com frases de línguas pertencentes ao Romance Medieval como o Francês, o Provençal, o Espanhol, o Português, o Piemontês, o Milanês, o Veneziano, o Florentino e o Siciliano (nos exemplos, o objeto direto aparece em itálico e o verbo, em caixa alta):

La traison LI A CONTÉ que li vasals a apresté. (oFr.; *Enéas*, 23-24)
 the treason him has told that the vassal has prepared
 “He told him about the treason that was planned by the vassal.”
 [...]
Mal cosselh DONET Pilat. (oProv.; *Venjansa de la mort de Nostre Senhor*)
 bad advice gave Pilatus
 “Pilatus gave bad advice.”
 Este logar MOSTRO *dios* a Abraam. (oSp.; Fontana 1993:64)
 this place showed God to Abraam
 “God showed Abraham this place.”
Tal serviço LHE PODE fazer hûn homen pequeno. (oPort.; Huber 1933)
 such service to-him can do a man short
 “A short man can do this service for him.”
una fertra FEI lo reis Salomon ... *Las colonas* FEI d'argent e *l'apoail* FEI d'or; *li degrai per unt hom i montava* COVRÌ de pur pura. (oPied.; *Sermoni subalpini*, 232)
 a sedan-chair made the king Solomon ... The columns made of-silver and the-support made of gold; the steps through which man there mounted covered of purple

“King Solomon made a sedan chair. He made the columns of silver and the support of gold; he covered the steps on which one climbed up with purple.”

Questa obediencia de morire REGUIRIVA lo Padre a lo Fiolo (oMil.; *Elucidario*, 123)

this obedience of to-die demanded the Father to the Son

“The Father exacted this submission to die from the Son.”

et lo pan ch’ e aveva en man DÉ per la bocha a Madalena.

(oVen.; *Lio Mazor*, p. 27)

and the bread that I had in hand slammed on the mouth to Madalena

“and I slammed the bread that I had in my hand on Madalena ‘s mouth.”

*L’uscio MI LASCERA*I aperto istanotte (oFlor.; *Novellino*, 38)

the-door to.me will.leave2sg open tonight

“You will leave the door open for me tonight.”

Guiderdone ASPETTO avere da voi. (oSic.; Scremin 1984-5)

guerdon expect1sg to-have from you

“I expect compensation from you.” (BENINCÀ, 2006, p. 18-19).

A autora atesta também alguns exemplos que se contrastam com os supracitados pelo fato de apresentarem uma cópia clítica posicionada *sempre* à direita do verbo, ou seja, em construção enclítica. As orações abaixo do Úmbrio, do Florentino e do Espanhol Antigos, fornecidas como evidência pela autora, mostram esse contraponto (a cópia clítica aparece em itálico):

[Lo primo modo] chiamo/lo estato temoruso (oUmbr., *Jacopone*)

the first mode call1sg.it state timorous

“I call the first type (of love) timorous state.”

A voi [le mie poche parole ch’avete intese] holle dette con grande fede (oFlor.; Schiaffini, 282)

to you the my few words that-have2pl heard have-them said with great faith

“The few words that you heard from me I pronounced with great faith.”

[a los otros] acomendo-/os adios. (oSp.; Fontana 1993, 153)

and to the others commended3sg.them to god

“And he commended the others to God.” (BENINCÀ, 2006, p. 19-20).

Assim, Benincà (2006) apresenta uma generalização dos objetos prepostos, segundo a qual, numa oração raiz, um objeto pode preceder o verbo e dispensar um pronome clítico resumptivo *somente* se nenhum material lexical se intercalar entre o objeto e o verbo, a menos que este material seja um clítico ou marcador da negação. Disso se conclui que em estruturas V2, em orações

raízes, o NP complemento deve ocorrer de maneira adjacente do complexo verbal [V, negV, clV, clnegV ou negclV].

O levantamento e a análise das diversas possibilidades de ordenação de constituintes, como a dos NPs acusativos nos quais a presente pesquisa se concentra, beneficiam-se bastante dos estudos das mudanças profundas que ocorreram na história do Português Europeu. A colocação dos clíticos, ou seja, dos pronomes átonos, e sua relação com fatos sintáticos tais como a variação ênclise/próclise, o *scrambling* de constituintes, a interpolação¹² do marcador de negação e de constituintes diversos, tem recebido bastante atenção de pesquisadores em Linguística Histórica uma vez que revela mudanças profundas que delimitam a periodização do Português Europeu. Um desses estudos é a tese de doutorado de Namiuti (2008) que discorre sobre a história gramatical do Português levando em consideração a colocação dos pronomes clíticos no contexto da interpolação de constituintes diversos, que deixou de ser uma prática produtiva nos textos referentes ao século XVI, e a interpolação específica do marcador de negação *não*, que permanece produtiva e ganha novos contextos de realização, apontando para uma mudança na gramática, visível nesse período.

A autora faz, de início, a distinção entre *interpolação generalizada* e *interpolação da negação*, explicando que a primeira, desencadeada pela contiguidade entre o clítico e um elemento subordinante em CP¹³, refere-se a diversos constituintes que, no Português Antigo, se mostram intercalados entre um clítico e o verbo (cl-X-V) tais como o sujeito, sintagmas preposicionais, sintagmas adverbiais, o objeto direto, o objeto indireto, núcleos predicativos de natureza adjetival, o particípio passado, o infinitivo, constituintes de redobro do clítico, quantificadores, o vocativo, e oração reduzida. Quanto à *interpolação da negação*, Namiuti (2008) a considera especial devido a sua produtividade tanto no Português Antigo quanto no Português Médio. De acordo com a autora, a palavra *não* que expressa a negação sentencial, apresenta-se sempre contígua ao verbo em todos os períodos da história da língua, além disso, apresenta um comportamento distinto dos demais advérbios quanto ao desencadeamento da

¹² Fenômeno em que um *clítico* não está adjacente ao *verbo* e entre eles se intercala algum constituinte da frase.

¹³ Portanto, o contexto próprio da ocorrência da interpolação generalizada é o das orações dependentes em que o clítico se posiciona contíguo a um complementizador, tal como *que*.

próclise, pois diferentemente desses, *não* jamais licenciou a interpolação de constituintes entre um pronome clítico e o verbo, de modo que a ordem *negação-clítico-XP-Verbo* nunca foi atestada. Outra distinção entre *não* e os demais advérbios, conforme destaca a autora, é que *somente* um clítico pode interpor-se entre a negação e o verbo. Seguem abaixo exemplos dos dois tipos de interpolação:

a) Interpolação generalizada:

Dizem que **a de linhas ou traços achou** Philocteegitio ou ueramente Cleanthe coryntho; e os primeiros que a exercitaram forão Ardice coryntho, e Thelefanosicionio, sem algumacolor, e com tudo lançauão por dentro as linhas. (Holanda, 1517: |H001_1517| |00007|). (NAMIUTI, 2008, p. 69).

a) Interpolação da negação:

Depois da batalha vencida efteve El Rey D. Affonfo tres dias no campo, como hee de coftume fazerem os Reysfe forçados, necefidade **lhes nom vem**, (Galvão, 1435: |0399| [g009_p82]). (NAMIUTI, 2008, p. 67).

Segundo Namiuti (2008), a perda da interpolação generalizada atestada em textos do século XVI representa uma mudança relacionada com o domínio de hospedagem do pronome clítico. A autora interpreta a variação entre próclise com adjacência do clítico ao complexo verbal *versus* interpolação generalizada nos textos de autores nascidos na segunda metade do século XV e primeira metade do XVI como o reflexo de uma situação típica de mudança – um quadro de *competição de gramática* no sentido delineado por Kroch (2001). Conforme ressalta a autora, na gramática do Português Arcaico, o clítico ocupava uma posição alta em um núcleo acima daquele onde o verbo se posiciona. De acordo com Namiuti (2008) essa mudança na posição do clítico associada a uma sintaxe V2, que permite o fenômeno do fronteamento e ao caráter clítico e funcional do operador de negação *não* explica as ordens relativas dos pronomes átonos que se atesta nos textos referentes ao Português Médio, como: a) a preferência pela próclise com adjacência entre o pronome clítico e o verbo tanto em orações subordinadas (perda da interpolação generalizada) quanto em orações raízes (perda da ênclise

V2/CL2); b) o aumento de **C-X-clnV**¹⁴; e c) o aparecimento de interpolação da negação em orações raízes não-dependentes em contextos de variação 'clV'/'Vcl' (NAMIUTI, 2008, p. 10).

Namiuti (2008) não considera que a perda da interpolação generalizada tenha sido causada pela perda da possibilidade de fronteamto. A autora argumenta que a interpolação de constituintes diversos já é obsoleta no século XVI, ao passo que o fenômeno do fronteamto persiste até o século XVIII. De início a autora apresenta e discute dados de Martins (1994, *apud* NAMIUTI, 2008) e Parcerro (1999, *apud* NAMIUTI, 2008) acerca da ordem clXV, ou seja, a interpolação de constituintes diversos. Esses dados apontam para uma considerável produtividade da interpolação generalizada no século XV, que vai se reduzindo até desaparecer dos textos referentes ao século XVII, como o trabalho de Parcerro (1999, *apud* NAMIUTI, 2008) atesta. No entanto, como destaca Namiuti (2008), a ordem XclV com o clítico contíguo ao verbo, ou seja, configurando próclise, e um elemento qualquer em posição de fronteamto, mostra-se bem frequente nos textos de autores do século XVII, o que corrobora a afirmação de que a perda da interpolação generalizada não implicou a perda do fronteamto.

Assim, a gramática do Português Médio¹⁵ (doravante PM) caracteriza-se, segundo Namiuti (2008), pela permanência de propriedades V2, como o fenômeno do fronteamto, observadas neste período. A possibilidade de frontear diversos constituintes do IP/VP aliada à perda do movimento alto do clítico no PM explica, segundo a autora, a predominância da próclise sobre a ênclise nas orações raízes neutras introduzidas por um XP, o surgimento da ordem X-clnV nesse contexto e a produtividade da ordem C-X-clnV – em que

¹⁴ C: complementizador; X: qualquer sintagma (XP), cl: pronome clítico; n: não; v: verbo.

¹⁵ Na proposta de Galves et al (2006), o Português Médio corresponde ao período cujo ponto de inflexão estaria situado entre os séculos XIV e XV e que se estende até o século XVIII, quando emerge a gramática Português Europeu Moderno. Segundo as autoras, a gramática do Português Médio é caracterizada por novas formas que surgem nos dados, ao passo que antigas formas vão se tornando obsoletas. Os novos contextos de interpolação da negação, atestados no século XV, somados a novos padrões de ordenação e contiguidade nas orações dependentes com interpolação da negação, à predominância da próclise em orações não-dependentes e o desaparecimento gradual da interpolação generalizada foram os principais indícios para identificar o surgimento do PM e seu período de intersecção com o PA. Já o surgimento de ênclise em estruturas V3 (orações não-dependentes), somada ao desaparecimento de interpolação da negação em orações não-dependentes V2 e ao aumento da ênclise nas orações afirmativas V2, também em orações não-dependentes, foram os principais indícios do surgimento do PE e seu período de intersecção com o PM.

clnV refere-se à interpolação do marcador de negação *não* – nas orações subordinadas, em substituição à ordem antiga, isto é, C-cl-X-nV, em que o clítico ocupava posição alta na estrutura, contíguo ao complementizador

A variação da interpolação generalizada e da próclise com adjacência entre o clítico e o verbo foi pesquisada pela autora a partir de dados extraídos de vinte textos de autores nascidos entre os séculos XV e XIX e contidos no *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe. Conforme a autora e seguindo a tabela abaixo apresentada por ela, já se nota um declínio da interpolação generalizada no texto mais antigo contemplado pela pesquisa, pois dos 182 dados referentes ao texto de Duarte Galvão (1435-1517), 40% correspondem a esse tipo de interpolação e 60% à próclise com adjacência cl-V.

Tabela 2. Variação Interpolação Generalizada/Próclise.

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
C-CLX V	73	0	76	37	3	7	0	0	9	2	0	0	0	0	0	0	0	0	12	0
	0,40	0,00	0,44	0,15	0,01	0,02	0,00	0,00	0,02	0,004	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,05	0,00
CX CLV	109	17	98	207	308	416	387	430	586	472	346	234	264	295	641	446	159	385	247	168
	0,60	1,00	0,56	0,85	0,99	0,98	1,00	1,00	0,98	0,996	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	0,95	1,00
TOTAL de dados (CclXV e CX CLV)	182	17	174	244	311	423	387	430	595	474	346	234	264	295	641	446	159	385	259	168

Fonte: NAMIUTI (2008, p. 52)

Dada sua importância como elemento revelador de grandes mudanças ocorridas na história gramatical do Português, o marcador de negação *'não'* ocupa um lugar central nas discussões contidas na tese de Namiuti (2008). Uma dessas discussões acerca de *não* é seu caráter clítico, algo que distancia ainda mais *não* dos demais advérbios. Quanto à maneira de construir o *clítico negativo*, a autora apresenta de início a interpretação tradicional do fenômeno, ou seja, a do movimento da negação para I^o, o núcleo do sintagma da flexão verbal IP localizado, segundo essa tradição, *acima* de NEGP¹⁶, dominando-o, portanto.

Conforme discute a autora, os estudos gerativistas do final dos anos 1980 e início dos 1990 se centraram na negação sentencial e muitos são os

¹⁶ Sintagma de Negação (em inglês, *Negative Phrase*).

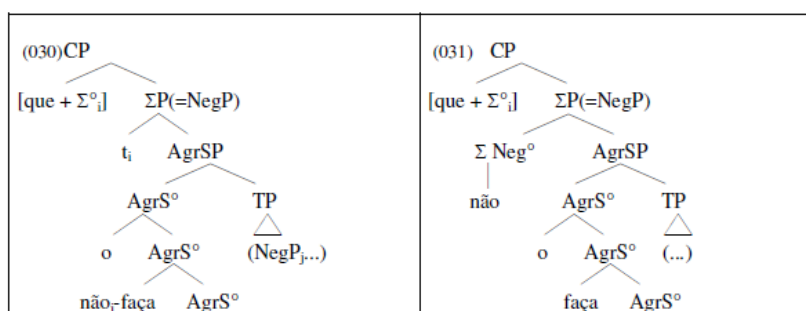
trabalhos sobre este tema apresentando diferentes propostas para a questão. Assim, segundo Namiuti (2008), grande parte desses estudos afirma que uma sentença negativa está relacionada com uma categoria funcional plena designada NegP, cujo núcleo ou especificador deve conter uma palavra negativa adequada. No entanto, a autora ressalta que o lugar ocupado por esta categoria funcional na estrutura da frase é um assunto envolto em muita polêmica e, citando Mioto (1992, *apud* NAMIUTI, 2008, p. 130), apresenta as três posições em que NegP pode aparecer:

- i. CP [**NEGP**] [AgrP] [TP] [VP]
- ii. CP [AgrP] [**NEGP**] [TP] [VP]
- iii. CP [AgrP] [TP] [**NEGP**] [VP].

A posição alta de NegP na estrutura implica, segundo aponta Namiuti (2008), um problema teórico quanto à assimetria do lugar ocupado pelo sujeito em frases negativas e interrogativas, pois no primeiro caso seria o especificador de NegP, ou seja, ocuparia uma posição alta na sentença; e no segundo caso, seria o especificador de IP, em posição baixa na estrutura. A autora passa então a discutir a proposta apresentada por Martins (1994), com base nos estudos de Laka (1990, *apud* NAMIUTI, 2008), Beletti (1997, *apud* NAMIUTI, 2008), da categoria funcional Σ P localizada entre CP e IP e responsável pelas operações que envolvem a negação e a afirmação sentencial, podendo ser instanciado como foco. Segundo essa proposta, o problema da assimetria da posição do sujeito estaria solucionado, pois ocuparia o lugar de especificador de Σ P tanto nas sentenças afirmativas quanto nas negativas.

Para Martins (1994), segundo comenta Namiuti (2008), a natureza da categoria funcional Σ P explicaria a colocação dos pronomes clíticos nas diversas línguas românicas: fenômenos como a ênclise em orações matrizes, as elipses de VP e a possibilidade de se responder afirmativamente apenas com um verbo pleno (por exemplo, em Português: “*Vocês moram aqui?*” – “*Moramos*”) são observados somente em línguas nas quais Σ apresenta *traços-Verbais* fortes. Ainda discutindo a proposta de Martins (1994), Namiuti (2008) comenta que para essa autora, a natureza do marcador de negação *não* que se manifesta interpolado em algumas gramáticas não é de um núcleo

autônomo, mas de um morfema associado ao verbo; e que, nas gramáticas que não licenciam a interpolação de *não*, este seria o núcleo da categoria funcional ΣP . A seguinte representação apresentada por Namiuti (2008) ilustra essa proposta; na primeira frase, *não* e o verbo estão incorporados em AgrS, ao passo que na segunda frase, *não* é o núcleo lexical de ΣNeg° :



Fonte: Namiuti (2008, p. 140)

Namiuti (2008) menciona ainda que para Martins (1994) a categoria funcional ΣP , além de estar relacionada à negação, à afirmação (enfática ou não) e ao foco informacional, possui também traços de subordinação, derivando, portanto, as sentenças interrogativas e subordinadas. Um indício dessa relação entre Σ° e a categoria funcional CP apresentada por Martins (1994), segundo salienta Namiuti (2008), é a seleção feita por alguns verbos, tais como *proibir* e *impedir*, de um complementizador e um complemento frásico com valor afirmativo – ou seja, $\Sigma\text{-Af}$ – enquanto que outros permitem a seleção de um complementizador associado tanto a valores $\Sigma\text{-Af}$ quanto a $\Sigma\text{-Neg}$.

Diferentemente de Martins (1994), Namiuti (2008, p. 174) defende que em todas as fases da história da escrita portuguesa a negação caracteriza-se como “a realização morfológica do núcleo de ΣP na sua instanciação negativa”, situada acima de IP, mas do tipo +I (com caráter flexional), e que, em toda a história do Português, verifica-se *um único* operador de negação situado em $\Sigma\text{-Neg}^\circ$. A proposta de Namiuti (2008), com base na linha teórica da morfologia distribuída, é de que o núcleo $\Sigma\text{-Neg}^\circ$ apresenta traços verbais fortes e, como tais, precisam ser visíveis na forma fonológica (PF), o que implica sua incorporação a I°. No Português Clássico a concatenação entre I° e Σ° , por conta de suas propriedades V2, podia ocorrer na sintaxe por alçamento do

verbo para o núcleo Σ , com a perda das propriedades V2. No Português Europeu, a autora propõe que a concatenação passa a ocorrer por meio de uma operação de *abaixamento* de Σ^0 para a esquerda do núcleo I^0 , essa operação “deve ocorrer no componente morfológico antes da inserção vocabular e linearização” (NAMIUTI, 2008, p. 182).

Neste percurso teórico que subsidiará a presente pesquisa, cabe citar ainda a tese de doutorado de Antonelli (2011) que retoma a hipótese de uma gramática V2 existente no Português Antigo e Médio ao tratar a sintaxe da posição do verbo e sua relação com as propriedades de fronteamto de XP's diversos nessa língua no período compreendido entre o século XVI e o XIX. Após uma investigação de 11 textos anotados do *Corpus Tycho Brahe* abrangendo o período de tempo supracitado, o autor afirma que, quanto ao movimento do verbo, o Português dos séculos XVI e XVII se mostra idêntico às línguas V2 prototípicas, principalmente as assimétricas, diferenciando-se apenas no tocante à sintaxe do fronteamto de XP's diversos. Quanto aos séculos XVIII e XIX, o autor defende que o Português dessa fase não licencia mais as propriedades de uma língua V2.

A questão da assimetria/simetria das línguas V2 é discutida por Antonelli (2011) com a apresentação de duas hipóteses que podem ser aplicadas a essas duas vertentes do fenômeno. O autor aborda de início a *Hipótese CP-V2*, segundo a qual, em sentenças matrizes com ordem linear V2, ocorre o movimento do verbo para o núcleo C^0 da categoria funcional CP com o fronteamto de um XP, que ocupa a posição de especificador de CP, e o sujeito assume posição pós-verbal. No entanto, em orações subordinadas, línguas CP-V2, como o Alemão, o Dinamarquês e o Sueco, apresentam assimetria na posição do verbo que ocupa posição baixa na estrutura, o que na sintaxe visível significa dizer que aparece na extrema direita da frase.

Conforme menciona Antonelli (2011), em línguas V2 simétricas como o Islandês e o Lídiche o verbo permanece na segunda posição linear independentemente de a oração ser matriz ou dependente. Segundo comenta o autor, a proposta dessa hipótese é que o verbo se move para o núcleo I^0 de IP e que um XP qualquer é fronteamto na posição de especificador de IP, e o sujeito é normalmente pós-verbal.

Antonelli (2011) apresenta também a proposta cartográfica de Rizzi (1997) de um CP cindido no intuito de ampliar o subsídio teórico para sua análise do movimento verbo no Português Médio, com especial atenção para o fenômeno V2. Assim, segundo ressalta o autor, para Roberts (2004, *apud* ANTONELLI, 2011) nas orações raízes de línguas V2 o verbo se move para a projeção Fin*¹⁷ ao passo que nas subordinadas ocorre a concatenação do complementizador a fim de suprir o requerimento fonético de Fin*. Segundo comenta Antonelli (2011), a presença de um XP qualquer frontado é típico das línguas V2 encontra embasamento teórico em Roberts (2004, *apud* ANTONELLI, 2011) e sua afirmação de que o núcleo Fin* encerra um traço EPP¹⁸ que exige a presença de um sintagma na posição de especificador da categoria FinP.

A posição pós-verbal do sujeito pode instanciar-se em dois tipos de inversão: a germânica, em que há contiguidade entre o verbo e o sujeito; e a românica, em que algum elemento se intercala entre o verbo e o sujeito. Quanto a essas inversões, Antonelli (2011) argumenta que o movimento do verbo é sempre para a mesma posição, ou seja, para a periferia esquerda da sentença em orações matrizes, ao passo que o sujeito assume duas posições distintas, a depender do tipo de inversão observado. Nesse contexto, na inversão germânica, ocorreria o deslocamento do sujeito para a posição de especificador de TP. A inversão românica, por sua vez, seria caracterizada pela permanência do sujeito em posição baixa em VP.

¹⁷ Componente do CP conforme a proposta do quadro teórico cartográfico e que deve conter uma realização lexical (ROBERTS *apud* ANTONELLI, 2011).

¹⁸ Princípio da Projeção Estendida (do inglês *Extended Projection Principle*), que nessa proposta se refere ao “requerimento que um núcleo pode manifestar determinando que o seu especificador seja preenchido por um XP apropriado” (CHOMSKY, 2004; ROBERTS, 2004, *apud* ANTONELLI, 2011, p. 54).

3. CORPORA E METODOLOGIA

3.1 O *Corpus* Informatizado do Português Medieval

Os estudos em Linguística Histórica constituem-se essencialmente de textos escritos. Tal fato traz alguns desafios para essas investigações, pois se percebe que quanto mais se recua na linha do tempo, mais escassos se tornam os registros escritos. Nessas condições, os poucos documentos disponíveis pertencentes aos períodos mais antigos da história da língua revestem-se de extrema importância para o linguista histórico e um *corpus* eletrônico que os reúna e os apresente com recursos adaptáveis às suas investigações representa um avanço no âmbito dos estudos diacrônicos. O *Corpus* Informatizado do Português Medieval¹⁹ foi idealizado com esse fim, ou seja, auxiliar os estudiosos que se interessam por dados de fases antigas do Português a realizar suas investigações.

O CIPM foi criado em 1993 por uma equipe formada por linguistas e estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com o financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Educação e Ciências de Portugal e disponibiliza textos latino-romances (século IX ao século XII)²⁰ e textos portugueses (século XII ao século XVI) (CIPM, 1993)²¹.

A metodologia seguida pela equipe envolve a digitalização e posterior correção dos textos. Em seguida empreende-se a introdução de anotações, cujo objetivo é adequar os textos dos editores às normas do CIPM. Segue abaixo um resumo dessas anotações:

¹⁹ Doravante CIPM.

²⁰ No momento não é possível acessar tais textos.

²¹ Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em 06/01/2012.

3.1.1 Anotações do CIPM

a) Referências

Abrangem, sempre que possível²², os dez seguintes pontos:

- Texto
 - Século
 - Data
 - Região (província)
 - Lugar (proveniência do texto)
 - Notário
 - Documento e nº do texto
 - Livro / Parte
 - Título / Capítulo
 - Lei
- (CIPM, 2011)

b) Comentários

Os comentários provenientes da edição dos textos são apresentados em parênteses duplos: (()). Tais comentários podem se referir: a) ao assunto do texto; b) à localização do texto, em que se obtém informação sobre livro, folha etc.; c) à data completa do texto (letra D seguida da data); d) ao título do texto; e) à linha do texto (letra L seguida do número da linha); f) à página (P seguido do número da página); g) e, enfim, às divisões internas do texto ((a)).

c) Normas de transcrição do CIPM

1	Informações referentes ao aparato crítico dos editores, tais como notas ou textos introdutórios, são suprimidas no CIPM;
2	a) Dados entre parênteses referem-se a um desenvolvimento (). Ex.: <i>m(orador)</i> ; b) quando o desenvolvimento é duvidoso, utiliza-se, sem espaço, um sinal de interrogação no fim da palavra (?). Ex.: <i>fr(atre)s(?)</i> ; d) a falta de desenvolvimento é indicada por (---?). Ex.: <i>Eo(---?)</i> .

²² Em caso de informação duvidosa, há dois procedimentos: ou se utilizam duas alternativas para o dado (por exemplo, *Século: 12/13*) ou recorre-se ao ponto de interrogação logo depois do dado.

3	<p>O uso de colchetes [] indica intervenção dos editores quanto a:</p> <p>a) trechos ilegíveis, palavras ou grafemas raspados ou atingidos por acidente do suporte. Ex.: <i>[Co]noç[u]da</i>;</p> <p>b) lacunas preenchidas ou acréscimos feitos por eles. Ex.: <i>podero[so]; [por]</i>;</p> <p>c) à substituição ou à transposição de caracteres, como indicam os seguintes exemplos: <i>patre>pa[rt]e</i>; <i>daras> [f]aras</i>;</p> <p>d) lacunas que podem ter sido deixadas tanto pelo escriba quanto pela própria deterioração do material, que neste caso são indicadas por reticências: <i>[...]</i>;</p> <p>e) ocorrência de um símbolo gráfico não legível, caso em que se recorre a um ponto: <i>[.]</i>;</p> <p>f) possibilidade de outra leitura, o que se indica por um sinal de interrogação logo antes do dado. Ex. <i>[?vijr]</i>;</p> <p>g) supressão de fragmentos, caso em que se utiliza a seguinte indicação: [[?]].</p>
4	<p><i>//</i>: indica grafemas ou palavras em letra diferente no manuscrito. Ex. <i>ant/e/</i>.</p>
5	<p>O uso de <i>/?/</i> imediatamente depois do dado refere-se a leitura duvidosa. Ex.: <i>nahu~a/?/</i>;</p>
6	<p>/sic/: expressão utilizada logo após o dado para indicar erro não corrigido ou forma estranha: <i>erda/sic/</i>;</p>
7	<p> : indica grafemas ou palavras presentes nos textos que os editores consideram que não devem ser lidos ou repetições dos copistas. Ex.: <i>demandado r </i>;</p>
8	<p>Grafemas, palavras ou frases entre linha são transcritos entre . Ex.: <i> domos </i>;</p>
9	<p>{ } indica grafemas ou palavras riscados. Ex.: <i>{M(a)r(avedi)}</i></p>
10	<p>// //: representam grafemas ou palavras borrados. Ex. <i>//logar//</i>;</p>
11	<p>{{ }}: refere-se a trechos escritos em latim. Ex.: <i>{{in secula seculoru~.}}</i>.</p>

12	<p>Adaptação grafemática:</p> <p>a) quando na edição um diacrítico figurar sobre o grafema, o texto informatizado o apresentará à direita deste (com exceção de ñ). Assim:</p> <table border="1" data-bbox="391 353 1270 689"> <thead> <tr> <th>Editores</th> <th>CIPM</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ã →</td> <td>a~</td> </tr> <tr> <td>á →</td> <td>a´</td> </tr> <tr> <td>ê →</td> <td>e^</td> </tr> <tr> <td>ȳ (com barra sobreposta) →</td> <td>y~</td> </tr> <tr> <td>ÿ (nasal) →</td> <td>y~</td> </tr> </tbody> </table> <p>b) outros grafemas:</p> <table border="1" data-bbox="523 797 1141 1182"> <thead> <tr> <th>Editores</th> <th>CIPM</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>notatironiana →</td> <td>&</td> </tr> <tr> <td>σ →</td> <td>s</td> </tr> <tr> <td>ʃ →</td> <td>s</td> </tr> <tr> <td>Ʒ (z visigótico) →</td> <td>z</td> </tr> <tr> <td>ʝ →</td> <td>r</td> </tr> <tr> <td>ρ →</td> <td>r</td> </tr> </tbody> </table>	Editores	CIPM	ã →	a~	á →	a´	ê →	e^	ȳ (com barra sobreposta) →	y~	ÿ (nasal) →	y~	Editores	CIPM	notatironiana →	&	σ →	s	ʃ →	s	Ʒ (z visigótico) →	z	ʝ →	r	ρ →	r
Editores	CIPM																										
ã →	a~																										
á →	a´																										
ê →	e^																										
ȳ (com barra sobreposta) →	y~																										
ÿ (nasal) →	y~																										
Editores	CIPM																										
notatironiana →	&																										
σ →	s																										
ʃ →	s																										
Ʒ (z visigótico) →	z																										
ʝ →	r																										
ρ →	r																										
13	<p>Sinais de pontuação:</p> <p>a) \$ → caldeirão²³;</p> <p>b) % → ponto final.</p>																										
14	<p>Números romanos:</p> <p>a)</p> <table border="1" data-bbox="502 1464 1158 1585"> <thead> <tr> <th>Editores</th> <th>CIPM</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>X?(aspado) (= 40) →</td> <td>X^L</td> </tr> </tbody> </table> <p>b) A casa dos milhares é indicada por números romanos com M sobrescrito, enquanto que nos textos dos editores adota-se o número romano com barra sobreposta. Por exemplo: <i>III com barra sobreposta</i> → III^M.</p>	Editores	CIPM	X?(aspado) (= 40) →	X ^L																						
Editores	CIPM																										
X?(aspado) (= 40) →	X ^L																										
15	<p>Supressões:</p> <p>a) pontos (nos numerais e nas séries):</p>																										

²³ Sinal de suspensão.

		Editores	CIP	
		III. →	III	
		a.b.c. →	abc	
	b) signos notariais; c) sinal de translineação; d) sinal de corte de linha.			
16	#: no CIPM, tal sinal indica numerais em romano. Ex.: #III.			

3.1.2 Características do CIPM

O CIPM traz ainda relatórios sobre os textos com informações úteis para se empreender pesquisas sobre determinado documento, tais como o número de palavras, o século, a data, a região, o lugar e uma sigla que o identifica (por exemplo, *CHP002*). Disponibilizam-se também os comentários já existentes nas edições – os quais são transcritos em parênteses duplos –, além das adaptações das convenções editoriais àquelas do CIPM que foram necessárias para o documento em questão. São fornecidas também as referências dos editores dos textos que integram o *corpus*.

Outro recurso bastante útil é o chamado *DVPM – Dicionário de Verbos do Português Medieval – Séculos 12 e 13/14*, que conta com 790 verbos extraídos de um *corpus* textual totalizando 171.000 palavras. Cada entrada do DVPM contém: a) forma gráfica (às vezes registram-se as alografias); paradigma flexional (apresentando o número de ocorrências e também o código da fonte textual referente a cada forma gráfica); propriedades semânticas (com a aceção em português contemporâneo); propriedades sintáticas; exemplos de frases em que ocorre o verbo; etimologia; e o número de ocorrências no *corpus*.

A etiquetagem dos textos encontra-se em fase de desenvolvimento. No entanto, já está disponível a etiquetagem morfológica de 6 textos do *corpus*:

- a) *CA - Chancelaria de D. Afonso III*;
- b) *CHP - Documentos Notariais in Clíticos na História do Português*;
- c) *HGP - Textos Notariais Galego-Portugueses*;
- d) *NT - Notícia de Torto*;

e) TL - Testamento de D. Afonso II (manuscrito de Lisboa);

f) TT - Testamento de D. Afonso II (manuscrito de Toledo).

3.1.3 Textos do CIPM que Integram a Presente Pesquisa

A escolha dos textos do CIPM que serão analisados na presente pesquisa considerou tanto a dimensão temporal quanto a espacial em que os textos se distribuem a fim de se mapear o comportamento de constituintes frásicos, em especial NP-ACC. Durante a análise dos textos abaixo discriminados, a atenção se voltará para as possíveis mudanças na diacronia do Português da fase histórica abarcada pelo CIPM, mas também se pretende observar o comportamento dos dados em sua distribuição geográfica, procurando notar o que tais dados linguísticos mostram acerca das mudanças desencadeadas por um evento pertencente à história externa do Português, ou seja, a Reconquista de territórios empreendida pelo Reino de Portugal rumo ao Sul (NAMIUTI, 2011).

Assim, procurou-se escolher textos provenientes de diversas regiões e cidades com o intuito de se obter um quadro geográfico bem variado; o mesmo ocorreu com a distribuição temporal dos textos.

Tabela 3. Século XII.

Texto	Data	Região	Lugar	N. de Palavras	Doc.
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	2ª metade/ séc. 12	Douro Litoral	Moreira	515	CHP001
Documentos Notariais	2ª metade/ séc. 12	Douro Litoral	Pedroso	600 ²⁴	DN001
Documentos Notariais	2ª metade/ séc. 12	Douro Litoral	Moreira		DN002
Total de palavras				1.115	

Tabela 4. Século XIII.

Texto	Data	Região	Lugar	N. de Palavras	Doc.
Notícia de Torto	1214?	Minho	Braga	775	NT
Testamento de D. Afonso II: Ms L	1214	Beira Litoral	Coimbra	1.412	TL
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1268	Douro Litoral	Cete	408	CHP002

²⁴ Este total inclui o documento DN002.

Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1272	Douro Litoral	Pendorada	177	CHP003
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1273	Douro Litoral	Pedroso	399	CHP004
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1273	Douro Litoral	Mouriz	396	CHP005
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1275	Beira Litoral	Sabugal	631	CHP006
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1277	Minho	Guimarães	639	CHP007
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1277	Douro Litoral	Benviver	434	CHP008
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1278	Beira Alta	Lafões	491	CHP009
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1278	Douro Litoral	Igreja	539	CHP010
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1278	Beira Litoral	S Martinho de Mateus	286	CHP011
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1279	Douro Litoral	Gaia	561	CHP015
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1282	Douro Litoral	Maia	292	CHP017
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1285	Douro Litoral	Ansede	156	CHP018
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1287	Douro Litoral	Vilarinho	525	CHP020
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1293	Douro Litoral	Vila da Feira	259	CHP024
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1295	Douro Litoral	Porto	465	CHP026
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1299	Douro Litoral	Fajozes	314	CHP029
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1299	Douro Litoral	Roriz	485	CHP030
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1260	Estremadura	Chelas	255	CHP031
Textos Notariais in Clíticos na História do Português	1266	Estremadura	Sintra	302	CHP033
Textos Notariais in Clíticos na História do	1292	Ribatejo	Azambuja	1.226	CHP044

Português					
Chancelaria D. Afonso III	1255	Estremadura	Lisboa	483	CA001
Chancelaria D. Afonso III	1265	Alentejo	Monsaraz	1.632	CA004
Chancelaria D. Afonso III	1266	Beira Litoral	Coimbra	565	CA005
Chancelaria D. Afonso III	1269	Alentejo	Alcântara	227	CA009
Chancelaria D. Afonso III	1273	Alentejo	Évora	255	CA019
Chancelaria D. Afonso III	1257	Douro Litoral	Arouca	363	CA022
Chancelaria D. Afonso III	1277	Beira Litoral	Lorvão	297	CA025
Textos Notariais in História do Galego-Português	1262	Coruña	Nendos	356	HGP001
Textos Notariais in História do Galego	1262	Coruña	Betanzos	717	HGP002
Textos Notariais in História do Galego	1269	Coruña	Trasancos	471	HGP004
Textos Notariais in História do Galego	1281	Coruña	Sobrado	281	HGP005
Textos Notariais in História do Galego	1282	Coruña	La Coruña	489	HGP006
Textos Notariais in História do Galego	1282	Coruña	Puentedeume	368	HGP007
Textos Notariais in História do Galego	1300	Coruña	Sobrado	584	HGP008
Textos Notariais in História do Galego	1255	Lugo	Portomarín	258	HGP019
Textos Notariais in História do Galego	1257	Lugo	Monforte	429	HGP020
Textos Notariais in História do Galego	1258	Lugo	San Cibrão	527	HGP021
Textos Notariais in História do Galego	1258	Lugo	Zolle	112	HGP022
Textos Notariais in História do Galego	1258	Lugo	Fréan	195	HGP023
Textos Notariais in História do Galego	1278	Lugo	Temes	468	HGP025
Textos Notariais in História do Galego	1281	Lugo	Quiroga	444	HGP026
Textos Notariais in História do Galego	1286	Lugo	Monterroso	405	HGP028
Textos Notariais in História do Galego	1298	Lugo	Monforte	313	HGP029
Textos Notariais in História do Galego	1267	Orense	Orcellán	255	HGP052
Textos Notariais in História do Galego	1274	Orense	Monterrey	497	HGP053
Textos Notariais in História do Galego	1276	Orense	Allariz	242	HGP054
Textos Notariais in História do Galego	1285	Orense	Oseira	381	HGP056
Textos Notariais in História do Galego	1287	Orense	Ribadavia	339	HGP057
Textos Notariais in	1290	Orense	Monterrey	881	HGP058

História do Galego					
Textos Notariais in História do Galego	1267	Pontevedra	La Guardia	212	HGP091
Textos Notariais in História do Galego	1280	Pontevedra	Bayona	339	HGP097
Textos Notariais in História do Galego	1280	Pontevedra	Deza	276	HGP098
Textos Notariais in História do Galego	1282	Pontevedra	Tebra	305	HGP100
Textos Notariais in História do Galego	1287	Pontevedra	Pontevedra	502	HGP103
Textos Notariais in História do Galego	1289	Pontevedra	Tuy	977	HGP105
Textos Notariais in História do Galego	1290	Pontevedra	Salvaterra	1.018	HGP106
Textos Notariais in História do Galego	1285	Douro Litoral	S Pedro de Rates	278	HGP139
Textos Notariais in História do Galego	1281	Minho	Terra de Faria	297	HGP152
Textos Notariais in História do Galego	1269	Coruña	Trasancos		HGP004
Textos Notariais in História do Galego	1281	Coruña	Sobrado		HGP005
Textos Notariais in História do Galego	1257	Lugo	Monforte		HGP020
Textos Notariais in História do Galego	1258	Lugo	San Cibrão		HGP021
Textos Notariais in História do Galego	1281	Lugo	Quiroga		HGP026
Textos Notariais in História do Galego	1286	Lugo	Monterroso		HGP028
Textos Notariais in História do Galego	1267	Orense	Orcellán		HGP052
Textos Notariais in História do Galego	1274	Orense	Monterrey		HGP053
Textos Notariais in História do Galego	1276	Orense	Allariz		HGP054
Textos Notariais in História do Galego	1285	Orense	Oseira		HGP056
Textos Notariais in História do Galego	1287	Orense	Ribadavia		HGP057
Textos Notariais in História do Galego	1290	Orense	Monterrey		HGP058
Textos Notariais in História do Galego	1290	Pontevedra	Salvaterra		HGP106
Textos Notariais in História do Galego	1281	Minho	Terra de Faria		HGP152
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1289	Ribatejo	Santarém	786	TOX002
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1293	Ribatejo	Benavente	619	TOX003
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1293	Estremadura	Torres Vedras	266	TOX006
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1269	Alentejo	Avis	238	TOX011

T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1278	Trás-os-Montes	Lamego	191	TOX014
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1277	Douro Litoral	Gordimães	425	TOX016
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1278	Beira Alta	Viseu	374	TOX019
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1300	Estremadura	Lisboa	474	TOX021
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1292	Beira Litoral	Leiria	352	TOX023
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1296	Beira Alta	Pinhel	236	TOX024
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1300	Beira Alta	Sul	367	TOX026
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1286	Trás-os-Montes	Mogadouro	223	TOX032
T. Notariais do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1290	Trás-os-Montes	Bragança	245	TOX036
Foros de Garvão	1280?	Alentejo	Garvão	639	FG1
Tempos dos Preitos - Título 0	1280?	Beira Alta		1.588 ²⁵	TP
Tempos dos Preitos - Título 1	1280?	Beira Alta			TP
Tempos dos Preitos - Título 2	1280?	Beira Alta			TP
Tempos dos Preitos - Título 3	1280?	Beira Alta			TP
Tempos dos Preitos - Título 4	1280?	Beira Alta			TP
Tempos dos Preitos - Título 5	1280?	Beira Alta			TP
Tempos dos Preitos - Título 6	1280?	Beira Alta			TP
Tempos dos Preitos - Título 7	1280?	Beira Alta			TP
Tempos dos Preitos - Título 8	1280?	Beira Alta			TP
Tempos dos Preitos - Título 9	1280?	Beira Alta			TP
Dos Costumes de Santarém	1294	Alentejo	Oriola	5.450	CS1
Total de palavras				41.181	

²⁵Total de palavras referente a todos os textos desta série.

Tabela 5. Século XIV.

Texto	Data	Região	Lugar	N. de Palavras	Doc.
T. Notariais in História do Galego-Português	1329	Coruña	Sobrado	294	HGP009
T. Notariais in História do Galego	1333	Coruña	Santiago de Compostela	683	HGP010
T. Notariais in História do Galego	1367	Coruña	Monfero	751	HGP014
T. Notariais in História do Galego	1385	Coruña	Anca	499	HGP015
T. Notariais in História do Galego	1302	Lugo	Lugo	358	HGP030
T. Notariais in História do Galego	1310	Lugo	Lorenzana	1.738	HGP034
T. Notariais in História do Galego	1316	Lugo	Monforte	388	HGP036
T. Notariais in História do Galego	1335	Lugo	Chantada	805	HGP037
T. Notariais in História do Galego	1302	Orense	Montederrano	331	HGP060
T. Notariais in História do Galego	1302	Orense	Allariz	2.214	HGP061
T. Notariais in História do Galego	1314	Orense	Oseira	332	HGP065
T. Notariais in História do Galego	1315	Orense	Lamas	344	HGP066
T. Notariais in História do Galego	1333	Orense	Caldelas	285	HGP068
T. Notariais in História do Galego	1348	Orense	Camba	654	HGP071
T. Notariais in História do Galego	1367	Orense	Ramira's	291	HGP074
T. Notariais in História do Galego	1396	Orense	Oseira	710	HGP076
T. Notariais in História do Galego	1301	Pontevedra	Salvaterra	578	HGP118
T. Notariais in História do Galego	1301	Pontevedra	San Martiño	421	HGP119
T. Notariais in História do Galego	1302	Pontevedra	Tebra	432	HGP120
T. Notariais in História do Galego	1305	Pontevedra	Lanzada	241	HGP123
T. Notariais in História do Galego	1316	Pontevedra	Pontevedra	416	HGP124
T. Notariais in História do Galego	1325	Pontevedra	Sta Maria Dózon	544	HGP130
T. Notariais in História do Galego	1333	Pontevedra	Deza	555	HGP131
T. Notariais in História do Galego	1309	Douro Litoral	Miragaia	300	HGP142
T. Notariais in História do Galego	1313	Douro Litoral	Maia	574	HGP143
T. Notariais in História do Galego	1303	Minho	Braga	513	HGP153
T. Notariais in História do Galego	1317	Minho	Terra de Faria	553	HGP154

T. Notariais in História do Galego	1327	Minho	Prado	359	HGP155
T. Notariais in História do Galego	1335	Minho	Guimarães	499	HGP160
T. Notariais in História do Galego	1345	Minho	Cabeceiras de Basto	516	HGP161
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1304	Minho	Miranda	230	CHP070
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1307	Minho	Guimarães	192	CHP071
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1310	Douro Litoral	Aguiar de Sousa	2.183	CHP073
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1310-1311	Minho	Guimarães	360	CHP074
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1312	Douro Litoral	Mudelos	150	CHP075
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1328	Douro Litoral	Vilarinho	416	CHP081
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1339	Douro Litoral	Quinta da Ramada	973	CHP087
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1342	Minho	Braga	695	CHP090
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1350	Minho	Monção	589	CHP091
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1364	Minho	S. Pedro do Rio	561	CHP095
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1365	Douro Litoral	Pombeiro	644	CHP097
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1370	Minho	Codesosa	666	CHP099
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1379	Douro Litoral	Sá	997	CHP101
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1305	Estremadura	Lisboa	735	CHP108
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1316	Estremadura	Alenquer	587	CHP113
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1337	Ribatejo	Santarém	342	CHP121
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1341	Estremadura	Lavradio	733	CHP123
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1366	Estremadura	Lisboa	462	CHP133
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1367	Estremadura	Alenquer	568	CHP134
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1372	Estremadura	Chelas	723	CHP136
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1383	Estremadura	Arruda	641	CHP142
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1394	Estremadura	Aldeia Galega	474	CHP145
T. Notariais in Clíticos da História do Port.	1397	Estremadura	Lisboa	242	CHP146
Documentos Notariais	1304	Minho	Miranda	231	DN074
Documentos Notariais	1310	Douro Litoral	Represas	2.209	DN077
Documentos Notariais	1312	Douro Litoral	Mudelos	153	DN079
Documentos Notariais	1342	Minho	Braga	700	DN094
Documentos Notariais	1350	Minho	Monção	598	DN095
Documentos Notariais	1364	Minho	S. Pedro do Rio	567	DN099

Documentos Notariais	1365	Douro Litoral	Pombeiro	647	DN101
Documentos Notariais	1370	Minho	Codesosa	666	DN103
Documentos Notariais	1379	Douro Litoral	Sá	1.003	DN105
Documentos Notariais	1397	Minho	Braga	239	DN110
Documentos Notariais	1397	Minho	Guimarães	705	DN111
Documentos Notariais	1308	Douro Litoral	Cete	227	DN114
Documentos Notariais	1316	Estremadura	Alenquer	588	DN118
Documentos Notariais	1337	Ribatejo	Santarém	342	DN126
Documentos Notariais	1386	Douro Litoral	Moreira	462	DN152
T. Not. do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1309	Estremadura	Alcoentre	219	TOX015
T. Not. do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1309	Algarve	Silves	279	TOX017a
T. Not. do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1309	Algarve	Silves	69	TOX017b
T. Not. do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1309	Algarve	Albufeira	280	TOX018a
T. Not. do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1309	Algarve	Albufeira	92	TOX018b
T. Not. do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1310	Trás-os-Montes	Val de Paço	382	TOX022
T. Not. do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1311	Alentejo	Serpa	227	TOX028
T. Not. do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1336	Alentejo	Estremoz	259	TOX033
T. Not. do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1322	Alentejo	Garvão	199	TOX034
T. Not. do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1310	Douro Litoral	Vila Boa	182	TOX038
T. Not. do Arquivo de Textos do P. A. (Oxford)	1320	Beira Litoral	Vacariça	434	TOX040
Dos Costumes de Santarém	1340-60	Alentejo	Alvito	3.347	CS2
Dos Costumes de Santarém	1331-1347	Alentejo	Borba	9.409	CS3
Total de palavras				56.054	

Portanto, o total de palavras dos 169 textos do CIPM considerados nesta pesquisa é de 98.350, sendo distribuídos por século da seguinte forma: 1.115 palavras de textos do século XII; 41.181 palavras referentes a textos do século XIII; e 56.054 palavras de textos do século XIV.

3.2 O *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe

O *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe²⁶, desenvolvido no âmbito do projeto temático *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Linguística*²⁷, foi concebido a partir do modelo do *Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English* (PPCME) da Universidade da Pensilvânia (GALVES e BRITTO, 1998) e tem o objetivo de disponibilizar, via acesso livre pela Internet²⁸, textos escritos em português ao longo de sua história – *corpus* diacrônico – em um formato que visa a auxiliar pesquisadores que atuam na área de Linguística Histórica, uma vez que o rápido acesso a um grande volume de dados lhes possibilita empreender estudos confiáveis estaticamente e com a recuperação de informações categoriais e estruturais que são bastante úteis às análises em morfologia e sintaxe histórica.

O CTB se norteia por dois objetivos básicos: a) a disponibilização de textos num formato que atende ao pesquisador ou ao linguista interessado na história da língua, ou seja, os documentos que compõem o CTB não são uma sequência de fac-símiles, mas se apresentam como um conjunto de caracteres, o que facilita grandemente as pesquisas por unidades textuais mínimas; b) o desenvolvimento de ferramentas de análise linguística automática, a exemplo do etiquetador morfológico e o analisador sintático. O resultado é a possibilidade de se tratar um grande volume de dados em pouco tempo, o que constitui para o linguista histórico um auxílio inestimável.

O CTB será utilizado na presente investigação para o tratamento dos textos referentes ao período compreendido entre o século XVI e XIX. Trata-se de um *corpus* eletrônico contendo atualmente 53 textos (em sua maioria, contando com 50.000 palavras cada, totalizando um *corpus* de mais de 2.000.000 de palavras) – dos quais 15 apresentam a anotação sintática e 32, a anotação morfológica – e que representa um avanço para as pesquisas em linguística histórica do português.

²⁶ Doravante CTB.

²⁷ Projeto temático financiado pela FAPESP (1997-2009), coordenado pela Professora Dra. Charlotte Galves (UNICAMP).

²⁸ Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html>.

3.2.1 Anotações Morfológicas do CTB

Conforme mencionado acima, o CTB foi construído a partir da metodologia do *Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English* (PPCME) da Universidade da Pensilvânia. No entanto, por se tratar do estudo de uma língua românica, o Português Europeu em sua diacronia, o *corpus* em questão precisou de anotações morfológicas e sintáticas próprias ou adaptadas à descrição das idiossincrasias de uma língua consideravelmente distinta do inglês. Vejam-se na sequência, resumidamente, as anotações morfológicas contidas no CTB:

a) *verbos*

Segundo informa o manual de anotações morfológicas do CTB, a etiquetagem de verbos se refere a dois grupos: 1) verbos plenos (representados pela sigla VB); 2) um grupo menor de verbos (representados pelas siglas SR, ET, TR e HV, *ser*, *estar*, *ter* e *haver*, respectivamente) que em sua diacronia figuram ora como verbos plenos, ora como auxiliares. Para atender à rica morfologia dos verbos portugueses, muitas vezes são necessárias etiquetas que indicam a flexão conforme atestam os seguintes exemplos em que se usa a letra *F* para indicar o infinitivo flexionado (uma característica do Português) e *P* para expressar o tempo verbal Presente:

a ser/SR exemplo de emendas
para sermos/SR-F completos e felices
não é/SR-P muito que assim me acôlha...(CTB, 2012).

b) *concordância*

As etiquetas referentes à concordância visam captar a riqueza morfológica do Português no tocante a substantivos, pronomes, determinantes, adjetivos, quantificadores, participios, etc. Exemplo:

a noite fermosa/ADJ-F. (CTB, 2012).

c) *substantivos*

Dado o comportamento sintático diverso observado entre substantivos comuns e próprios, atribuem-se respectivamente as etiquetas *N* e *NPR* a fim de distingui-los. Tais etiquetas contemplam apenas o número dos substantivos, tendo em vista a irrelevância do contexto sintático quanto à atribuição do gênero a esta classe de palavras (CTB, 2012). Assim, notem-se os exemplos:

O jantar/*N* fôra agradabilíssimo.
Ao ver El-Rei/*NPR* ao longe... (CTB, 2012).

d) *pronomes*

Ainda segundo o CTB (2012), a partir da dicotomia *pronomes fortes/pronomes deficientes* que é marcante na história do Português Europeu e outras línguas romances, justifica-se o uso de etiquetas distintas a fim de distinguir pronomes fortes em posição de sujeito e objeto, os quais são indicados por *PRO* e os pronomes clíticos, identificados por *CL*. Há também referência à mesóclise por meio do sinal diacrítico *!* e aos pronomes possessivos, etiquetados com *PRO\$*. Exemplos:

Eu/*PRO*, tu/*PRO*, ele/*PRO*, ela/*PRO*.
Mim/*PRO*, ti/*PRO*, si/*PRO*.
Já o/*CL* havia dado a mi...
Ser-lhe-há/ *SR-R*²⁹*!CL*.
Meu/*PRO\$*, teu/*PRO\$*, seu/*PRO\$*. (CTB, 2012).

e) *determinantes*

Reservou-se a esta classe a etiqueta *D*, que abrange também os *demonstrativos flexionados* acompanhados de etiquetas adicionais de gênero e número. Como ressalta o CTB (2012), visto que os demonstrativos neutros apresentam comportamento de pronome, houve a necessidade de se lhes atribuir uma etiqueta distinta: *DEM*. Uma distinção na etiquetagem também foi

²⁹ A etiqueta *R* se refere a tempo futuro.

necessária para *um* (*a*) com intuito de contemplar traços (referência/quantidade) que o diferenciam de outros artigos: *D-UM*. Vejam-se os exemplos:

A/D-F videira.
Aqueles/D-P³⁰ homens.
Por isso/DEM a razão derrubou os ídolos...
Um/D-UM quilo de forragem.
Uma/D-UM-F flor. (CTB, 2012).

f) *adjetivos, advérbios e quantificadores*

Adjetivos são etiquetados como *ADJ* e normalmente acompanhados de outras etiquetas que se referem a gênero (*F*, *feminino*; ou *G*, para adjetivos que se aplicam aos dois gêneros), número (*P*, plural) e grau (*R/S*, comparativo e superlativo, respectivamente). Por sua vez, *ADV* indica os advérbios de tempo, lugar e modo. Por fim, a etiqueta *Q* é usada para se referir a itens lexicais que quantificam entidades ou eventos, sendo que os quantificadores negativos são identificados por *Q-NEG* (CTB, 2012). Exemplos:

Por ser bonito/ADJ.
Uma formosa/ADJ-F igreja ...
Um homen grande/ADJ-G e uma mulher amável/ADJ-G.
...melhores/ADJ-R-G-P casas que/C essas.
Mulher belíssima/ADJ-S-F.
Rápida/ADV e sorateiramente/ADV.
muito/Q trabalho a fazer...
se devem vigiar mais, que nenhuma/Q-NEG-F-P outras.
(CTB, 2012).

g) *conjunções*

Às conjunções coordenativas foi atribuída a etiqueta *CONJ* (ou *CONJ-NEG* para *nem*), ao passo que às subordinativas, *CONJS*³¹. Os complementizadores, por sua vez, recebem a etiqueta *C*. Vejam-se os seguintes exemplos:

³⁰ A etiqueta *P* indica o número plural.

³¹ Nos arquivos anotados, utiliza-se a etiqueta *C* para as conjunções subordinativas.

Teria chegado e/CONJ saído sem ninguém perceber...
Não fez o pedido, nem/CONJ-NEG sabia dizer quem o fizera...
Quando/CONJS fores embora,
Para dizer a Vossa Mercê que/C esta vida/N entra a ser
exemplo de emendas... (CTB, 2012).

h) *elementos interrogativos / relativos*

Para indicar elementos interrogativos, utilizam-se as etiquetas *WPRO*, *WADV*, *WQ* (as quais se referem a interrogativos diretos e indiretos) e *WD* (para determinantes interrogativos). Quanto aos elementos relativos, recebem as seguintes etiquetas: *WPRO* e *WPRO\$*. Exemplos:

O/D que/WPRO queres...?
Quão/WADV verdadeiro é o sentimento (...).
E perguntavas se/WQ não havias de se entregar.
Qual/WD processo/N procuras?
O homem que/WPRO veio...
O homem cujo/WPRO\$ caráter... (CTB, 2012).

i) *preposições*

Identificadas pela etiqueta *P*, normalmente vêm associadas a outras etiquetas como *D*, *DEM*, *Q* etc. Seguem alguns exemplos:

Com/P certeza/N.
Trabalhei pela/P+CL³² servir.
¿Porque/P+WPRO³³ o não fará? (CTB, 2012).

j) *locuções preposicionais e locuções conjuncionais*

Como ressalta o CTB (2012) em seu manual de anotação morfológica, a história das línguas tem evidenciado que os elementos que entram na composição dessas locuções mudam em sua diacronia de uma classe de palavras a outra. A etiquetagem isolada de seus elementos gera um problema computacional: a impossibilidade de seleção automática dos referidos elementos a partir do *corpus*. A fim de evitar tal impasse, a solução inicial foi codificar esses itens como *words-as-unit*. No entanto, para otimizar a eficiência

³² Em combinação com um clítico.

³³ Em combinação com elemento interrogativo.

computacional, *apesar de*, *acerca de*, *no entanto* e *não obstante* receberam etiquetas individuais: *P ... P*; *ADV ... P*; *P+D ... ADV*; e *NEG ... ADJ-G*, respectivamente.

k) *outro*

Como destaca o CTB (2012), este é mais um exemplo que o compromisso com a precisão linguística de um lado e a eficiência computacional de outro acarretaram. Assim, não se faz distinção na etiquetagem entre *outro* em seu uso anafórico/reflexivo e seu uso como adjetivo (OUTRO/ADJ). Passa-se a usar indistintamente a mesma etiqueta conforme mostram os seguintes exemplos:

Abraçaram-se uns aos outros/OUTRO-P.
O outro/OUTRO homem que partiu... (CTB, 2012).

l) *partículas de foco*

Itens como *só*, *mesmo*, *até* são codificados com a etiqueta *FP*.
Exemplos:

Só/FP os padres podem...
Até/FP Sua Senhoria diria que... (CTB, 2012).

m) *números cardinais*

Neste caso, utiliza-se a etiqueta *NUM*, a qual se aplica apenas a esta classe de números, uma vez que os ordinais são tratados como adjetivos e recebem a etiqueta *ADJ*. Cabe ressaltar também que *NUM* não se aplica a *um/uma*, que, como se viu acima, são identificados com *D-UM/D-UM-F*, respectivamente. Vejam-se alguns exemplos:

Em 1538/NUM...
um/D-UM milhão/N e/CONJ dois/NUM mil/NUM florins/N-P.
(CTB, 2012).

n) *negação*

Representa-se com *NEG* (*não*), que se associa a outras etiquetas no *corpus*: *CONJ-NEG* (*nem*); *ADV-NEG* (*nunca*); *Q-NEG* (*nada, ninguém, nenhum*); *SENAO* (*senão*). Seguem alguns exemplos:

Não/NEG se fará...
Não fez o pedido, *nem/CONJ-NEG* sabia dizer quem o fizera...
se devem vigiar mais, que *nenhumas/Q-NEG-F-P* outras.
(CTB, 2012).

o) *interjeições*

Para tais, utiliza-se a etiqueta *INTJ*. Exemplo:

Oh/*INTJ*. (CTB, 2012).

p) *palavras estrangeiras ou desconhecidas*

Indicadas respectivamente por *FW* e *XX*. Exemplos:

repartindo-se/ pro/FW rata/FW
Pax/FW Christi/FW. (CTB, 2012).

q) *pontuação*

Por fim, há ainda etiquetas que contemplam a pontuação, como as *aspas (QT)*. Note-se o exemplo:

"/QT. (CTB, 2012).

3.2.2 Anotações Sintáticas do CTB

Como ressalta o CTB (2012), a anotação sintática do CTB também se delinea a partir da filosofia e do quadro geral do *Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English (PPCME)* da Universidade da Pensilvânia. Seguem abaixo suas principais características:

1. NP – Sintagma Nominal

Conforme frisa o CTB (2012) em seu manual de anotação sintática, a presença de um substantivo não é o único contexto de sua projeção; também os pronomes e clíticos fortes, demonstrativos, quantificadores, números ou pronomes possessivos podem estar associados a sintagmas nominais. O CTB apresenta as seguintes etiquetas relacionadas ao NP:

Etiqueta	Descrição	
	Inglês	Português
NP-SBJ	subject NP	sintagma nominal sujeito
NP-ACC	direct object NP	sintagma nominal objeto direto
NP-DAT	indirect object NP	sintagma nominal objeto indireto ³⁴
NP-GEN	genitive NP	sintagma nominal genitivo ³⁵
NP-LFD	left dislocated NP	sintagma nominal deslocado à esquerda
NP-ADV	adverbial NP	sintagma nominal adverbial
NP-VOC	vocative NP	sintagma nominal vocativo
NP-PRN	parenthetical NP	sintagma nominal apositivo
NP-SE	non argumental SE clitics	sintagma nominal referente a clíticos se não argumentais

1.1. NP-SBJ

1.1.1. Sentenças finitas

Todas as sentenças finitas apresentam uma sentença com a etiqueta NP-SBJ, a qual pode ser nula³⁶ ou lexicalizada.

1.1.2. Sentenças infinitivas

Em sentenças infinitivas em que o sujeito não é realizado lexicalmente, não se insere nenhuma categoria nula, exceto nos seguintes casos: sujeitos

³⁴ Para os clíticos.

³⁵ Refere-se a traços de clíticos dentro de NPs e pronomes possessivos resumptivos.

³⁶ Caso em que se acrescenta uma das seguintes etiquetas: *exp*(sujeito nulo expletivo); *pro*(sujeito nulo referencial); *arb*(sujeito vazio em construção causativa); ou *T*(traços de um operador).

nulos de verbos infinitivos pessoais e sujeitos arbitrários de complementos infinitivos de verbos causativos (CTB, 2012).

1.1.3. Sujeitos em *Small Clauses*

Como ressalta o CTB (2012), as chamadas *small clauses* têm sempre um sujeito. Isso pode ser percebido no destaque em negrito do seguinte exemplo:

((IP-MAT (NP-SBJ (D-F-P As)
 (N-P gentes)
 (ADJP (VB-AN-F-P penetradas)
 (PP (PP (P de)
 (NP (N admiração))
 (, ,))
 (CONJP (CONJ e)
 (PP (P de)
 (NP (N respeito))))))
 (, ,))
 (VB-P acham)
 (IP-SMC (ADJP (VB-AN-P unidos)
 (PP (P em)
 (NP (PRO\$-F Vossa) (NPR Majestade))))
(NP-SBJ (Q-P muitos)³⁷
 (N-P atributos)
 (ADJ-P gloriosos)
 (, ,)
 (CP-REL (WNP-11 (WPRO que))
 (IP-SUB (NP-SBJ *T*-11)
 (ADVP (ADV raramente))
 (NP-ACC (CL se))
 (VB-D puderam)
 (VB unir)
 (ADVP (ADV bem))))))
 (ID AIRES,03.13). (CTB, 2012).

1.2. NP-ACC

Esta etiqueta indica sintagmas nominais que desempenham a função de argumento interno do verbo, isto é, de objeto direto (*ACC = accusative*, ou seja,

³⁷Grifo nosso. O mesmo vale para os exemplos 1.2 a 7.2 abaixo.

acusativo, o caso que expressa objeto direto). Isso pode ser ilustrado com a seguinte oração anotada sintaticamente:

((IP-MAT (NP-SBJ (D O) (NPR General) (NPR Lille))
 (VB-D ocupava)
 (PP (P com)
 (NP (D-F a) (PRO\$-F sua) (N divisão)))
(NP-ACC (D o)
(N sul)
(PP (P de)
(NP (D o) (NPR Tejo))))))
 (ID ALORNA,92.1435)). (CTB, 2012)

Também recebem a etiqueta NP-ACC os complementos dos verbos *haver*, *ser* (não apresentacional) e *parecer*. Segue abaixo um exemplo com o verbo *ser* (não apresentacional) e a etiqueta NP-ACC marcando seu complemento:

((IP-MAT (NP-SBJ (D-F Esta))
 (SR-D foi)
(NP-ACC (D-F a)
(ADJP (ADV-R mais) (ADJ-F vitoriosa))
(N cena)
(PP (P d@)
(NP (D @aquele) (N teatro))))
 (. ;))
 (ID B_001,37.333)). (CTB, 2012).

1.3. NP-DAT

Usa-se esta etiqueta para os seguintes pronomes: *me*, *te*, *se* (argumental), *nos*, *vos*³⁸, e *lhe(s)*. Exemplo:

((IP-MAT (VB-D Escondeu)
(NP-DAT (CL nos))
 (NP-SBJ (D o) (N tempo))
 (NP-ACC (D-P os)
 (N-P casos)
 (ADJ-G-P particulares)
 (, ,)
 (CP-REL (WPP-1 (P com)

³⁸ Quando estes cinco pronomes desempenham a função de *objeto indireto*, uma vez que essas mesmas formas são utilizadas para o *objeto direto*.

(NP (WPRO que)))
 (IP-SUB (PP *T*-1)
 (PP (P n@)
 (NP (D-F @esta) (N campanha)))
 (VB-D derrotou)
 (NP-ACC (D o)
 (N partido)
 (PP (P d@)
 (NP (D @o) (N Inferno))))))
 (NP-SBJ (D o) (PRO\$ nosso) (N Guerreiro) (ADJ-G forte))))))
 (. .)
 (ID B_001,53.462)). (CTB, 2012).

1.4. NP-GEN

O manual sintático do CTB (2012) destaca que esta etiqueta é usada em dois casos específicos:

a) quando *lhe* tem valor de pronome possessivo, caso em que NP-GEN domina o vestígio deixado pelo clítico interno a NP, conforme se observa no exemplo abaixo:

(VB-D contraiu)
 (PP (P de)
 (NP (ADJ puro) (N sentimento)))
 (NP-ACC (D-UM-F uma)
 (N doença)
 (, ,)
 (CP-REL (WNP-4 (WPRO\$ cuja) (N violência))
 (IP-SUB (NP-SBJ *T*-4)
 (PP (P com)
 (NP (ADJ-G grande)
 (N mágoa)
 (PP (P de)
 (NP (Q-P todos))))))
 (NP-3 (CL lhe))
 (VB-D tirou)
 (NP-ACC (D-F a)
 (N vida)
 (NP-GEN *-3)))))))
 (. .)
 (ID B_001,99.792)). (CTB, 2012).

b) quando um pronome possessivo remete a um sintagma nominal deslocado à esquerda, caso em que recebe a etiqueta específica NP-GEN-RSP, conforme se nota no seguinte exemplo:

((IP-MAT (NP-SBJ-2 *exp*)
 (PP-LFD (P de@)
 (NP (D-F-P @as) (ADJ-R-G-P maiores) (NPR-P Monarquias)))
 (ADVP (ADV ainda))
 (NP-SE-2 (CL se))
 (VB-P ignora)
 (CP-QUE (WNP-1 (WPRO quem))
 (IP-SUB (NP-ACC *T*-1)
 (SR-D foram)
 (NP-ACC (**NP-GEN-RSP (PRO\$-P seus)**
(ADJ-P primeiros)
**(N-P fundadores))))))
 (..))
 (ID AIRES,23.363)). (CTB, 2012).**

1.5. NP-LFD

Usa-se para indicar a ocorrência de um sintagma nominal deslocado à esquerda. Não há outras etiquetas associadas a essa, exceto quando houver categoria resumptiva, à qual se atribui a etiqueta RSP. Exemplo:

((IP-MAT (**NP-LFD (D-UM um)**
(N lugar)
(ADJP (ADV-R tão) (ADJ sagrado)))
 (..))
 (ADVP (CONJ-NEG nem) (ADV sempre))
 (NP-ACC-RSP (CL o))
 (VB-P consideram)
 (NP-SBJ (D-P os) (N-P homens))
 (PP (P com)
 (NP (N imunidade)))
 (..))
 (ID AIRES,35.609)). (CTB, 2012).

1.6. NP-ADV

Esta etiqueta é reservada aos sintagmas nominais que funcionam como advérbios. Exemplo:

((IP-MAT (VB-D Jantavam)
 (ADVP (ADV igualmente))
(NP-ADV (Q-F-P muitas) (N-P vezes))
 (PP (P a)
 (NP (D-F a) (PRO\$-F nossa) (N mesa)))
 (NP-SBJ (NUM dois)
 (ADJ-G-P célebres)
 (, ,)
 (N-P leigos)
 (, ,)
 (CP-REL (WPP-1 (P por)
 (NP (WPRO quem)))
 (IP-SUB (PP *T*-1)
 (NP-SBJ (PRO\$-F nossa)
 (NPR Avó)
 (NP-PRN (NPR Fronteira)))
 (TR-D tinha)
 (NP-ACC (D-F a) (ADJ-R-G maior) (N devoção))))))
 (. .))
 (ID ALORNA,77.1186)). (CTB, 2012).

1.7. NP-VOC

Os sintagmas nominais que desempenham a função de vocativo são etiquetados NP-VOC conforme atesta o seguinte exemplo:

((IP-MAT (NP-SBJ *pro*)
(NP-VOC (NPR Senhor))
 (, :)
 (VB Ofereço)
 (PP (P a)
 (NP (PRO\$-F Vossa) (NPR Majestade)))
 (NP-ACC (D-F-P as)
 (NPR-P Reflexões)
 (PP (P sobre)
 (NP (D-F a)
 (N vaidade)
 (PP (P de@)
 (NP (D-P @os) (N-P homens))))))
 (. ;))
 (ID AIRES,03.1)). (CTB, 2012).

1.8. NP-PRN

Esta etiqueta se refere ao sintagma nominal apositivo ou parentético, como é às vezes denominado.

2. Pronomes Clíticos

Segundo ressalta o CTB (2012), assim como ocorre com outros pronomes, os clíticos são imediatamente dominados por um NP e segundo as funções por eles desempenhadas recebem as seguintes etiquetas: NP-ACC (objeto direto); NP-DAT (objeto indireto); NP-GEN (quando indica um possessivo vazio interno a NP); e NP-SE (clíticos se não argumentais passivos, indeterminados e inerentes).

2.1. Ênclise/Mesóclise

Neste ponto, o CTB (2012) chama a atenção para um impasse inicial na anotação sintática desses fenômenos. Na anotação morfológica, a ênclise e a mesóclise são representadas respectivamente por *VB+CL* e *VB!CL*, o que gera um problema para a anotação sintática, uma vez que a posição argumental do pronome enclítico é sempre vazia. A solução inicial foi a co-indexação do clítico com a categoria vazia. No entanto, na atual versão da anotação morfológica, há a separação entre o clítico e o verbo e, nessa condição, o pronome é tratado como um argumento comum (CTB, 2012).

2.2. Contrações de Pronomes Clíticos

A anotação sintática de uma contração de dois pronomes clíticos, como em *lho*, segue a ordem da ocorrência dos NPs a que se referem. Assim, *lho* será anotado (NP-DAT (CL lh@)) (NP-ACC (CL @o)).

2.3. A Subida do Clítico

À posição de origem do clítico dentro do IP é atribuída a anotação de categoria vazia, ou seja, um asterisco: *. Esta categoria vazia é dominada por um NP acrescido de outra etiqueta equivalente à função desempenhada pelo pronome clítico. Quanto à categoria que domina o clítico em posição mais alta, não desempenha qualquer função, mas se lhe atribui a co-indexação com o vestígio do clítico conforme se nota no exemplo abaixo:

```
( (IP-MAT (NP-SBJ (NPR Deus))
  (NP-1 (CL os))
  (VB-D queria)
  (IP-INF (NP-ACC *-1)
    (VB juntar))
  (. !)) (ID ALORNA,45.654)). (CTB, 2012).
```

2.4. O Redobro Clítico

A anotação do redobro clítico se faz por meio da co-indexação de uma categoria vazia dentro da frase portadora do clítico e um sintagma preposicional que contém um pronome. Assim, a frase *Ama-se a si* é anotada conforme se nota abaixo:

```
( (IP-MAT (NP-SBJ *pro*)
  (VB-P ama-@)
  (NP-ACC (CL @se)
    (PP-PRN *ICH*-1))
  (PP-PRN-1 (P a)
    (NP (PRO si)))
  (. .)) (ID AIRES,93.2130)). (CTB, 2012).
```

3. Sintagmas Preposicionais

Seguem os seguintes requerimentos: são encabeçados por uma preposição; têm como complemento um NP; e como especificadores, admitem partículas ou advérbios (CTB, 2012).

Aos sintagmas preposicionais podem estar associadas as seguintes sub-etiquetas: *PP-ACC*, em que a preposição *a* precede objeto direto de um verbo

transitivo; *PP-SBJ*, em que sujeito de uma *small clause* está co-indexado a um PP; *PP-LFD*, sintagma preposicional deslocado à esquerda; e *PP-PRN*, que indica sintagma preposicional apositivo.

4. AdjP – Sintagma Adjetival

Ao tratar dos sintagmas adjetivais, o CTB discute principalmente as condições nas quais são projetados. Um AdjP é projetado quando um adjetivo: a) for um dos argumentos de uma sentença com verbo *ser* (copular); b) tiver complementos ou especificadores; c) aparecer numa construção coordenativa; d) for o predicado de uma SPR³⁹ ou de uma *small clause*; e) for argumento dos verbos *estar*, *parecer*, *permanecer*, e *ficar*; e f) for o complemento de um PP, como *afrancesados* na sentença *Os liberais naquele tempo eram reputados injustamente por francesados* (CTB, 2012).

5. AdvP – Sintagma Adverbial

Conforme informa o CTB (2012), as condições para a projeção dos sintagmas adverbiais são semelhantes às daquelas dos sintagmas adjetivais, ou seja, quando selecionam semântica ou categoricamente argumentos ou especificadores; quando uma construção coordenativa se estabelece; ou quando se associam a sintagmas preposicionais. Além disso, um contexto específico para a projeção de um AdvP ocorre quando o advérbio é imediatamente dominado por um IP (CTB, 2012).

6. Categorias Vazias

A tabela abaixo traz as anotações do CTB referentes às categorias vazias:

³⁹ *Construção predicativa secundária*, como em *viver pobre* (CTB, 2012).

Tabela 6. Categorias vazias.

Etiqueta	Descrição
pro	sujeito nulo referencial
exp	sujeito nulo expletivo
arb	sujeitos vazios em construções causativas
T	traços de um operador
*	traço da subida de um clítico
ICH	traços de constituents extrapostos ou deslocados à esquerda
0	categoria nula ou operador nulo

Fonte: CTB (2012)

7. Orações

O CTB dispõe de várias etiquetas referentes aos vários tipos de orações encontradas no Português conforme se nota na sequência.

7.1. IP-MAT

Esta etiqueta é reservada às orações matrizes, ou principais; às orações simples; e também às orações coordenadas não-dependentes. A título de ilustração, segue abaixo a anotação sintática da oração *Todos aqueles fidalgos eram tidos pelas pessoas mais ilustradas da Corte do Príncipe Regente*:

((IP-MAT (NP-SBJ (Q-P Todos) (D-P aqueles) (N-P fidalgos))
 (SR-D eram)
 (VB-AN-P tidos)
 (PP (P por)
 (NP (D-F-P as)
 (N-P pessoas)
 (PP (ADV-R mais)
 (VB-AN-F-P ilustradas)
 (P de)
 (NP (D-F a)
 (NPR Corte)
 (PP (P de)
 (NP (D o) (NPR Príncipe) (NPR Regente)))))))))
 (, ,) (ID ALORNA,14.159)). (CTB, 2012).

7.2. IP-SUB

IP-SUB se refere às orações subordinadas. Uma característica da representação de tais orações é a presença de um CP (sintagma complementizador) que as domina, como se observa na anotação da oração *...e por isso lhe digo que é exato*:

((IP-MAT-SPE (CONJ e)
(NP-SBJ *pro*)
(PP (P por)
(NP (DEM isso)))
(NP-DAT (CL lhe))
(VB-P digo)
(CP-THT (C que)
(**IP-SUB** (NP-SBJ *exp*)
(SR-P é)
(ADJP (ADJ exato))))
(. :)) (ID ALORNA,16.182)). (CTB, 2012).

7.3. Outros Tipos de Orações

As demais orações são codificadas no CTB conforme mostra a seguinte tabela:

Tabela 7. Tipos de orações.

Etiqueta	Descrição
IP-INF	orações infinitivas
IP-GER	orações gerundivas
IP-PPL	orações participiais
RRC	orações reduzidas relativas
IP-SMC	<i>small clauses</i>
SPR ⁴⁰	predicados secundários
CP-ADV	orações adverbiais
CP-THT	orações iniciadas por <i>que (that)</i>
CP-DEG	orações consecutivas
CP-REL	orações relativas
CP-FRL	orações relativas livres
CP-CAR	orações relativas adjuntas
CP-CMP	orações comparativas
CP-QUE	orações interrogativas diretas ou indiretas
CP-CLF	orações clivadas

Fonte: CTB (2012)

⁴⁰ Utiliza-se juntamente com outras etiquetas: ADJP-SPR, NP-SPR.

3.2.3 Características do CTB

O acesso ao catálogo de textos anotados do *corpus* é simples, devendo o usuário apenas realizar um cadastro com intuito de criar um nome de usuário e receber uma senha. Chega-se assim à página do catálogo de textos com várias possibilidades de busca: lista cronológica, lista por gênero, lista por tipo de fonte, lista por nível de edição, lista por anotações e lista por local de produção/publicação (CTB, 2012).

Para cada texto foi atribuído um código (por exemplo, *a_001*), através do qual se tem acesso ao texto completo com diversas possibilidades de visualização, como: a) versões para leitura, em que se pode escolher entre a transcrição do texto-fonte e texto editado; b) versões para trabalho, em que se pode visualizar o texto simples (editado) e também o léxico das edições, que mostra adaptações gráficas realizadas (por exemplo, *quási – quase*); c) versões anotadas, através das quais o usuário pode visualizar a anotação morfológica ou sintática de 15 dos 53 textos que compõem o *corpus*.

A tabela abaixo mostra os itens disponíveis na página do catálogo dos textos do CTB. Nas primeiras colunas, há informações gerais sobre o autor do texto, data de nascimento, título da obra, número de palavras, além do código respectivo. Em seguida, há informações sobre a transcrição e o andamento da edição; e por fim, a disponibilidade da anotação morfológica e/ou sintática para o texto em questão.

Tabela 8. Detalhe da página do catálogo dos textos do CTB.

Informações Gerais					Grafia			Anotações Disponíveis		
(cód.)	(autor)	(nasc)	(título)	(palavras)	Texto-fonte	Modernizado na Transcrição	Edição completa	Morf.	Sint.	
1	a_001	Matias Aires	(1705)	Reflexões sobre a Vaidade dos Homens	56479	Editado	--	--	sim	sim

Fonte: CTB (2012).

A anotação sintática dos textos do CTB aliada ao programa de busca chamado *Corpus Search* representa um grande auxílio para os pesquisadores dos aspectos sintáticos/diacrônicos do Português. Por meio dessa ferramenta, o pesquisador atribui um comando computacional referente ao tipo de ordem

de constituintes que queira analisar em determinado texto. Por exemplo, para pesquisar o fronteamto de NPs acusativos, é possível recuperar rapidamente várias sentenças com a ordem objeto direto-verbo e, inclusive, delimitar o tipo de orações com a indicação da etiqueta correspondente (por exemplo, IP-MAT, para orações matrizes; ou IP-SUB, para orações dependentes; etc.).

3.2.4 Textos do CTB que Integram a Presente Pesquisa

Abaixo segue a lista dos 15 textos do CTB que serão utilizados na presente pesquisa. Todos os textos discriminados têm anotação tanto morfológica quanto sintática e totalizam 627.442 palavras.

Tabela 9. Textos do CTB que integram a presente pesquisa.

Texto	Data	Autor	Lugar	N. de Palavras	Doc.
<i>História da Província de Santa Cruz</i>	1502	Pero Magalhães de Gandavo	Lisboa	22.944	g_008
<i>Perigração</i>	1510	Fernão Mendes Pinto	Vale de Rosal, Almada	47.580	p_001
<i>Décadas</i>	1542	Diogo do Couto	Goa, Índia	47.605	c_007
<i>A vida de Frei Bertolameu dos Mártires</i>	1556	Luis de Sousa	Santarém	53.986	s_001
<i>Gazeta</i>	1597	Manuel de Galhegos	Lisboa	28.839	g_001
<i>Sermões</i>	1608	Padre A. Vieira	Lisboa	53.855	v_004
<i>Vida e Morte de Madre Helena da Cruz</i>	1658	Maria do Céu	Lisboa	27.419	c_002
<i>Vida do apostólico padre Antonio Vieira</i>	1675	André de Barros	Lisboa	52.055	b_001
<i>Cartas, Cavaleiro de Oliveira</i>	1702	Cavaleiro de Oliveira (Fco Xavier)	Lisboa	51.234	c_001
<i>Reflexões sobre a Vaidade dos Homens</i>	1705	Matias Aires	Lisboa	56.479	a_001
<i>Cartas, Marquesa de Alorna</i>	1750	Marquesa de Alorna	Chelas	49.900	a_004
<i>Entremezes de Cordel</i>	1757	Jose Daniel Rodrigues da Costa	Leiria	24.252	c_005
<i>Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna</i>	1802	Marquês de Fronteira e	Lisboa	54.588	a_003

		d'Alorna			
<i>Maria Moisés</i>	1826	Camilo Castelo Branco	Lisboa	24.265	b_005
<i>Cartas a Emília, Ramalho Ortigão</i>	1836	Ramalho Ortigão	Porto	32.441	o_001
Total de palavras				627.442	

3.3 Metodologia de Classificação e Análise dos Dados

Foram selecionadas (manualmente no CIPM e automaticamente no CTB) sentenças subordinadas com um CP-THT (*CP-that*, orações completivas) com anteposição e posposição do NP acusativo em relação ao verbo (OV e VO, respectivamente). Para a seleção dos dados foi considerada a forma de realização do sujeito (lexical ou nulo) e sua posição em relação ao objeto direto (NP-ACC) e ao verbo; também foi considerado o fator da adjacência do NP-ACC em relação ao verbo, quando anteposto ou posposto, pois acreditamos que estes fatores podem revelar pistas de como interpretar a variação na posição do NP-ACC, considerando qual ou quais possíveis gramáticas geram as ordens atestadas nos textos desde o século XII.

Após a seleção, os dados foram transportados para planilhas do programa EXCEL para serem anotados e classificados.

Para a classificação dos dados do CIPM, geraram-se arquivos para cada século. Para o CTB, geraram-se arquivos para cada texto.

Os dados, após transportados, foram anotados de acordo com sete grupos de fatores de classificação: I) Identificação do texto; II) *Corpus*; III) Data de produção do texto; IV) Período temporal ; V) Localização geográfica; VI) Ordem; VII) Condições de (não)/adjacência do NP acusativo em relação ao verbo.

A descrição dos fatores para cada grupo encontra-se apresentada nas tabelas do Anexo 1.

3.4 A Busca Automática

Para a seleção dos dados do CTB foi utilizado o mecanismo de busca automática *Corpus Search*. Através de uma *query*, atribuíram-se critérios de

busca delimitando-se o tipo de oração, a ordenação de constituintes, o tipo de verbo, o tipo de sujeito bem como o tipo de NP acusativo. As etiquetas foram cuidadosamente escolhidas no momento da busca a fim de não incluir nos resultados as orações subordinadas relativas ou adverbiais, ou o NP-ACC realizado como pronome clítico.

Em informática, *query* é a indagação construída com uma linguagem de busca automática; é uma ferramenta útil que permite construir consultas para um banco de dados. Fisicamente, a *query* é um arquivo .q que será executável como um comando.

A anotação sintática do CTB serviu de base para as *queries* que construímos. O nó terminal da busca era o CP, o qual devia ser um CP-THT que dominava imediatamente uma oração subordinada finita (um IP-SUB). Assim, todas as *queries* elaboradas para esta pesquisa se iniciavam como se segue:

```
node: CP*
query: (CP-THT iDoms IP-SUB)
```

Utilizamos um arquivo de definições para simplificar a escrita da *query*. Os verbos plenos foram definidos neste arquivo como *tns_mv*. *tns-mv* foi definido *na busca*, garantindo a exclusão de verbos copulativos ou auxiliares; também excluimos a categoria morfológica clítico para o NP-ACC: !**|SE|CL determina que o NP acusativo buscado não seja um clítico nem uma categoria vazia. Seguem abaixo detalhadamente as *queries* referentes a cada ordenação compreendida na pesquisa:

VO:

```
query: (CP-THT iDoms IP-SUB)
AND (IP-SUB iDoms NP-ACC)
AND (IP-SUB iDoms tns_mv)
AND (IP-SUB iDoms NP-SBJ)
AND (tns_mv Precedes NP-ACC)
AND (NP-ACC iDoms !**|SE|CL)
AND (NP-SBJ iDoms \*pro\*)
```

Esta busca pode ser assim traduzida: Uma oração completiva, etiquetada como CP-THT, domina imediatamente uma flexão finita, etiquetada

como IP-SUB, que, por sua vez, domina imediatamente um NP acusativo, NP-ACC, verbo pleno com flexão finita, tns-mv, e um NP sujeito, NP-SBJ. O verbo precede o NP-ACC e o NP-ACC não pode ser um clítico, !**|SE|CL. O NP-SBJ é nulo, *pro*.

SVO:

```
query: (CP-THT iDoms IP-SUB)
AND (IP-SUB iDoms NP-ACC)
AND (IP-SUB iDoms tns_mv)
AND (IP-SUB iDoms NP-SBJ)
AND (NP-SBJ Precedes tns_mv)
AND (tns_mv Precedes NP-ACC)
AND (NP-ACC iDoms !\**|SE|CL)
AND (NP-SBJ iDoms !\**)
```

Esta busca pode ser assim traduzida: Uma oração completiva, etiquetada como CP-THT, domina imediatamente uma flexão finita, etiquetada como IP-SUB, que, por sua vez, domina imediatamente um NP acusativo, NP-ACC, verbo pleno com flexão finita, tns-mv, e um NP sujeito, NP-SBJ. O NP-SBJ precede o verbo, o verbo precede o NP-ACC e o NP-ACC não pode ser um clítico, !**|SE|CL. O NP-SBJ não pode ser nulo, !**.

VSO:

```
query: (CP-THT iDoms IP-SUB)
AND (IP-SUB iDoms NP-ACC)
AND (IP-SUB iDoms tns_mv)
AND (IP-SUB iDoms NP-SBJ)
AND (tns_mv Precedes NP-SBJ)
AND (NP-SBJ Precedes NP-ACC)
AND (NP-ACC iDoms !\**|SE|CL)
AND (NP-SBJ iDoms !\**)
```

VOS:

```
query: (CP-THT iDoms IP-SUB)
AND (IP-SUB iDoms NP-ACC)
AND (IP-SUB iDoms tns_mv)
AND (IP-SUB iDoms NP-SBJ)
AND (tns_mv Precedes NP-ACC)
AND (NP-ACC Precedes NP-SBJ)
```

```
AND (NP-ACC iDoms !\**|SE|CL)
AND (NP-SBJ iDoms !\**)
```

Esta busca pode ser assim traduzida: Uma oração completiva, etiquetada como CP-THT, domina imediatamente uma flexão finita, etiquetada como IP-SUB, que, por sua vez, domina imediatamente um NP acusativo, NP-ACC, verbo pleno com flexão finita, tns-mv, e um NP sujeito, NP-SBJ. O verbo precede o NP-ACC e o NP-ACC precede o NP-SBJ. O NP-ACC não pode ser um clítico, !**|SE|CL. O NP-SBJ não pode ser nulo, !**.

OV:

```
query: (CP-THT iDoms IP-SUB)
AND (IP-SUB iDoms NP-ACC)
AND (IP-SUB iDoms tns_mv)
AND (IP-SUB iDoms NP-SBJ)
AND (NP-ACC Precedes tns_mv)
AND (NP-ACC iDoms !\**|SE|CL)
AND (NP-SBJ iDoms \*pro\*)
```

Esta busca pode ser assim traduzida: Uma oração completiva, etiquetada como CP-THT, domina imediatamente uma flexão finita, etiquetada como IP-SUB, que, por sua vez, domina imediatamente um NP acusativo, NP-ACC, verbo pleno com flexão finita, tns-mv, e um NP sujeito, NP-SBJ. O NP-ACC precede o verbo. O NP-ACC não pode ser um clítico, !**|SE|CL. O NP-SBJ é nulo, *pro*.

SOV:

```
query: (CP-THT iDoms IP-SUB)
AND (IP-SUB iDoms NP-ACC)
AND (IP-SUB iDoms tns_mv)
AND (IP-SUB iDoms NP-SBJ)
AND (NP-SBJ Precedes NP-ACC)
AND (NP-ACC Precedes tns_mv)
AND (NP-ACC iDoms !\**|SE|CL)
AND (NP-SBJ iDoms !\**)
```

Esta busca pode ser assim traduzida: Uma oração completiva, etiquetada como CP-THT, domina imediatamente uma flexão finita, etiquetada

como IP-SUB, que, por sua vez, domina imediatamente um NP acusativo, NP-ACC, verbo pleno com flexão finita, tns-mv, e um NP sujeito, NP-SBJ. O NP-SBJ precede o NP-ACC e o NP-ACC precede o verbo. O NP-ACC não pode ser um clítico, !**|SE|CL. O NP-SBJ não pode ser nulo, !**.

OVS:

```
query: (CP-THT iDoms IP-SUB)
AND (IP-SUB iDoms NP-ACC)
AND (IP-SUB iDoms tns_mv)
AND (IP-SUB iDoms NP-SBJ)
AND (NP-ACC Precedes tns_mv)
AND (tns_vb Precedes NP-SBJ)
AND (NP-ACC iDoms !\**|SE|CL)
AND (NP-SBJ iDoms !\**)
```

Esta busca pode ser assim traduzida: Uma oração completa, etiquetada como CP-THT, domina imediatamente uma flexão finita, etiquetada como IP-SUB, que, por sua vez domina imediatamente um NP acusativo, NP-ACC, verbo pleno com flexão finita, tns-mv, e um NP sujeito, NP-SBJ. O NP-ACC precede o verbo e o verbo precede o NP-SBJ. O NP-ACC não pode ser um clítico, !**|SE|CL. O NP-SBJ não pode ser nulo, !**.

OSV:

```
query: (CP-THT iDoms IP-SUB)
AND (IP-SUB iDoms NP-ACC)
AND (IP-SUB iDoms tns_mv)
AND (IP-SUB iDoms NP-SBJ)
AND (NP-ACC Precedes NP-SBJ)
AND (NP-SBJ Precedes tns_mv)
AND (NP-ACC iDoms !\**|SE|CL)
AND (NP-SBJ iDoms !\**)
```

Esta busca pode ser assim traduzida: Uma oração completa, etiquetada como CP-THT, domina imediatamente uma flexão finita, etiquetada como IP-SUB, que, por sua vez, domina imediatamente um NP acusativo, NP-ACC, verbo pleno com flexão finita, tns-mv, e um NP sujeito, NP-SBJ. O NP-ACC precede o NP-SBJ, o NP-SBJ precede o NP-ACC, e o NP-ACC precede o

verbo. O NP-ACC não pode ser um clítico, !**|SE|CL. O NP-SBJ não pode ser nulo, !**.

Foram pesquisados 15 textos do CTB perfazendo um total de 627.442 palavras ou 30.037 sentenças. Essas foram submetidas às buscas discriminadas acima, o que gerou um total de 694 orações.

4. DESCRIÇÃO DOS DADOS

4.1 CIPM

Esta fase da pesquisa compreendeu a leitura e estudo de 169 textos dos séculos XII, XIII e XIV. O trabalho inicial envolveu o mapeamento de orações subordinadas finitas com verbos transitivos diretos com sujeito nulo – atentando-se para a ocorrência das diferentes ordenações VO/OV – ou com sujeito expreso – em que se anotou a frequência da ocorrência nos textos das seguintes ordenações: SVO, VOS, VSO, SOV, OVS e OSV. Não foram contempladas neste estudo as orações subordinadas adverbiais nem as frases que apresentavam um CP relativo.

No que se refere ao século XII, os dois textos estudados – 2ª metade desse século – não apresentaram orações subordinadas completivas. No entanto, um grande número das orações apresenta um NP acusativo relativizado, conforme se observa nos seguintes exemplos:

- 1) *Noticia de auer* que **deuen a dar** a petro abade.⁴¹
- 2) *O casal de ihoane mozo* o que li **meteo** *fernãdus rodrigiz* por Maravedis e gunsalo rodrigiz fiador que lio deuenda.
- 3) De *seu pan* que **uendeu** in palmazianos.
- 4) do *caualo* que **uendeo** a petro petriz.
- 5) *tercia de Morauedil* que li **enprestou**.
- 6) *pan* que li **deuen a dar**.
- 7) Hoc est *fito de casaes de eligoo* que **tenet** *alfonsus didaci* de monasterio de pedroso.
- 8) Et **dedit** *didacus tornicas* ad monasterio petroso a quinta de uilla de eligoo. e sua mulier. altera quinta.
- 9) Et *abbas dominus pelagius* **comparauit** de troitosêdo tornicas *quanta hereditate* **habebat** in uilla eligoo.
- 10) por Modios e mater de sturnio **testou** ad monasterio de pedroso *alia tanta hereditate*.

⁴¹ Os exemplos terão os seguintes destaques: negrito para **verbo**; sublinhado para o sujeito; e sublinhado e itálico para o *NP-Acusativo*.

- 11) Et menêdo gūsalui **testou** ad monasterio pedroso o agru da bouza. e uxor sua {o} Juluira teliz o agru da cernada.
- 12) Et suo filio didacus **dedit** suo cortinal de ante porta a pedroso.

Somente nos textos do século XIII começamos a encontrar orações completivas. Segue abaixo uma descrição por século dos dados encontrados.

Século XIII

Para este século foram selecionadas 173 orações completivas contendo um verbo transitivo direto. Os dados pesquisados neste período mostram sistematicamente que no contexto das orações subordinadas completivas finitas a anteposição do objeto direto em relação ao verbo é pouco produtiva nos textos, representando apenas 4% do universo dos dados desse século. Destes 4%, 2% se referem a orações subordinadas com sujeito nulo e 2% a orações subordinadas com sujeito expesso. Esses números estão em harmonia com os dados pesquisados por Gibrail (2010), que encontrou um baixo percentual (8,9%) de estruturas de tópico e/ou foco com a projeção da ordem superficial V2 em orações subordinadas. Nosso recorte nos dados pesquisados, ou seja, a opção pelo contexto das orações subordinadas completivas, e a baixa frequência nos resultados de sentenças com verbo final revelam que a gramática V2 que subjaz aos textos de ambos os *corpora* contemplados em nossa pesquisa não deve ser do tipo germânico assimétrico, pois se assim fosse encontraríamos mais sentenças com o verbo em posição baixa, ou seja, na ordem OV, como é comum em línguas germânicas prototípicas como o Alemão e o Dinamarquês. Seguem abaixo as orações com anteposição do objeto direto:

OV

- 13)E rogo que cada un destes añiuersarios **fazam** sêpre no dia de mia morte
14)E eu Prior de ssuso dito digo e outorgo que isto fiz
15)e cõffessamos e reconecemos que todolhas coussas que ende ouuemos. desse quarto do dito Cassal e dele. **recebemos** até áquy

SOV

Foi encontrada uma sentença com constituintes interpolados entre o clítico e o verbo. Trata-se de um caso de interpolação generalizada que, conforme destaca Namiuti (2008), era um fenômeno pertinente à gramática do Português Arcaico:

- 16) E mado e Rogo Ao Abade dõ meendo e A meu padre que se Algẽ A eles veer que diga que Ij eu *Alguna cousa* diuía

OVS

Foi encontrada uma frase apresentando uma estrutura em que o NP deslocado e retomado está entre dois “que-s”, ou seja, com *recursão de CP*. Nela, o NP acusativo é representado pelo demonstrativo *o* seguido do elemento WH *que*. Nota-se também que o sujeito é pronominal:

- 17) E mado que *o que eu der daquesta mãda en mia vida* que non'õ **busque nenquu** depos mia morte.

Na oração abaixo, o NP acusativo é retomado pelo clítico *os* em uma estrutura com *recursão de CP*. Dada a complexidade do dado e estrutura diferente decidimos não quantificá-lo, mas cabe mencioná-lo aqui por se tratar de um caso de objeto fronteado numa construção de Deslocação à Esquerda Clítica em contexto de próclise e apresentando a ordem OVS:

- 18) E louuamos e mãdamos que *a dita herdade de vila uerde e os outros logares que nos tragemos no Couto de san Johã da Pendorada e nos outros logares que hora tragemos en essa terra* que os **aía e possuuya** despola nossa morte *ô dito vaasco martiz*.

- 19) Costume é que *quan[t]o peytar o fiador* por aquele que o mete na fiadoria.

Quanto aos objetos fronteados, são em sua maioria quantificadores, pronomes indefinidos ou demonstrativos, conforme se observa nos exemplos acima: *cada un destes añiuersarios; os ditos Moesteyros; isto; todolhas coussas; alguna cousa; o que; a dita herdade; quan[t]o*.

Atestam-se nos dados sobre o fronteamento do objeto direto desse período duas orações cuja ordenação de constituintes é exatamente aquela a que Namiuti (2008) faz referência ao destacar o fato de “C-cl-X-V” ser bastante

produtiva no século XIII e que gradativamente cede lugar a “C-X-cl-V” nos séculos seguintes. Nessa construção, o clítico se aloja em posição alta em CP, sendo que um constituinte qualquer se insere entre ele o verbo. No caso de nossos dados, pode-se notar a presença do NP acusativo interpolado entre o clítico e o verbo, conforme se nota nas referidas orações:

- 20) mādamos uos e outorgamos que a haiades assy como uola os ditos Moesteyros derõ e outorgarõ
- 21) E mādõ e Rogo Ao Abade dõ meendo e A meu padre que se Algẽ A eles veer que diga que llj eu Alguna cousa diuía

A primeira das orações acima, por apresentar uma estrutura de comparação, não será quantificada em nossa pesquisa, mas foi incluída aqui a fim de ilustrar o fenômeno da contiguidade do clítico em relação ao CP, característica da gramática antiga.

Entre as sentenças com sujeito expresso em que não há o fronteamento do objeto, observa-se que de um total de 106, 93% se referem à ordenação SVO. Observa-se também nos dados que 29% dessas sentenças SVO apresentam um sintagma preposicional, um advérbio ou às vezes mais de um constituinte intercalando-se entre o verbo e objeto direto. Nesse conjunto de dados com sujeito expresso, atesta-se também a transposição do sujeito em 6% do universo de orações com um sujeito lexical projetando a ordem superficial VSO e apenas uma sentença apresentando a chamada inversão românica, ou seja, VOS. De fato, se levarmos em conta a posição do sujeito lexical nesses contextos é de se esperar uma baixa frequência para VS em relação a SV, o que também é atestado em outros períodos, como mostra, por exemplo, a tese de Paixão de Sousa (2004): a partir do século XVIII, VS aparece em curva decrescente nos dados apresentados pela autora, se bem que tratando do contexto das orações principais. Seguem abaixo as frases encontradas em nossa pesquisa nas ordenações discutidas acima:

SVO

- 22)Primeiramente mādõ que meu filio infante don Sancho que ei da raina dona Orraca agia meu reino entegramente e en paz.

- 23) E mado que a raina dona Orraca **agia** a meiadade de todas aquelas cousas mouils que eu ouuer a mia morte
- 24) mado empero que aquestes arcebispos e aquestes bispos **departiã** todas aquestas dezimas e todas aquestas outras cousas assi como suso e nomeado
- 25) E rogo e prego meu senior o apostoligo e beigio a terra ante seus pees que pela sa santa piadade faza aquesta mia mada seer conprida e aguardada, que nenguu nã **agia** poder de uinir contra ela.
- 26) conuẽ a saber que a dita Sancha periz **entregou** u dito herdamẽto ao de suso dito procurador
- 27) Conuçada cousa seia a todos aqueles que estromento uirẽ. e ouuirẽ Que Eu Steuã perez Monge do Moesteyro de san Jhoane de pendorada **recebj** hua procuraço do Abade san Joane da pendorada e do Conuẽto
- 28) Conoçada cousa a todolos que este estrumẽto uirẽ e ouuirẽ que Eu Eluira ermigiz **encomẽdey fazer** meu testamẽto.
- 29) Conoçada cousa seia a todolos presentes. e aos que am de uijr que este prazo uirẽ e léer ouuirẽ. que eu Gonçallo gonçaluz Dalleyra **ensenbra** cõ mha mulher Maria soariz **damos** quanto auemos ou a auer deuemos na villa Dalleyra con seus termos no Couto de Pedrosso e fora do Couto assi o daalẽ cõmo o daaquẽ.
- 30) E eu dauandita dona Steuaya entrego o dito casal ao dito Mosteiro. per tal condiçõ cõuẽ a ssaber que se o meus/sic/ filhos quiserẽ outorgar. que o dito Mosteiro **aia** esse casal perdurauelmẽte e en paz
- 31) E que este feyto **aia** mayor firmidõ
- 32) Sabede que eu ui hua letera de Maestre Domingos Tesoueyro do Portoe ouuidor no Preyto
- 33) Polha qual cousa mãdaua a todolhos Meyrios e iustiças do Reyno de Portugal. chamãdo os como braço segral. que eles **façã** cõpri/sic/ e guardar a dita sêtẽca.
- 34) Por que uos eu mado e defẽdo como Meyrio del Rey que uos nã **pousedes**. nẽ **comades**. nẽ **demãdẽdes**/?!/ rẽ na dita eygrei
- 35) Conhoschã todos. Que Eu Johane steuarez Botelho de ffayozes. ensenbra con mña mulher. Sancha ffernãdiz. cõffessamos e reconecemos. Que nos **trouxemos** e **husamos** e **possuymos**. en nome do Monsteiro de Moreyra he por seu hũu quarto de Cassal na Aldeyha de Moesteyró
- 36) a nos ho Priol agrauou e se nos queyxou que nos **tragiamos** o dito quarto do dito Cassal. contra voentade/sic/ de deus e a perigoo de nossas almhas.
- 37) recognosceu e confessou. que ele **tragia** hũu meyo de Casal que era do Moesteyro de villarío
- 38) Conuzuda. cousa. seia. a todos. aqueles. que. este. prazo uirẽ. e léer. ouuirẽ quod Ego. Ausenda petri. prioressa. de Achallas. ensenbra. cõ conuentũ eiusdem. loci. Damus. e auctorgamus. a uos. Martinus iohanis e uestre Mulier Stephania. duas. pezas. de cãpo. que hAuemus. nas. Mariãs.
- 39) Cunuçada cousa sega a todo/sic/ áqueles que este prazo uirẽ uel ouuirẽ que eu Martino iohanes dito pessego **ensenbra** con ma Moler Maria méendiz **fazemos** tal conpoçisom con Nuno petriz.
- 40) Comuẽ a ssaber que o alquayde. Roy ffernãdijz. ssenor Da azãbuya **tẽnha** todo este erdamẽto ã ssa uyda sso tal. Comdyçom que el a mande lauorar e pauygar e tapar assy.
- 41) Sabiam todos aqueles que esta carta uirẽ que eu don Alfonso pela graça de deus Rey de Portugal & Conde de Bolonia **fazo** carta de foro a uos pobladores da mya herdade de Tolones de Aguyar.

- 42) Cognoçada cousa seia a todos aqueles que esta carta virẽ & léer ouuirẽ que nos Alcaide & Aluazís. & Tabelliõ. & Conçello de Monsaraz **recebemos carta aberta** do nosso segnor don Affonso Rey de Portugal
- 43) reçebemos carta aberta do nosso don Affonso Rey de Portugal ena qual carta nos mandou dizer que **nos fossemos departir & demarcar os termys** dantre nos & o herdamento de don Johã periz d'auoym seu mayordomo mayor.
- 44) Conoscamos todos aqueles que esta Carta uirẽ que **eu dom Affonso pela graça de deus Rey de Portugal ensinbra cõ mha moler Raõa dona Beatrix e cõ meus fillos don Denix e don Alfonso e cõ mhas fillas dõna Brãca e dõna Sancha dou e outorgo** a uos ffrey Affonso periz farõa freyre da ordõ do Spital de Jerusalẽ o meu castello e a mha villa de Mirãda. cõ todos seus termys. & cõ todas sas perteeças. e cõ sa colleyta.
- 45) Seia cunuscuda cousa a quantos esta carta uirẽ & ouuirẽ que **nos Ermigio garcia Alcaide. e Méen Johanis & Pedro rodrigiz Juyzes e Pedro Lourẽço tabaliõ d'euora. Recebemos carta aberta de nosso senhor don Afonso muy nobre rey de Portugal e do Algarue**
- 46) Recebemos carta aberta de nosso senhor don Afonso muy nobre rey de Portugal e do Algarue ãna qual era conteudo que **nos soubéssemos a uerdade**
- 47) Conuçuda cousa seia a quantos esta Carta uirẽ que como contẽda fosse antr'o muy nobre don Afonso pela graça de deus Rey de Portugal. e do Algarue da hũa parte. E nos Móór martijz Abbadessa e o Conuento do Moesteiro de Arouca da outra. sobrelo Moesteiro de San Saluador de Bouças. e o herdamento de Bouças. e de Villar de Sando cõ todas sas perteeças. de nossa bõa uóntade. e por profeytamento [de no]sso Moesteiro ueemos áá tal auéeça. que **elRey nosso senor aia o Moesteiro. e o herdamento de Bouças.**
- 48) metemos toto so seu poder & so ssa garda. que **ela** ã nos & ã totalas cousas dauanditas **aia tal & tanto poder** qual e quanto a Rayã dõna Thareia ouue & acostumeou á áuer ná ábadessa & nas donas & no Moesteyro dauandicto.
- 49) Conoszuda cousa segia a todos aquelles que este scripto uirẽ y oyrẽ commo eu commo **eu Aras Diaz, filo de Diago Láá. por mĩ & por miõa uoz & eu Marina Rodriguit, fila de Marina Diaz que foy da Requeyra, por nos & por nossas uozes, a uos, ffrey Pááyo, vestiario de Subrado ã uoz & ã nome de Don Johan Perez, abbade de Subrado, & du conuẽto desse meesimo lugar. damos & offeremos** au dito abbade & conuento & a Deus & ad Santa Maria & ad suas uirtudes & áás outras que sam dus outros santos & santas eno subredito moesteyro **quanta herdade & uoz & iur & possissom & sinurio nos auemos & á áuer deuemos**
- 50) Outrossi mãdamos que **ho moesteyro de Subrado dé** en aprestamo **vno agro que est en Feruenzas que fuy de Pay Rodriguez**
- 51) Conoszuda cousa seya a todos quantos esta carta virẽ & oyrẽ como **eu Johan Eannes de Seselle, fillo que ffuy de Johan Paris & de Eluira Moníz en un cõ meus yrmãos & yrmãas Rodriq'Eanes & Marti lohanes & Maria lohanes & Orraca lohanes & Eluira lohanes, todos & todas presentes & outorgãtes por nos & por todas nossas uozes, a uos frey Pedro Merchã do moesteyro de Santa Maria de Mõfero & a dõ Pedro Pelaez, abbade do deuã dicto moesteyro, & ao conuẽto desse miísimo lugar **vendemos & firmemẽte outorgamos** **quanta herdade auemos & á áuer deuemos** en todáá uila de Fondõe**
- 52) Conuzuda cousa seya a todos como **eu Pedro Paez d'Arregeyro** por mĩ & por todos meus fillos & por toda mina uoz de bõ corazũ & de boa uóntade **dou & firmemẽte outorgo** por min'alma aó moesteyro de Santa Maria de Sobrado & a uos, dõ Domõgo Perez, abade de Sobrado, **quanta herdade eu ey & á áuer deuo** ã todo o vilar de Seselle

- 53) Connuszuda cousa seia a quantos esta carta uirẽ & oyrem como nos frey Domĩgo Perez, abade do moesteiro de Sancta Maria de Sobrado, ensembla cõ no conuento, desse miĩsme lugar por nos & por toda a uoz do dito moesteiro, a uos Martim Perez de Santiago, vizino & morador da Cruña, & a uossa moller donna Orraca Eanes & a toda uossa uoz **damos & arrendamos** per espazo de vijnte & noue annos primeiros que ueem da era desta carta toda uoz, dereitura, fruyto & renda que nos & o dito moesteiro de Sancta Maria de Sobrado a & auer deue en aquella vina que chamã da Pedra das Chaendas
- 54) Cognoçuda cousa seia a todos que nos don Domĩgo Perez, abbade do moesteyro de Santa Maria de Sobrado de Gallizia, & o conuento desse miĩsm[o] lugar **arrendamos** a uos, Loppo Rrodriguez de Caldelas, caualeyro, por en uossos dias tan sola[m]ente a nossa grania de Queyroqáá
- 55) Conozuda cousa seá a quantos este scritto virem como eu Marina Nuniz, filia de Berto Nuniz de Castelo, de bóo curazõ & de boa uolũtade por mĩj & por toda mia uoz a uos dõ Munio Fernandez de Rodeyro & a uossa moler, dona Mayor Afõsso & a uossa uoz **fazo preyto**
- 56) Conuzuda cousa sea a quantos esta carta uirẽ como eu dõ Munio Fernandiz de Rodeyro por mĩj & por toda mia uoz por senpre & eu Arias Nuniz por mĩj & por meu hermano Ffernando Nuniz & por toda nossa uoz ya por sempre **fazemos atal concãbazõ** entre nos
- 57) que eu dõ Munio Fernandiz **dou** a uos Arias Nuniz & a uos Ffernando Nuniz quanta herdade ey
- 58) Sabuda cousa seia como eu, Ffernam Nunez de San Cibrãõ, agrauado per graue ãfirmidade, pero podero[so] de meu siso, **fazo mia mãda**
- 59) Cunuçuda cousa sega ad quantos ista carta uirĩ que que eu Don Munio Fernandez de Rodeiro **dou** por mia allma & de mia moler Donna Costancia que fuy XXti soldos perla mia casa que eu fix no burgo de Negralle contra o rio;
- 60) Cognuzuda cosa seya aos quj sum presẽtes, aos que am de uĩr que eydom Michael Pelaez, abbade de Sancta Maria de Ffriã, & o conuẽtu de ipsj mismu lugar, a tj Pay Rubju & a tua muler Marina Nuniz **fazimos cãbiã do terreo das quartas do casal da Pereyra**
- 61) Conuzuda cousa seya a quantos esta carta virẽ como eu dona Tereyga Uasquez, moler que foy de don Affonssso Lopez de Lemos, rezebyo de uos, dõ Domĩgo Perez, abade, & do conuẽto do moosteyro de Santa Maria de Ssobrado de Galjza pra tẽer de uos & por uos en mja vida tã ssolamẽte a uossa grana de Queyroga cõ todas ssuas pertẽzas & cõ aquel casar que uos eu dy en terra de Caldelas en lugar que dizẽ Ljmjares
- 62) Conuzuda cousa seia a quantos esta carta virẽ como nos Gõzalu'Eanes, abbade, & o cõuẽto do moesteyro de Chãtada **damos** a uos Saluador Eanes & a uossa moler Mayor Paez & a todos os fillos que auedes de cõsúu a nossa herdade de Souto Uoado cõ todas suas pertẽzas a mõte & a fõte su sino de Sabadelle.
- 63) Sabeã quantos esta carta virẽ commo eu Sancha Rodrigez da rua Falageyra por mĩj & por toda mja uoz a uos Andreu Iohanes & a vosa muller Tereyga Oares & a toda uosa uoz **dou** en doaçõ por uoso herdamẽto liure & quito o casarello da carneçaria
- 64) Conozuda cousa seia aos presentes & aos que an por uĩr como eu Lourẽzo Pelaet, mũges de Santa Maria d'Azিয়েyro, a uos abade & cõuẽto de Santa Maria de Ssobrado **ffazo carta de vindizom & de dõazom**
- 65) Coñozuda cousa seya a quantos esta carta uirẽ que eu Johan Perez, caualeyro de Çerracões, a uos, Johan Uáásquez, fillo de Vaasco Fernandez **dou** a foro una casa cõ sua cortiãa que cõ ela está que eu ey en Çerracões

- 66) Sabã quantos esta carta uirẽ que eu Ffernã Perez & mia moler Domíga Perez rrezebemos de uos dõ Arias, abbade d'Osseyra, & do conuêto desse mesmo lugar o uosso casar da Ribeyra cõ todas suas pertẽças
- 67) Conuçada cousa seya a quantos este prazo virẽ commo nos ffrey Affonssõ Perez Pereyra, comendador das cousas do espital ena Bailia de Ribadauja, cõ consello dos ffreires & dos clerigos desse méésmo lugar, damos & outorgamos a foro a uos, Rodrigo Aras, en vida uossa & de duas uozes apus uos, cõuem a saber: a nossa herdade de Pineiros
- 68) Et mando que quanto cõpley & guaney cõ Oraca Pelaez que Oraca Pelaez aya ameatade de todo tãbẽ mouil como rayz.
- 69) Item mãdo que Johã Gamma nõ seya enplaçado nõ ajuizado por ma cabeçalaria, mays que **ayude** Oraca Paez & seus ffillos & meus en quanto poder.
- 70) Sabuda cousa seia a todos que eu Sancha Loordelo & toda mina uoz a uos, dõ Payo, abbade de Oya, & conuêto desse meesme lugar **fazo** carta firmi mête outorgada de quanta erdade eu ey en Uila Pouca
- 71) Cunusçada cousa seia a todos que nos ffrey lohane, abbade do moesteyro de Oya, ensinbra cono prior Martĩ Perez & cono cõuento desse mijsmo lugar a uos Pedro Eanes de Bayona, genrro de Johan da Veyga de Tuy, & a uossa moller Marina Anes damos & outorgamos por renda deste dia até dez anos primeyros uijdeyros a nossa casa que auemos ena vila de Bayona
- 72) preyto que uos ou cada ún de uos dedes a nos cada ano dez libras de dineyros blãcos desta moneda noua blãca
- 73) Conozuda cousa sea a todos que eu Gonzaluo Gommez, caualleyro, sseendo doente cõ todo meu siso & cõ toda mia memoria, ffazo & ordeno mia mãda
- 74) Sabyã quantos esta carta uirẽ como nos Maria Perez & Maria Ffernandez, mia sobrina, con nossos maridos, Martĩ lohanas & Pedro Eanes, presentes e outorgãtes, & toda nossa uoz a uos Ffernã Eanes, dicto Caluo, e a uossa moler Maria lohanis e a toda uosa uoz **damos** & pera todo tempo senpre **octorgamos** en cãba a sseseqa da casa uedra cõ seu térreo
- 75) Conoçada cousa seia a todos que en presenca de mĩ Ffernã Anes, notario jurado de Ponteuedra, & das testemoyas que aqui en fondo son escritas a isto specialmente chamadas & rogadas, Johan Martins, cellareyro; Ffernã Perez; Domígo Fernãdiz; Ffernã Gonsalues & Gomes Martinz, monges do moesteyro de Sant Johane de Poyo en nume de don Paay Nunez, abbade, & do conuêto do dito moesteyro, laurarõ & gradarõ per seus. homees & cõ seus boys & **ssemearõ** de millo ena herdade que chamã d'Ontranbas Aqas & a outra herdade que iaz soa vina de Nuno Paayz d'Encoyrados, & ena herdadura de Pumar d'Aluaro & ena herdadura que iaz tralo rryo & ena herdade da Rossa
- 76) Conusçada cousa seia a todos los presentes commo a todos los que ham de víjr que eu Rodrigo Eannes, morador & vizio de Valença, por mĩ & por toda ma uoz a uos Don Anrique, abbade de Oya, & o conuêto desse meesmo logar & a toda uossa uoz **vendo** & para todo sempre **outorgo** eno uosso couto de Malloes de Jussaos todo o herdamẽto que eu ey que canbej de Pedro lohannis
- 77) Cunusçada cousa seia a quantos este estromẽto virẽ que sub e[ra] de [mill] & CCC^a & veynte & oyto annos, veynte & hũu dia andados do mes de Abril, [...] õ onrrado [...] don Esteuóo Perez, arçidiagóo da ygleia de Tuy en terra de Miñor, & em presenca de mĩ, Martĩ Perez, notario publico del Rey en Saluaterra & ante as testes que aqui en f fondo som escriptas, ffrey Pere Eannes, mũge & Gelareyro do moesteyro de Santa Maria d'Oya, **mostrou & ffez léer** per mĩ, dito notario, hũa çedula d'apellaçõ en escripto
- 78) Conozuda cousa seia a quantos esta karta uirẽ e ouuirẽ que na presenca de mĩ Steuã Periz, publico tabellion do senhor Rey de Portugal e do Algarue, e na presenca das testemonas deuso scriptas, Steuã Martíjz escudeyro dito de

- Goyos, deu a Pedre Anes, caualeyro dito Pimêtel, en logo de sa filla Mayor Periz, esposa desse Steuã Martíjz, fiadores por sas arras
- 79) Conuçuda coussa seya que ã presença de mĵ Steuã Iohanes, publico tabelliõ del Rey na terra de Faria, & das testemoyas que adeãte son scriptas, Domingos Dominguiz, joyz de Faria, mostrou & fez léér per mĵ, dicto tabelliõ, uua carta aberta & seelada dos seelos de Steuã Periz
- 80) e disserõ que as ditas donas posserrõ en eles este canbo en esta maneyra
- 81) que eles dessem quinentas. libras en canbo
- 82) E outro sj disserõ que as ditas donas quitarõ a menaçẽ. Deste castelo de suso dito a Steuam rodriguiz
- 83) a auença que esses don Martin Gil e Lourenço scola por bẽ teuessem. que esse Lourenço scola entregasse o senorio desse castelo e a dita perteença da egleia ao dito nosso senhor el Rey.
- 84) E outrosj per essa méésma maneyra se nosso senhor elRey nõ quisesse caber o canbo ou á áuença que eles teuessẽ. que esse Lourenço martíjz tornasse esse castelo ááquela ménage
- 85) saluo que disse que se nõ acordaua que as ditas dona Marĩha & dona Maria sa filha outorgarõ que se nõ quisesẽ caber á áuença. que o suso o dito Lourenço martíjnz entregasse esse castelo a elRey.
- 86) In dey nomine amẽ Sabhã quantos esta carra vyrẽ que Eu Domingos perez dyto lynheyro & Eu Domỹgas perez molher do dyto domỹgos perez damos & domamos & outorrgamos pera todo sempre en escambyo a uos Gyraldo afomso merrcador de Lyxbõa & a uosa molher marya sibrães & a todos uosos ereos pera todo sempre huũ noso errdamẽto que nos auemos
- 87) Cunucuda cousa seia a quantos esta carta uirẽ e ouirẽ Como heu Domĩgos periz e mia moler Domĩgas martíjz fizemos demãda a Domĩgos iohanis & a sua moler Maria domĩgit sobre auer que fora de meu sogro Martin martíjz padre de mia moler Domĩgas martíjz
- 88) sobr'esta demãda fomos chegados todos de consúú que fizemos nossos iuyzes Ruy naualha e Pero martíjz e Laurẽço eanes assi en iuyzo come en auéença & uiren por ben á nosso prazimento que Domĩgos iohanis & Maria domĩgit sua moler dessem a nos xx maravedis e vij alqueires de trigo
- 89) Conozuda cousa seya que na presenza de mj Steuã mééndiz publico Tabaliõ delRej de Portugal e do algarue en lamego e das testemoyas que aqui son scritas Steuãá martíjz estabelezeu e fez e ordiou Egas affonssso seu marido portador desta procurazõ por seu procurador e perante o Conuẽto desse méésmo L006 moesteiro sobre dous Casaes que esse Egas Affonssso possa emprazar e ffazer Carta ou Cartas ou prazo ou prazos desses dauãditos Casaes
- 90) comuẽ a saber que a dita Sancha periz entregou o dito herdamẽto ao de suso dito procurador
- 91) e quitou-sse ao dito mosteyro da demãda que fazia contra a dõna su tal condiçõ que o mosteyro nõ ly metesse hy caualeyro nõ dõna nõ omẽ filo dalgo
- 92) com o cabidóo na qual carta delrei era conteudo que esse cabido defforaua esses homees do couto de canas se senorĩ
- 93) E a resposta foy atal o cabidóo disse que esses seus homees da sa aldeya do couto de canas de senorĩ nõ auĩã carta do cabido
- 94) & disserõ ao Cabidóo que eles auĩã carta de foro boa
- 95) & eles disserõ nos que uos faryades mercéẽ.
- 96) Conoscam quantos esta carta virẽ que Eu Affonssso rodrigiz procurador del Rey en terra de Bragãça & de mirãda faço tal cõcanbha cõ ffrey Payo Abade do moesteiro de Crasto davelhaas e cõno conuẽto desse logar en nome do dicto

- senor que eles sse partê e dem a nosso Senhor el Rey aldeya que chamã outer de muas
- 97) Eno tempo oytavo quando as partes enserrã o preyto e renhuçã toda prova e toda razõ e pedê a sentença, nõ á y al senõ que o juyz [...] **pregunte** as partes
- 98) devemos catar que o juyz nõ dé a sentença aginha
- 99) Sabede que Nos recebe[m]os hũa uossa carta
- 100) costume é que todo omê que pelegar cõ outro e lhj **ffezer** feridas asinaadas negras ou chagas
- 101) costume é que o Alcayde nõ deue a leuar de castelagẽ se nõ dous. soldos.
- 102) costume é que o porteyro nõ deue a filhar caualo de caualeyro
- 103) costume é que o Alcayde deue a leuar dous dinheiros da carrega do pescado
- 104) costume e que o Alcayde pode leyxar seu omê na aldeya
- 105) costume é que a tendeira tera ssa tenda
- 106) costume é que seleyros & pintores e os que ffazê os escudos e os Astieyros & os que ffazê as armas nõ deue a dar ren.
- 107) costume é que os que aduserẽ vinho de ffora no relego deue a dar da carrega [caualar] hũu almude
- 108) costume é que o [caualeyro] pode defender aquel que en seu erdamêto morar
- 109) costume é que quen quer que ffaça forno de telha e nõ pera uender e a quer pera ssa casa que nõ de dizima.
- 110) costume é que [nenhuum oueençal delrey non possa] meter vogado por ssy
- 111) costume é que o mayordomo nõ pode nomearnẽ filhar enquisa
- 112) costume he que o mayordomo nõ deue leyxar nemigalha en uerdade
- 113) costume he que o rendeyro do cõcelho nõ pode meter o mayordomo en dizima.
- 114) costume he que o mayordomo tenha preyto no Conçelho
- 115) costume he que nêhuu mayordomo nẽ sayon nẽ seu omê nẽ seu 'scriuã nõ ualha enquisa cõtra nehũu omê
- 116) costume he que nêhũu mayordomo nõ deue costrenger nêgũu por deuida en forno nẽ en açougue nẽ en adega [nem en tauerna]
- 117) costume he que os que dan a laurar seus alcaeves nõ deue a dar jugada
- 118) costume he que os que ffazê estercadas que nõ dan a jugada.
- 119) costume he que fereyros & coyteleyros & freeyros & 'sporeyros que nõ dan soldada.
- 120) costume é que mercador que uay en ffrandes ou a alẽ mar cõ seu cabedal nõ deue a dar jugada

VSO

- 121) E a maior ajuda que illos hic cõnocerũ, que les **acanocese** Laurẽzo Fernãdiz sa irdade
- 122) E podedes saber como **mando** dũ Gõcauo a sua morte
- 123) Cunuçada cousa seya a tudulus que este escrito uirẽ que perante my Joam iohanes Juyz daGiar de sousa **fez** ó Abbade de Cety e o cõuentu demanda de dous casães á Móór eanes
- 124) e sse achassem que nõ síia no plazo do casal de Sanbady cõ seu marido; que lhy **fezesse** ó Abbade plazo pela séé desse casal de sanbandy
- 125) e sse achassem que nõ síia no plazo do casal de Sanbady cõ seu marido; que lhy fezesse ó Abbade plazo pela séé desse casal de sanbandy tal qual o

- thíia seu marido en ssa uida e pos ssa morte ficar aó moesteyro liure é en paz cõ aqueles canpus que hy **auía** Ayras rodrigiz cabo desse casa!
- 126) In subr'esto confessamos & conoszemos que nos **dou** ffrey Paayo uestiario ia dito LXV soldos por rouorazõ.

VOS

- 127) costume he que nõ **areygue** nehũ uezĩho o mayordomo.

As sentenças com sujeito nulo e objeto à direita do verbo (VO) representaram 35% do total de dados dos textos do século XIII. Nessas sentenças, também se nota um número elevado (em 42% das sentenças) de sintagmas preposicionais, advérbios ou mais de um constituinte inseridos entre o verbo e objeto direto. Seguem as sentenças:

VO

- 128) Ramiro Gõcaluiz e Gõcaluo Gõca[luiz e] Eluira Gõcaluiz forũ fiadores de sua irmana que **o[to]rgase** aque[le] plazo come illos
- 129) De XVI casales de Ueracin que de defructarũ e que li nunca ãde **der[ũ]** quinnõs
- 130) Et mãdo que si a raina morrer en mia uida que de todo meu auer mouil **agia** ende a meiadade.
- 131) E mãdo que **den** a meu senior o papa MMM morauidiis, a Alcobaza MM morauidiis por meu añiuersario, a Santa Maria de Rocamador MM morauidiis por meu añiuersario a Santiago de Galicia MM CCC morauidiis por meu añiuersario, ao cabidoo da Séé da Idania mille morauidiis por meu añiuersario, ao moesteiro de San Gurge D morauidiis por meu añiuersario, ao moesteiro de San Uicête de Lixbona D morauidiis por meu añiuersario, aos caonigos de Tui mille morauidiis por meu añiuersario.
- 132) mãdo que orem por mi come por uiuo ata en mia morte e depos mia morte **fazam** estes añiuersarios e estas comemorazones assi como suso e nomeado
- 133) E mãdo que **den** ao mestre e aos freires d'Euora D morauidiis por mia alma
- 134) E dos que reuora nõ ouerẽ mãdo que lis **tenia** seu auer ata quando agiã reuora.
- 135) e mãdo que **dẽ** o dõ. a sséé.
- 136) e que **fezessẽ léér** ó Plazo dante ssy
- 137) E ffaço o Abade dõ mẽdo testa[men]teyro desta mja mãda que **page** mja mãda e Todas mjas diuidas
- 138) E por que Ista mãda seja ffirmo Eu Rodrigo Affõsso Rogey A Martim perez Notarío de Sabugal que **ffezesse** esta mãda
- 139) e que **posesse** en ela seu sinal por Testemõyo
- 140) e rogamos o Tabaliõ ou os tabalioes daLafoes que **faça** ou **façã** ende stromêto ou stromêtos quaes les o dito Steuã perez mãdar fazer

- 141) Eu Steuã perez procurador de suso dito mãdey a Jhoã dominicj Tabaliõ de Alafoes que **fezesse** ende dous prazos partidos per. A. b. c.
- 142) Item mãdo a Pedreanes que **de** a Sancha anes. ij marravedis
- 143) e rogo u Priol de san Joãne que **tena esta ma mãda**
- 144) Nos Johãne pela merçéé de deus Esleyto confirmado na santa ygreia de Bragáá ffazemos saber. que cõmo a herdade de vila uerde dáálem Doyro uenha da nossa auoêga e ffosse dada en esta maneyra e en esta condiçom que á aía senpre clerigo o melhor da Linhagẽ e que **faça** ende aniuersayro
- 145) E louuamos e mãdamos que a dita herdade de vila uerde e os outros logares que nos tragemos no Couto de san Johã da Pendorada e nos outros logares que hora tragemos en essa terra que os aía e possuuya despola nossa morte ó dito vaasco martiiz. cõmo os nos auemos. e que **faça** ende aniuersayro.
- 146) E mando a Pero uiçête Juyz da Maya que en meu nome **entregue o dito casal**
- 147) Eu dauandita dona Steuaya lourêço [...] Domĩgos migueez publico Tabellion del Rey nos Julgados da Maya, de Bouças, e de Gondemar. que da dita entregá. **faça hũu publico strumêto**.
- 148) rogamos e mãdamos a Domĩgos martiiz. Tabelliõ da Mayha. que **fezesse** ende húú pubricu strumêto. ao dito. Priol. ffeito ffoy Aquysto en ffayhozes
- 149) e mãdou que pola ssóó tẽptaçõ qualquer que o quiser enbargar. ou demãdar. que **ouuesse a ssa maldiçõ.e a maldiçõ de deus. e de todá á corte celestial** ata hẽno seytemo graho pera todo sempre.
- 150) e rogou e mãdou a sseus fillos. e a sseus nethos. que **aiam a ssa bieyçõ** que lho nõ enbarguẽ. pera todo sempre.
- 151) Isti sunt terminis suis. In oriẽte. Michael iohanis. In occidẽte Riu. In aquilone. Simeõ martinj. In affrico Gũsaluus. iohanis. per tal. preyto. que uos **fazades** ibj in ipsas duas pezas de cãpo.
- 152) Et quẽ quer. que este conuenẽte. falecer Anter nos e uos. **pecte** ad alia parte. quingêtos. solidos.
- 153) rogamos Johane mẽediz pulbico Tabelliõ de sintra que **fezesse** antre nos este prazo partido per. A. b. c.
- 154) Karta per que abadessa de Loruááo & o Conuẽto mãdauã dizer a elRey dõ Affonso que **Reçebiã dõna Brãca** por senhor.
- 155) maenfestamos & conoszemos que **rezibemos** de uos por prezu do sobredito herdamentu dozentus & cinquenta soldos, moeda d'alfonsiis da gerra de Gráád
- 156) nos, dõ Domĩgo, abade do móósteyro sobredjto, & lo conuẽto sobredjto mãdamos a Pedro Móógo, notario de Queyroga, que **fezesse esta carta** partjda per abc
- 157) rrogey a Fernã Garçia, notario jurado do conçelo de Mõforte que **mandasse fazer esta carta**
- 158) Item mando que **cantẽ hũn anal de minsas** por mia alma.
- 159) Item mando para pagar estas deuedas que **uendan os meus eredamẽtos de Ffigeyroáá & a mea da cassa que ffoy de Pedro Ffereyro & o quiñõ da que cõpley que ffoy de Ffernan Bochacho & de Sancha Eanes**
- 160) Et mãdo que pela ma cuba grãde do uino que **digã as minsas que eu mãdey por mia alma**.
- 161) Et rrogóo por Deus & por mesura que **ffaza y o sseu deryto**.
- 162) que **laurassem** polo abade & polo conuẽto sobreditos aquela herdade de Massaelle
- 163) entõ Diago Paayz & sua moller sobreditos disserõ & outorgarõ que **laurauã esse herdamento**

- 164) o abbade & o conuêto sobreditos meterã enna dita meyadade dessa iglleia depouys morte do dito don Johan do Ramo hũu seu ffrade que **guardasse os béés da dita meyadade da iglleia sobredita**
- 165) Et por que uos, don Esteuão Perez, arçidiagó sobredito, metestes agora nouamête contra dereyto & en preiuyzo do abbade & do conuêto & do moesteyro sobreditos & en seu agrauamêto Martí Iohanes, clerigo de Bayona, conna sobredita meyadade da dita iglleia por comendeyro que **guardasse os béés dessa meyadade sobredita**
- 166) outrossy teño & creio que os agrauedes mays contra dereyto des aqui adeãte por que dissestes amêaçado que **escomūgarades os ditos ffríiqueses**
- 167) & que mãdou & outorgou que Ihis **dessê** en senhorio as ditas quinentas libras e mais quanto elas por bê teuesse
- 168) os ditos don Martino e Lourenço scola pedirõ conselho ao Bispo e aos outros oméés bóos que suso son escritos que Ihis **dissessê** e Ihis **dessê conselho**
- 169) e o bispo e os oméés bóos de suso ditos disserõ e derõ Ihis por conselho. que dessê áás ditas donas á áuença e o canbo que eles teynã por bê e se o as donas quisessem outorgar ou caber o canbo ou á áuença que eles por bê teuessem e que **gardassem e comprissem** a nosso senhor elRey a condiçõ assj como fora posto.
- 170) rogamos áos Alcaldes de Auis que **dessen esta carta aberta séelada do séelo do Conçelho pẽdente** á Domĩgos iohanis
- 171) & que se les **queriã cor[reger] os agrauamẽtos**
- 172) que les **desse** ende ũu scrito cõ meu sinal deste feito como passara per ante mĩ
- 173) E na qual procuraçom era cõteudo antre toda-las outras coussas que os sobreditos Domĩgos perez dito esquerdo & mayor perez sa molher dauã cõprida poder ao dito Domĩgos perez seu procurador. que **uendesse a meya da dita tenda**
- 174) & que **recebesse** ende o preço.
- 175) mãdamos a Steuã andadosffon uosso Tabelliõ de pinhel que **fezesse** ende esta carta
- 176) en pena rroyas que **ffaçã** ende esta carta
- 177) rogamos o dicto Abade que o **sayelasse esta carta** no sseu nome e no nosso.
- 178) en que era cõteudo que uos nos enuiauades rogar que uos **enuiassemos** 'scritos os nosos costumes
- 179) costume é que [do azeyte] & do sal **paguẽ portagẽ**
- 180) costume é que hu for o gaado uendudo **deue a dar a portagẽ.**
- 181) costume e que **deue pagar a jugada** cõ caualo de xxx meses.
- 182) costume é que depouys que o omẽ for Aluazy nõ **deuea dar jugada**
- 183) costume é que dos Juyzes aruidros & dos Almotaçees **deuẽ pignorar** por eles & per seu mãdado o porteyro do cõcelho
- 184) costume e que nõ **paguẽ custas** aos Mayordomos per razõ de reuelia.
- 185) costume he que **aiã** en Santaren dous mayordomos & hũu sayõ & hũu porteyro cõ eles.
- 186) costume he do mayordomo que nõ **costrenga cristhãao** por cõomha que ffaça contra mouro ou cõtra judeu.
- 187) costume he que des que sal o mayordomo que deue yr ao tabaliõ & ao Alcayde e aos Aluazijs & dizer-lhjs que lhj ponhã os teores dos prazos en hũu rool su seu sinal per que **possa** pouys **demãdar ssa dizima**

Século XIV

Para este século foram selecionadas 147 orações subordinadas completivas com verbos transitivos com um argumento interno com relação de objeto direto. Nessas orações o fracionamento do objeto é observado em apenas uma sentença com ordem OVS:

188) E outorgou e mādou e quis e cōsentiu que todo ouuesse o dito Monsteiro

Entre as sentenças que compõem o grupo de dados VO, é ainda mais rara nesse século a ocorrência do sujeito à direita do verbo. Atestamos apenas uma frase com ordem VOS contendo o clítico *lhj* adjacente ao complementizador:

189) Pero mendiz clerigo de don Abbade de Santo tisso uẽo perdante Stevam martjnz Juíz de Refoios queissandosse por os homẽes de santo tisso que morã en rrepresas. sobre hũa Agua que dezía que lhj **faziã** fforça os homẽes de vilharío que morã en Represas

Constatou-se pouca diferença entre as porcentagens de orações com sujeito expresso e aquelas em que o sujeito é nulo: 55% (ou 54% se considerarmos apenas o contexto de orações VO) contra 45%, respectivamente. Do total de sentenças SVO, 38% apresentaram um sintagma preposicional, um advérbio ou mais de um constituinte inserido entre o verbo e o objeto direto. Algo similar ocorre também entre as orações de sujeito nulo VO, pois também apresentam um número considerável de sentenças (30%) com um sintagma preposicional, um advérbio ou mais de um constituinte intercalando-se entre o verbo o objeto direto. Seguem abaixo as referidas orações SVO e VO:

SVO

190) Conosçuda coussa sseia a todos commo eu Maria Perez, filla que fuy de Pedro Leal de San Lourenço de Carelle & neta de Pay Moníjz; et eu Johan Ffernandes de Boymir por mĩ & por Maria Eanez, mjna moler, filla que foy de Johan Leal; et eu, Lourenço Eanez, sseu hermaóó, fillo que foy de Johan Leal; et eu, Maria Ssanchez; et Domĩga Ssanchez, netos & netas que ssomos do dito Pay Monijz, [...]os todos sobreditos por nos & por todas nossas uozes **uendemos** & firmemẽte **outorgamos** para dias de ssempre a uos dõ Fernã

- Eanez, abbat de Ssobrado & ao conuêto desse méesimo lugar todo quanto herdamento nos auemos & auer deuemos
- 191) & pedia a m̃ que eu de meu ofiço lle **desse** outoridade
- 192) lle desse outoridade per que el **podesse vender** tãto do herdamento & chantadoque aa dita Thareyia pertéeçe
- 193) dou liure & conprido poder ao dito Pedro Domingues, seu padre, que el **posa vender** tãto do herdamento & chãtadoque aa dita Thareyia
- 194) Et eu Fernã Fernandez, o sobredito, recibj ã m̃ o preyto & vj as demandas que faciã & as razoes que por si poynã & o deryto que por si auĩã & a plazer deles mandey & perla pea que parará entre si: que Johã Perez dé una terza de ceueyra de pã cada ano a Ruy Pelaez & a sua muler
- 195) Sabiam quantos esta carta uirẽ commo nos don Fernã Perez, abbade do moesteyro de Vilanoua de Lourêçãã, e o conuêto desse mijsmo lugar da hũ parte & Clemête Yanes, raçoeyro de Mendoñedo da outra, fazemos concãbia entre nos de nossos herdamentos en esta guisa
- 196) que nos abbade & conuento damos a uos Clemête Yanes & a uossa uoz por sempre jur herdeyro o nosso terreo que iaz çerca a malataria do Burgo de Ribadeu
- 197) Sabeã quantos esta carta virẽ commo nos don Diego Garçia, abbade do mosteyro de Mõforte, cõ outorgamento do conuêto desse mijsmo lugar a uos Roy Gonçaluez & a dous amigos ou amigas hũs de pus ús a uosso passamêto o hũ qual uos nomeardes & outro amigo qual nomear aquel [...] leyxardes **fazemos carta**
- 198) Conoçuda coussa sseia a quantos esta carta virẽ commo nos don ffrey Johan, abbat de Monte de Ramo e o conuêto de esse méesimo lugar, fazemos foro & carta a uos
- 199) Sabiã quantos esta carta uirẽ commo Per Eanes, fillo de Johan Uelasquez & Maria Uelasquez, moller que foy de Gonçaluo Eanes de Çerracões, mostrarõ & fezerõ leer per m̃ Esteuão Martinz, notario jurado publico del Rey en Allariz & en terra de Limia, enno moesteyro de Santa Clara d'Allariz, presente Arias Perez, alcalde del Rey en essa villa d'Allariz, & presente Jullião Perez, juyz del Rey en Limia, & as testemuyas que en fondo desta carta sseran escriptas, ũa carta çerrada & asseelada de çïco sseelo
- 200) ssu tal condiçõ que a abbadessa & o conuêto desse lugar teñã por m̃ ũa capela enno dito moesteyro
- 201) mãdo que a dita Maria Uelasquez, mia moller, dia ũa candea grossa
- 202) Sabeam quantos esta carta virem commo nos fr[e]y Pedro, abbade d'Osseyra, & o conuento desse meessmo lugar damos a uos Pedro Miguelez & a uossa moler Maria Martinz & a hũu uosso fillo d'ambos qual nomear o postremeyro de uos a sua morte a teer de nos o nosso lugar da Lama
- 203) Conoçuda cousa seia a quantos esta carta viren que eu Gonçaluo Gil, fillo de Gil Oarez, caualleiro que fuy de Lamas, et Oraca Ares, presente & outorgãte, Nunno Fernandes, caualleiro de Castrello, e Andre Munniz, meu amo, & tutores que son do que eu ey para mo gardarẽ, dou a uos Costança Fernandez, moller que fostes do dito Gil Oarez, meu padre, por liure & por quita para por senpre ya mays de bõas que y ficarã de parte de m̃ja nana Oraca Aras a tenpo de sua morte quanto hejij de auer mouil
- 204) Sabeam quantos esta mãda viren commo eu Maria Fernandez, moller de Pay Areas y filla de Costãça Fernandez & de Gil Oares que foy de Lamas, jasêdo doente & temêdome de morte, pero con todo meu entêdemêto qual Deus teuo por ben de me dar, faço & ordino meu testamêto & miã mãda
- 205) Sabeã quantos esta carta uiren commo nos donna Giomar Mendez, ona do moesteyro de Ramiráãs, & óo conuento dese lugar aforamos a uos Johan Domingues, morador nas Quintáãs d'Eyres & a uossa moller Maria Lourença

- & a quatro uozes apus uos hũa outra que sseiã uossas ssemellauiles, hũa leyra d'erdade que chamã da Nugeyr
- 206) Saibiã quantos este plazo virẽ commo eu Lourẽ[ço] Pelaez de Çeleyros [...]cõ moller myna Maria Eannes por nos & por toda nossa uoz **damos**& [...]mos a foro & a renda a uos Johan Fernandez da Fonte de Çeleyros & a uossa [...]Maria Martinz & a toda uossa uoz en commo aqui séera dicto: o casal que ey enna [...]fonte que iaz na fríguisia de Sam Fíjz de Çeleyro
- 207) Et que nos & nossa uoz aiamos dous dias da aqua da fonte desse casal
- 208) Conoçuda cousa seia a todos que eu Susana Fernandez de Galinaes por mĩ & por toda mina uoz **outorgo & ey** por firme & por estauyl a uos dom frej Esteuoo, abbade, & ao conuento do moesteiro de Santa Maria d'Armenteira aquela carta per que eu & meus irmãos vendemos a nossa herdade de Galinães
- 209) Sabeã quantos este testamento uirẽ commo eu Eluira Fernandes, muller de Roy Garcia de Froyães, iaçêdo doête, pero cõ todo meu siso & con todo meu êtendemento qual mo Deus quiso dar, **faço meu testamento & myna pustrimeyra uoõtade**;
- 210) Sabhã todos quantos esta mãda e testamẽto uirẽ que eu Steuã Pááiz, caualeiro de Molnes, com mha saude e com meu conprido siso, temêdo Deus e o dia do juizo, **faço meu testamẽto**
- 211) Sabhã todos quantos este prazo uyren & léer ouuyren que eu frey Martin, priol do monesteyro de Santa Maria de Aguas Santas do Bispado do Porto, enssenbra conos freyres & rraçoeyros desse monesteyro, enprazamos a uos Apariço Domingujz e a uossa molher Crara Domingujz hũu casal que o dito monesteyro ha en Tameal
- 212) Sabhã quantos este stormẽto uirẽ & leer ouuirẽ que ev Petro Domingujz, ã outro tẽpo mercador & morador ã Bastuzo, de mha liure uoõtade que depoyos o nõ possa reuogar, **dou & dóo & outorgo** para todo senpre a Dona Tareya Aluariz, abbadessa do monesteyro de Semedj, totalhas cousas que eu ey
- 213) mãdou & outorgou ã sseu nomme & da dita ssa molher ao dito Durã Steuez, que ele & todos seus suçesores aiã os ditos herdamentos & posisoões para todo senpre
- 214) Sabham todos que presente mĩ Per Andre, publico tabelliõ del Rej ã Guimarães, & presentes as testemuhas que adeante son escritas, Martim da Torre, abade de Santa Locaya de Palmeira, estando na quintáa do Outeiro, freigesia da dita igreja, per poder que auia de dom Gonçale Anes de Briteiros, alferiz do jnfante dom Pedro, & de dona Maria, sa molher, & ã nome deles **meteu** ã posse corporal Gonçale Steuez
- 215) Conoscã quantos esta Carta virẽ Cõmo eu vaasco rrodrigez escudeyro e eu Aldonçaffonso. ssa muler. e Eu Gil rrodrigez escudeyro e jrmãho do dito vaasco rrodrigez todos tres enssenbra damos A uos Affonso rrodrigez. nosso yrmãho todollos herdamẽtos e Cassaes que nos Auemos
- 216) Sabhã todos que en presença de mj Martin martinz tabaliõ de Guymarães e das testemunhas que adeante son escritas. Johãne afonssojuz dessa vila Julgou Roy martinz do cassal por Reuel
- 217) Sabhã todos que perante mĩ Affonso martinz Tabaliõ del Rey en terra de Aguiar de ssousa e de Reffoyos e perante as Testemunhas que adeãte ssom scritas. Johã periz de souerã. e Maria martinz ssa molher Renuçarõ todó ó deryto que Auiã ou de deryto deuiã auer no Casal de mudelos
- 218) Outorgo e mãdo e stabelesco que qualquer Priol crasteyro que ffor pelos tẽpos no Monsteiro de vilarõ que el ffaça cata missas
- 219) pediu que pois o dito scudeiro nõ pagaua o dito trebuto ao dito Monsteiro
- 220) E que des alj adeãte que o Priol e sseu Conuẽto dessen a dita ssa herdade a quem quisessem

- 221) mādou e deffendeu que nēhūu Abbade nē Priol dos ditos Moesteyros e Egreias nō **dessen** prestamos dos ditos Monsteiros e Egreias a nēhūas pesōas
- 222) Sabhã todos como na Era de Mill e tresentos e oitēenta e oyto ãnos des e sete días de Setēbro en Monçō presente mĵ. Gonçalo Lourenço Tabalion dEl Reĵ na dita vila e As testemunhas. Adeante scritas enton Apariço domingujs vesyno e morador ē Monçō por sy e por toda sa uos pera senpre **deu** en doaço boa e lijdema como doaço mellor pode e deue de sseer e mays valler A Stevam gonçallvez seu sobreno que presente estaua o procurador deste strumēto todollos herdamētos e casas e vynas e ssoutos e Arruores e rresyos e bēffeytorias que elle há
- 223) conhoçemos e cōfesamos que nos Recebemos de uos Martjn saluadorez Cincoeēta libras de dinheiros portugéeses
- 224) cōnhosco e cōfeso que eú Reçeby Cincoeēta libras de dinheiros portugéeses de uos Martjn saluadorez
- 225) djzendo que o dito Moesteiro de villarinho ha a quintãa da Ramada
- 226) E que o dito Martĵ domingujz Recusara de lhj dar os dictos homens
- 227) Julgey que o dito Prioll nō **ffezera fforça**
- 228) Sabhã quantos esta carta virē Como eu a Condessa dōna Tareia sanchiz Sēnhor da Chellas. E nos a prioressa e o Conuento deste meesmo logar. arrendamos a uos Domĵgos martĵz e a uossa molher Maria iuyããez hūa nossa vĵnha que nos Auemos en péē de Mūu a par da vĵnha dos ffreyres
- 229) Sabhã todos quantos esta. carta. virē Como eu a condessa dōna Tareia sanchiz Senhora da Chellas. e nos a prioressa e o Conuento deste meesmo logar. arrendamos a uos Domĵgos martĵz e a uossa molher Maria iuyããez. hūa nossa vĵnha que nos auemos no val das donas
- 230) Sabham todos que na Era de mil e trezentos e ssatēēta e noue anos vijnte e dous días do mes de Julho ē logo que chamã o lauradio de Riba de teio ē presença de mĵ Johane ānes Tabelion pubrico deL Reĵ ēno dito logo de Riba de teio e das. Testemunhas. que adeante sson scritas Affonso periz mercador morador na Çidade de Lixbōa mostrou e léér ffez per mĵ sobredito Tabelion hūa procuraço
- 231) Sabhã todos que Nos dona Catelĵna Prioressa do Mosteyro da chelas E Nos cōuēto desse messmo todas Jūtas per cāpãa tãJuda come de nosso custume pera estas coussas que sse Adeāte ssegē **damos** Afforo deste dĵa pera todo ssempre A uos Affonso Rodigez morador ē carnyde termho da Cydade de lixbōa e A todos uossos ssoçessores hūa vĵnha que nos Auemos
- 232) Atal preito e cōdjçō que uos e os uossos ssoçessores Adubedes e Aprofeytedes A dita vĵnha de todolos Adubjos e coussas que lhe cōpir e ffezer mester ē gyssa que sseyra melhorada e nō peJorada
- 233) diserom que bem Erá uerdade que Meestre Johãne daleys lhj ēprazara hūa herdade.
- 234) E dyziã que ora Martjm Affomso valente escudeiro gemrro do dito Meestre Johãne. cobrara A dita vĵnhã que lhj. o dito Meestre Johane deraē Casamēto cō outros bēe
- 235) Era conteudo que o dito vigajro. daua comprado poder e utoridade e Consentimento Ao dito Aluaro Perez
- 236) o qual dito Aluaro perez per poder da dita carta. disse que eL Escambhaua o dito CasaL cō A dita prioressa e Conuēto do dito Mosteiro
- 237) dĵserom que ellas ffilhauã o dito casaL e pertēēças Del
- 238) Era conteudo que o dito vigajro daua comprado poder e utoridade e consentimento A Marcos mjguez. procurador de Dona betaça prioressa do Mosteiro dachellas

- 239) Sabhã quantos este stromento de testamêto virem. Como eu Sancha uicente mulher de Mateus stevez morador na Arruda, temêdo deus a cuío poder ey dhir e o dia do meu pasamento nõ sseendo çerta quando ha de sseer cõ todo meu siso e entendimento comprido qual mho deus deu **ffaçõ meu testamêto**
- 240) Item Mando e leixo a A Confraria de santa Maria da dita vila xl soldos E que os Confrades me **façam honrra e offiço de confrada**
- 241) Sabham quantos este stromêto vírem que Eu Steuã uasquez felipe Caualeíro come procurador de Costança Afomso dou de Renda, A uos domjgos Affonssõ morador em Aldea galega Rjbateío hũa Marinha de SaL que a dita Costança Afomso ha A par do dito logo
- 242) E logo o dito Johã Martijz djsse que El trouuera Ataaqui hũa quintaa do dito Mosteiro de chellas
- 243) Conoscã quantos esta Carta virê Cõmo eu vaasco rrodrigeç escudeyro e eu Aldonçaffonso. ssa muler. e Eu Gil rrodriguez escudeyro e jrmãho do dito vaasco rrodriguez todos tres enssenbra damos A uos Affonso rrodriguez. nosso yrmãho todollos herdamêtos e Cassaes que nos Auemos e de dereyto deuemos ha auer êno Couto de negrelhos
- 244) Sabhã todos que perante mĵ Affonso martinz Tabaliõ del Rey en terra de Aguiar de ssousa e de Reffoyos e perante as Testemunhas que adeãte ssm scritas. Johã periz de souerã. e Maria martinz ssa mulher **Renuçarõ todó ó dereyto que Auiã ou de dereyto deuiã auer no Casal de mudelos**
- 245) Conhoscã todos que perante o onrrado barom dom Joham uicente Cõõigo de Bragáá e vigayro geeral do onrrado padre e senhor dom Gonçalo pela merçé de deus e da santa Igreja de Roma Arcebispo dessa meesma. mĵ Joham martijz Taballiom de Bragáá, presente e as testemunhas adeante scritas. Domingos uicête que se dezia Cõõigo reglãte do Monsteiro de vilarinho da ordín de santo Agostinho do Arcebispado de Bragáá **mostrou** e per mĵ dito Taballiom **leer fez hũa carta de Affonso dominguiz Corregedor**
- 246) ffez ordinhaçom en que mãdou e deffendeu que nêhũu Abbade nê Priol dos ditos Moesteyros e Egreias nõ **dessen prestamos** dos ditos Monsteiros e Egreias a nêhũas pesõas
- 247) E ora he me dito per algũus fidalgos naturáaes desse Monsteiro que uos nõ guardastes esto que uos assy he mãdado per El Rey.
- 248) Sabhã todos como na Era de Mill e tresentos e oitêenta e oyto ãnos des e sete días de Setêbro en Monçõ presente mĵ. Gonçalo Lourenço Tabalion dEl Rej na dita vila e As testemunhas. Adeante scritas enton Apariço domingujs vesyno e morador ã Monçõ por sy e por toda sa uos pera senpre **deu** en doaçõ boa e lijdema como doaçõ mellor pode e deue de sseer e mays valler A Stevam gonçallvez seu sobreno que presente estaua o procurador deste strumêto todollos herdamêtos e casas e vynas e ssoutos e Arruores e rresyos e bẽffeytorias que elle ha e per dereyto deue dauer na ffregesya de san. Pedro de Meroffe
- 249) os quaes jorarõ Aos santos Auêgelios corporalmête taniendoos com suas maos que o dito Apariço domingujs ha os ditos herdametos e bees na dita ffregesya de Meroffe
- 250) declaramos e mãdamos que o dicto Priol daqui adeãte **de de/sic/** cada día. aos cõõigos do dicto Monsteiro tal raçom de pa//l//m aluoe de carne e de pescado. como senpre ata aqui ouuerom
- 251) conhoçemos e cõfesamos que nos Recebemos de uos Martijn saluadorez Cincoeêta libras de dinheiros portugéeses
- 252) cõnhosco e cõfeso que eú Reçeby Cincoeêta libras de dinheiros portugéeses
- 253) djzendo que o dito Moesteiro de villarinho ha a quintãa da Ramada por sua
- 254) Julgey que o dito Priol nõ **ffezera fforça**

- 255) dizendo o dicto vaasco gonçalvez Autor Em ssua Auçom contra o dicto Nicolao stevez rreéo que ell Avia ssuashuas cassas de ssua herdade
- 256) E o dicto Nicollao stevez disse que Ell tynha e possoia as dictas cassas
- 257) Conhucuda cousa seia a quantos este prazo uirẽ e léer ouuirẽ que eudom Stevam eanes Abbade de Cetye o Priol e o Conuêto desse méésmo lugar ffazemos prazo a ty Domĩgas dominguiz e ao Primeyro marido que ouueres.
- 258) Sabhã quantos este stromento virẽ e léer ouuirẽ que eu Johã uiçete procurador do Moesteyro da chelas e do que o dito Moesteyro ha en Portugal e no Algarve en nome de dona Crara gonçalvez Prioressa e do Conuêto do dito Moesteyro. enprazo A uos Pero tome çapateyro e a uossa molher Maria anes en todo tẽpo de uossa vida danbos hũas Casas que o dito Moesteyro ha en Santarẽ na Ramada
- 259) dizendo que eles ham sua Composiçõ cõ o dito priol mayor
- 260) Sabham quantos esta carta uirẽ como eu Gomez Periz & eu apariça martins ssa molher & eu martin martins vendemos a nosso senhor elRey. hũu chãoo de casaria
- 261) Sabham todos quantos esta carta de venda virẽ como eu Domỹgos affonso [...] & eu maria dominguiz ssa molher vezjnhos destremoz **vendemos** A nosso ssnhor EIRey duas tendas
- 262) Conhoscã todos quantos este stormẽto virẽ & ouuirẽ que ẽ presença De mĩ Lourenço garçia publico Tabbaliõ de noso Senhor elRey ẽ terra de Bẽuiuer & das testimonhas que adeãte som scritas áaquisto speçialmẽte chamadas e Rogadas O Religioso & onesto Dom Domigo periz priol do mosteiro de villa Bõa do Bispo & Lourẽço Gonçaluiz uigairo de Dom Pero ẽ terra de iestaço **mostrarõ** & mĩ **léer fezerõ** hũa carta seelada do seelo de noso Senhor EIRey
- 263) Costume he que o mayordomo nõ deue dar dar enquisa
- 264) Costume he que o alcaide nõ apregohe gáádo perdediço.
- 265) Costume he que o alcayde nõ deue a leuar de carçeragẽ ergo ij soldos.
- 266) Costume he que nehúú moordomo nõ sayhõ nõ seu homẽ nõ ualha enquisa
- 267) Costume he que nẽhũu móórdomo nõ deue costrenger nẽhúú por deuyda
- 268) Sabhã quantos este stromento virẽ e léer ouuirẽ que eu Johã uiçete procurador do Moesteyro da chelas e do que o dito Moesteyro ha en Portugal e no Algarve en nome de dona Crara gonçalvez Prioressa e do Conuêto do dito Moesteyro. enprazo A uos Pero tome çapateyro e a uossa molher Maria anes en todo tẽpo de uossa vida danbos hũas Casas que o dito Moesteyro ha en Santarẽ na Ramada

VO

- 269) conben a saber que uos **aforamos** o foro do Ssalgeyral
- 270) Et que isto seia çerto & nõ ueña en dulta rogamos & mãdamos a Aras Peres, notario publico de Vila Noua de Lourençáá, que **fezesse** ende entre nos duas cartas feytas en hũ tenor
- 271) áátal foro damos a uos os ditos casares que os lauredes & paredes bẽ a todas partes en maneyra que se nõ percã os nouos dessas herdades cõ mĩgoa de lauor [.] [...] bõa parãça & que **tenades** as casas delles feytas & cobertas & bẽ paradas
- 272) Et esto uos fasemos per condiçõ que frey Pedre Pays, tyo de uos o dito Lourenço Yanes, que sseia ssenpre amjgo de nos & de noso mosteyro & das nosas cousas bẽ & leal mente cõ fe & cõ uerdade & que nos cũpra da ssua parte as nosas cartas & os nosos priuyllegios & que nollos ajude a mãtéer aos

- outros en quanto el poder & que nos nõ **faça** desaforamêtonê desaquisado a nos nê aos nosos omêes
- 273)rogamos & mãdamos a Pedro Fernandes, notario en Châtada, que **faça** ende entre nos duas carta[s] partidas per abcd anbas en hũ tenor.
- 274)Mãdo que me **façã** muy bõo muymêto alçado & muy bõa ssupultura & muy rica
- 275)que me **façã** y vn altar
- 276)Et rrogo & peço ao conçello d'Allariz & a quaes quer que forẽ y juyzes que **façã** cada anno **meter** estes capelães
- 277)mãdo que lle **diã** çinquenta mor,
- 278)os ditos Per Eanes & Maria Uelasquez pedirõ a mĵ, notario ia dito, que lles **desse** ende vn estrumêto feyto per mia mão & ssignado cõ meu signo
- 279)mãdo pella mjña nouidade que **pagen** trese teqas de PA
- 280)Et mãdo que **diã** hũ dos chumaços a mjña yrmãa Tereyga Fernandes.
- 281)mãdo que **pagen** vijnte & ssete pares de dineyros
- 282)conoscemos que **uêdemos** por nos & por toda a nosa uoz & por Martĵ Anes, jrmão da dita Maryna Eanes, que nõ está presente & por todáa sa uoz, todo quanto herdamêto nos auemos de parte de noso padre
- 283)mãdo que **dẽ** logo o seu quinõ a Móór Rodrigues
- 284)rrogamos & mandamos a Martĵ Lourço, tabeliõ de Cabeçeiras, que uos **fezesse** da dita venda & posse este estromento.
- 285)E entõ disse o procurador de uilharĵo auonda poes sse el ffaz procurador e demais o que o Juíz diz. e disse que **ffezesse** sa demãda
- 286)protestauã e deziã por sy e por o Conuêto a esse Juíz que nõ **desse** hj sentêça que contra eles ffosse
- 287)disse que **daría** a cada hũu o sseu deryto
- 288)mãdou ao Alcayde que **entregasse** essa vinha a esse priol ã Logo de reuilia.
- 289)rogou e pediu ao dito Prol/sic/ que quãto era o renouo deste ãno que sse seguía pois fá era começado que lho leixasse colher e auer e que lhj **daría** seus dez maravedis
- 290)E assi mãdou a mĵ dito Tabeliõ que lhj **desse** ende hũu stromento ao dito Priol e Conuêto
- 291)deffendj fingindo que **dades** esses prestamos per mãdado e costrêgimêto dos vigayros de Bragáa
- 292)Por que uos mãdo e deffendo da parte del Rey que nõ **dedes** nêhũus prestamos a nêhũas pesõas do dito Monsteiro
- 293)e obrigouse que nõca **demandasse** outro proueamêto A nosso Sênhor o Bispo Dom gomes de Tuj
- 294)E mãdamos ao dicto Priol ã uirtude de sancta obediêça e so pea de scumõhon. que **constrenga.** o seu ovêêçal do dicto Monsteiro
- 295)que **de de** cada día sa raçom e mâtijmêto
- 296)E dizia Ao dito priol que lhe Mãdaua dizer o dito francisco martjnz seu Mardo/sic/ que nõ queria cõ elle preitõ e que lhe queria dár a dita palhá da qui Adeãte e que nõ **gahase** contra elle Mays sentença
- 297)E pedia que per Sentença o costrengese que lhj **dese** a dita vaca
- 298)Era contehudo ã sua petiçom a qual ffoy contestada per o dito prioll dĵendo que verdade Era que lhj ffilhara a dita vaca cõ sa ffilha e deu sua deffesa Ao conffesado e mostrou que nõ **ffezera** fforça
- 299)a dita Margarida martĵjz pediu a mĵ ssobredito Tabelion que lhj **desse** hũu estromêto
- 300)E dyziã que ellés eram pobres e velhos e despóçadós per tal guisa que nõ **podyã** mâtéernê Adubar a dita vynha
- 301)que **podesse** ffazer. hũu escambho. dũu casaL.

- 302)E disse que per esta carta. **metja** o dito Mosteiro ã posse e ã Corporal. possysom do dito. casaL
- 303)Primeiramente dou o meu corpo e a mha Alma a deus que a fez e virgem gloriosa santa Maria sua madre e a toda a corte dos Ceeos que Roguẽ a deus por mÿ que me **perdoe** os meus pecados
- 304)Item Mando que me **ffaçam** boa sopultura honrrada
- 305)E mãdo que me **digam** por cada uez Misa officiada
- 306)Item leixo A Mateus sstevez meu Marido todolos meus bẽes mouys E a mha matade da casa da Adega E que me **pague** por ella vijnte libras
- 307)E entõ disse o procurador de uilharõ auonda poes sse el ffaz procurador e demais o que o Juíz diz. e disse que **ffezesse** sa demãda
- 308)e entõ disse esse Domingos dominguiz por vilharõ que **contradizía** esse prouo
- 309)E disse Pero mendiz por santo tisso e o Procurador de uilharõ que **enqueressẽ** esses homẽes bõos.
- 310)Por que uos mãdo e deffendo da parte del Rey que nõ **dedes** nẽhũus prestamos a nẽhũas pesõas do dito Monsteiro
- 311)Das quaes cousas o dito Domingos uícente pedio a mÿ Joham martijz Taballiõ suso dito que lhj **desse** ende hũu stromento
- 312)E dyse pello dicto Joramẽto dos Auẽgelíos que desto se tijna por contento e obrigouse que nõca **demandasse** outro prouemẽto
- 313)dyseron pello dito Joramẽto que **Auera** nos ditos herdamẽtos e bees os ditos seix.
- 314)dizẽdo os dictos cõõigos em seu nome e do dicto Cõuẽto que de custume antigo **custumarõ dauer** e **ouuerom** no dicto Monsteiro bõa raçom e mãtjimẽto
- 315)E mãdamos ao dicto Priol ã uirtude de sancta obediẽça e so pea de scumõhon. que **constrenga.** o seu ovẽẽçal do dicto Monsteiro
- 316)nõ possamos negar ã Juízo nẽ fora de Juízo que as del nõ **Recebemos** as quaes libras
- 317)E pedia que poys o dito francisco martjnz nõ parecia que o Julgasen por Revel e A sa Reuelia que **vise** o dito feito
- 318)E dizia Ao dito priol que lhe Mãdaua dizer o dito francisco martjnz seu Mardo/sic/ que nõ queria cõ elle preitõ e que lhe queria dár a dita palhá da qui Adeãte e que nõ **gahase** contra elle Mays sentença
- 319)e o dito priol dise A dito Jiz/sic/ que **vise** o dito feito
- 320)E pedia que per Sentença o costrengese que lhj **dese** a dita vaca
- 321)djzendo que verdade Era que lhj **ffilhara** a dita vaca
- 322)E que visto esto que deuya Julgar que nõ **ffezera** fforça
- 323)Conhoçemos E Confesamos que **Recebemos** do priol de villarínho seteçentas e trinta e duas liuras e doze soldos.
- 324)Rogãmos Pero martijz pubrico tabeliom Dalanquer que nos **ffezese** dous stromentos per Abc partidos
- 325)depois que o aReygassen pelos ffiadores assy cõmo dito que **enprazassen** o dito Pedre Anes
- 326)mostrou hua carta de noso Senhor elRey ã que era contiudo que **dese** hua [so]ma de dinheiros ao dito dõ Jufez
- 327)dise a Gil Fernãdiz homẽ dorraca machada que se a disese carta del Rej per que lj **entregase** os bẽs de Pero e Ehanes
- 328)pedio a mÿ sobredicto Tabaliõ que lhy **dese** hũu testemunho
- 329)Stabelecemos e mãdamos que na nossa eygreia cathedral de coimbra **façã** fešta en cada hũu ano no oyttauo dia do mes de Dezembro
- 330)Costume he que nõ **paguẽ** custas ao Mayordomo per razom de reuelia.

331)disse ca lhy nõ **fezera** *mal*.

332)Custume he que sobre custume **deuo a emētar** *quantas enquisas quísser*.

333)uē poys alguē e díz que **leixou** *algũa coussa* en ssa mão so condiçõ.

334)Custume he que **dē** ao porteyro de cada legoa *i soldo*.

As tabelas abaixo trazem a quantificação dos dados referentes aos séculos XIII e XIV:

TABELAS DE DADOS COM ANTEPOSIÇÃO NP ACUSATIVO À ESQUERDA DO VERBO – OV

DATA (*pela natureza dos documentos não foi possível agrupar os dados por Texto/Autor como no CTB)	SÉCULO XIII	SÉCULO XIV
TOTAL DE PALAVRAS	41.181	56.054
TOTAL DE SENTENÇAS DO TEXTO		
TOTAL DE SENTENÇAS BUSCADAS	173	147

Tabela 10: OV versus VO em sentenças subordinadas finitas com verbos transitivos diretos.

TOTAL DE OV	7	1
OV/OV+VO	0,04	0,01
TOTAL DE VO	166	146
VO/OV+VO	0,96	0,99
SOMA DAS ORDENS OV E VO	173	147

Tabela 11:OV versus VO em sentenças subordinadas com sujeito nulo.

OV COM SUJEITO NULO	3	0
OV/OV+VO (estruturas com sujeito nulo)	0,05	0,00
VO COM SUJEITO NULO	60	66
VO/OV+VO (estruturas com sujeito nulo)	0,95	1,00
SOMA DAS ORDENS OV E VO com sujeito nulo	63	66

Tabela 12: - Frequência geral.

OV com sujeito nulo/TOTAL DE DADOS	0,02	0,00
VO com sujeito nulo/TOTAL DE DADOS	0,35	0,45

Tabela 13: OV versus VO em sentenças subordinadas com sujeito expresso.

OV COM SUJEITO EXPRESSO	4	1
OV/OV+VO (estruturas com sujeito expresso)	0,04	0,01
VO COM SUJEITO EXPRESSO	106	80
VO/OV+VO (estruturas com sujeito expresso)	0,96	0,99
TOTAL DE SENTENÇAS BITRANSITIVAS COM SUJEITO EXPRESSO	110	81

Tabela 14: Frequencia geral.

OV com sujeito expresso/TOTAL DE DADOS	0,02	0,01
VO com sujeito expresso/TOTAL DE DADOS	0,61	0,54

SUJEITO EXPRESSO

Tabela 15: OV com sujeito expesso.

OSV	0	0
OSV/total de OV com sujeito expesso	0,0	0,0
OVS	3	1
OVS/total de OV com sujeito expesso	0,75	1,00
SOV	1	0
SOV/total de OV com sujeito expesso	0,25	0,0
Total de OV com sujeito expesso	4	1

Tabela 16: VO com sujeito expesso.

SVO	99	79
SVO/total de VO com sujeito expesso	0,93	0,99
VOS	1	1
VOS/total de VO com sujeito expesso	0,01	0,01
VSO	6	0
VSO/total de VO com sujeito expesso	0,06	0,00
Total de VO com sujeito expesso	106	80

4.2 CTB

Esta etapa envolveu a pesquisa de 15 textos do CTB perfazendo um total de 627.442 palavras ou 30.037 sentenças. Essas foram submetidas às buscas descaminadas no item 3.4 acima, o que gerou um total de 694 orações. Os resultados das buscas mostram de forma sistemática uma predominância de VO em relação a OV independentemente da presença do sujeito lexicalmente realizado na oração. Das 694 orações, apenas 21 (3%) apresentam o objeto direto à esquerda do verbo. Esse percentual de 3% de anteposição do objeto em relação ao verbo se distribui da seguinte forma: 2% de sentenças com sujeito nulo e 1% de sentenças com sujeito expesso. (Confere Tabela Geral CTB da planilha de quantificação, CD anexo)

Os Gráficos abaixo ilustram a distribuição da anteposição e posposição do NP-ACC nos textos do corpus Tycho Brahe considerando o universo geral dos dados:

Gráfico 1. OV vs VO ⁴²

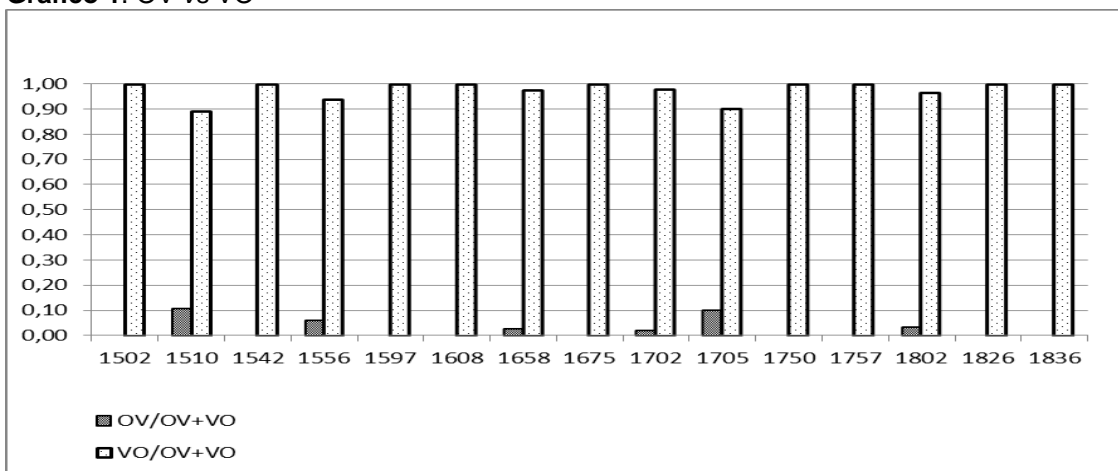


Gráfico 2. Ordens OV com sujeito expresso.

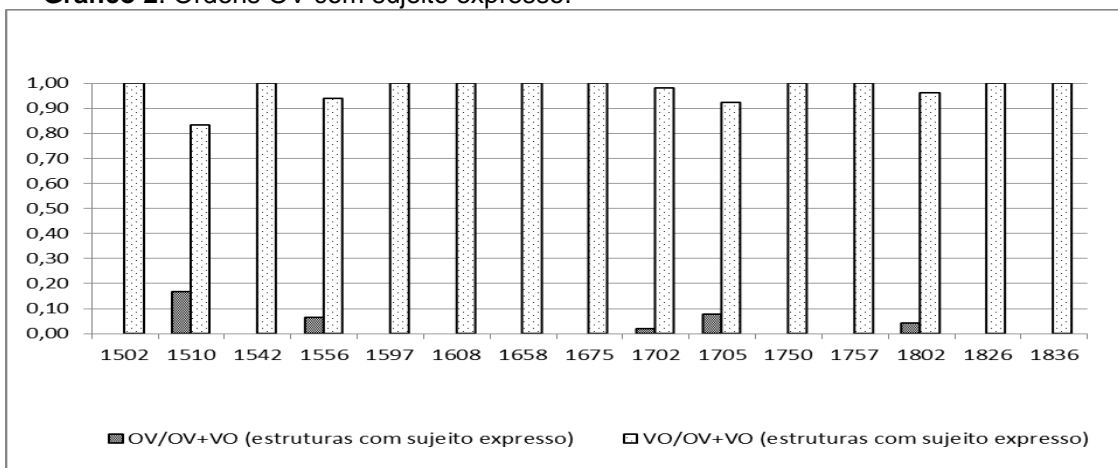
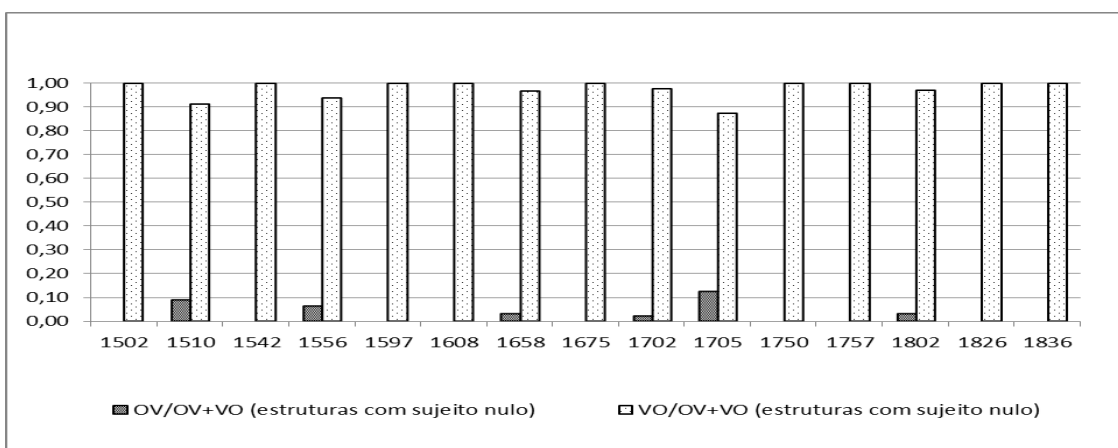


Gráfico 3 Ordens OV com sujeito nulo



⁴² O fronteamento de um Sintagma nominal acusativo (NP-ACC não-clítico) em orações completivas sobre o total de orações completivas com verbos transitivos contendo um argumento interno com relação de objeto direto não-clítico.

A ordem VO, com o NP-ACC posposto ao verbo, é quase categórica nas orações completivas em todo o período que o corpus abrange⁴³.

No entanto, apesar da baixa frequência, os dados do fronteamto do objeto direto em orações completivas no CTB são curiosos. Se olharmos apenas para as estruturas OV, a anteposição do objeto com inversão do sujeito (OVS) é uma escolha que se atesta em texto de autor seiscentista e setecentista. Já a ordem OSV só foi atestada no século XVI e a ordem SOV em completivas só foi atestada no século XVIII, conforme está ilustrado no gráfico 2.

Seguem abaixo a relação das 21 sentenças encontradas nas quais se nota o fronteamto do objeto direto. As orações estão classificadas segundo a ordenação e entre parênteses lêem-se a sigla referente ao autor e sua data de nascimento.

OV

- 335) e se por ventura cuidas que o fiz para tomar a fazenda do capitão de Malaca, crê de mim que nunca **tal imaginei**, (CTB, p_001, 1510).
- 336) e dize-lhe, que o mais queentendo que lhe devo pelo amor que me mostrouno socorro das munições que me mandou por ti, **deixo** para lho levar por mim quando com mais descanso do que agora tenho me vir livre destes inimigos. (CTB, p_001, 1510).
- 337) e pelas inconsideradas palavras dela conheci a bebedice dos teus conselheiros, aa qual não quisera responder, se mo não pediram os meus, pelo que te digo que me não desculpes diante de ti, que te confesso que **tal louvor não quero**, (CTB, p_001, 1510).
- 338) e afirmava que pera compor tudo de um golpe era único remédio a oração em quetantas vezes lhes falava, e por isso o fazia; porque tinha por sem dúvida que se nela se ocupassem de verdade chegariam a gostar quão suave é o espírito do Senhor, e logo ficaria composto o homem interior. Donde resultaria um grande concerto e correspondência em todos os sentidos. Que debalde trabalhava por se mortificar de fora quem primeiro não mortificasse a raiz, que era o interior; e só aquela composição era verdadeira e durável, que procedia de alma composta. Que **esta compusessem** com a virtude da oração e

⁴³ Apesar de não observarmos alteração relevante nas frequências de VO, notamos, ao distribuir os dados por região e considerando o fator adjacência entre verbo e objeto, uma diminuição da frequência de VO sem adjacência entre o verbo e o objeto do século XII ao XIX e do Norte para o Sul. A frequência da não adjacência entre o verbo e o NP-ACC em orações completivas passa gradualmente de 40% no século XIII, textos localizados na região Norte, para 15% no século XIX, textos localizados na região Sul. Não houve tempo de explorar esta questão neste trabalho, mas fica a curiosidade para trabalhos futuros.

- continuaçãodela, que logo lhes dava tudo por feito, porque o que se alcançava por outros meios que não eram os do amor de Deus, era tudo forçado, era fantástico, e uma espécie de hipocrisia ou virtude gentilica. (CTB, s_001, 1556).
- 339) mandou os avisar que tal não **fizessem**; (CTB, s_001, 1556).
- 340) e obedeciam com silêncio, pela experiência que tinham que nenhum conselho em contrário **admitia**. (CTB, s_001, 1556).
- 341) e, vendo ocasião pera o que traziam acordado, continuou, dizendo que quanto se fazia na terra, fossem quais fossem os meios e os princípios, tudo vinha traçado do Céu; que se faltara um provincial religioso e amigo pera nomear, e ainda uma Rainha e um Rei pera lhe dar a mitra, não faltara uma luz do Céu pera o descobrir, como a São Gregório, ou uma pomba, como a São Petrónio, ou outro meio, de muitos que as histórias contam; que, enfim, a mão de Deus não estava hoje abreviada e, pois a sua eleição fora obra de mão de Deus, devia conformar-se com Ele e não usar da dignidade de maneira que desdesse a entender ao mundo <LPAREN> como já se ia notando <RPAREN> que aestimava pouco ou andava com ela desgostado e, como dizem, de brigas. Que isto dizia, porque nem a trabalhosa vida que se dava, nem o modo de sua família e acompanhamento conformava com a grandeza pontifical e Primacia de Espanha, em que o Deus pusera, fazendo o sucessor de tantos e tão famosos arcebispos e, enfim, do grande filho do trovão, Santiago, primeiro fundador da igreja e primacia de Braga. (CTB, s_001, 1556).
- 342) Chegando pois a noticia, que o que estudara nas Aulas, illuminara nas virtudes, dezejosa de consultá-lo, principalmente naquella revelação do Lado de Christo, o mandou chamar; (CTB, c_002, 1658).
- 343) Suponde que nada disse. (CTB, c_001, 1702).
- 344) Respondeu que tudo executaria menos aquella obrigação a que chamava despropósito. (CTB, c_001, 1702).
- 345) verdade é que a maior parte de estas Reflexões escrevi sem ter o pensamento em aquella vaidade; (CTB, a_001, 1705).
- 346) Miseráveis homens, género infeliz, que em esse momento, que lhes dura a vida, preparam a sua mesma reprovação; e que tendo vaidade, que lhes faz parecer, que tudo meditam, que tudo sabem, e que tudo prevêm, só a não têm para ante verem as vinganças de um Deus irado, e que com o seu mesmo sofrimento, esilêncio, clama, ameaça, julga, condena! (CTB, a_001, 1705).
- 347) finalmente não se conhecendo a si, presume que tudo o mais conhece. (CTB, a_001, 1705).
- 348) A o principio de estas memórias falei em as relações íntimas que existiam entre meus Pais e os meus parentes com Monsenhor Callepi, Nuncio de Sua Santidade, e Monsenhor Macchi, auditor de a nunciatura, relações que estes mesmos tinham com meus tios Alorna e Bellas e com minha Avó, dizendo se mesmo que Monsenhor Callepi era o seu conselheiro íntimo e que nada deliberava sem o consultar. (CTB, a_003, 1802).

SOV

- 349) Se Vossa Mercê visse como as deidades gordas, macilentas, velhas e fracas tomaram o remoque, havia de julgar como eu julguei que quem se queima alhos come. (CTB, c_001, 1702).
- 350) os outros não admitiam nenhuma entidade supérflua, tendo sempre por infalível axioma deo Filósofo, quando diz, que a natureza nada faz em vão. (CTB, a_001, 1705).

- 351) Ouvi sempre dizer que meu tio pouca atenção dava a as pessoas que enchiam assuas salas, conservando se até a o momento de a partida entre os seus, não abandonando a mão de sua mulher e de suas sobrinhas. (CTB, a_003, 1802).

OSV

- 352) e me disse com muitas lágrimas, vês aqui português porque sinto a vinda destes inimigos, que se não fora ver me eu preso desta necessidade, e tão penhorado pelo que a honra nisto me obriga que faça, eu te juro a lei debom mouro que o que ele agora **determina** de me fazer, eu lho fizera primeiro, sem meter nisso mais cabedal que só os meus com minha pessoa, porque muitos dias há que sei quem é este falso achém, e a quanto se estende seu poder, (CTB, p_001, 1510).
- 353) Antônio de Faria, vendo o que lhe disse este moço cafre, o qual lhe afirmou por muitas vezes que toda a gente de peleja o perro ali **trouxera** consigo, e que no junco não ficaram mais que quarenta marinheiros chins, determinou dese aproveitar daquele bom sucesso. (CTB, p_001, 1510).

OVS

- 354) e com grandes lástimas e desconsolação lhe pediu que o não quisesse forçar a uma cousa pera a qual totalmente se sentia sem talento nem capacidade. Que não era novo recusarem e ainda enjeitarem grandes cargos os que tinham pera eles suficiência, quanto mais quem de todo carecia dela. Que bom exemplo nos **deixara** disso nosso Padre São Domingos que, sendo quem era, no primeiro capítulo geral que celebrou em Bolonha, pediu aos padres que fizessem eleição e o aliviassem do governo de uma Ordem que havia pouco ele mesmo acabara de fundar e estava cheia de santos e do seu espírito. Que, se um tão grande Santo, e tão favorecido de Deus, procurara descarregar se em parte da administração de tal Ordem, como se atreveria um homem pecador e ignorante a pastorear tantos milhares de almas livres nas vontades, diferentes nos estados e, alguns, estragados na vida e porventura esquecidos da salvação. (CTB, s_001, 1556).
- 355) e talvez que então sejam bem aceites; porque os erros facilmente se desculpam em favor de um morto; se bem que pouco vale um livro, quando para merecer algum sufrágio, necessita que primeiro morra o seu Autor; (CTB, a_001, 1705).

Assim como ocorreu no CIPM, observa-se que os objetos fronteados nas orações acima são em sua maioria quantificadores, pronomes indefinidos ou demonstrativos: *tal, esta, isto, pouco, tudo, nada*, etc. Gibrail (2010), pesquisando textos dos séculos XVI e XVII, encontra exatamente o contrário para o contexto das orações matrizes. A autora fala de uma “maior frequência com objetos na categoria de sintagmas nominais e com frequência menor com objetos na categoria de pronomes pessoais e sintagmas quantificados” (GIBRAIL, 2010, p. 91). A presença dessas categorias à esquerda do verbo se justifica pelo fato de poderem ser carregadas com traços +F, que na

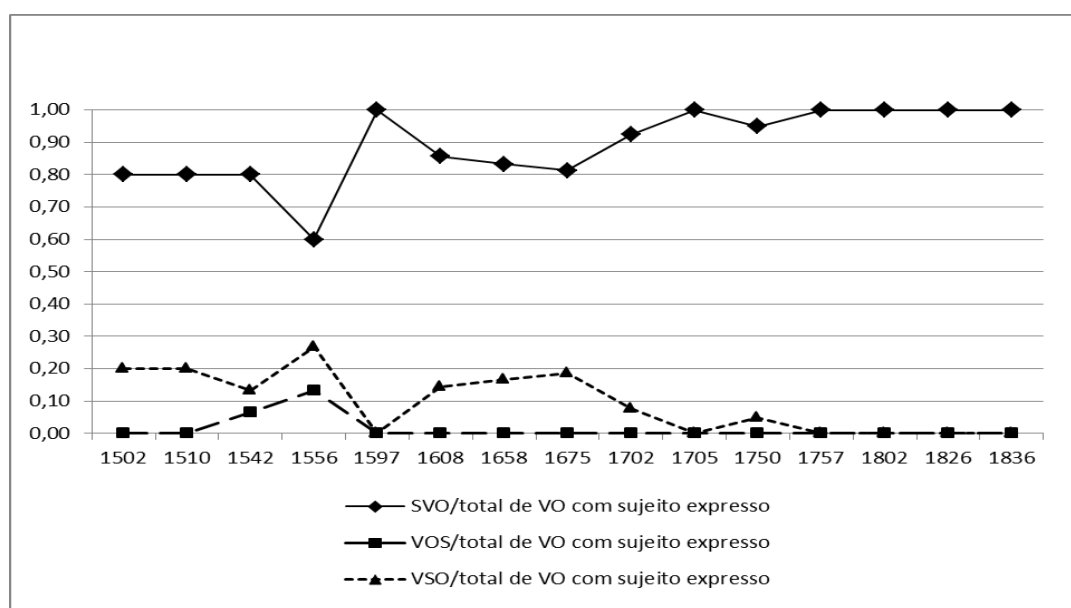
segmentação do CP segundo Rizzi (1997) e Benincà (2006) estão em FocP, responsável pela focalização.

Observa-se também que em sua maioria esses objetos se encontram contíguos ao complementizador, com exceção da seguinte sentença em que o advérbio *nunca* se insere entre o complementizador e o elemento fronteado:

- e se por ventura cuidas que o fiz para tomar a fazenda do capitão de Malaca, crê de mim que nunca tal imaginei, (CTB, p_001, 1510).

Quanto ao conjunto de dados das sentenças VO com sujeito expreso, os resultados da quantificação dos dados CTB mostram um decréscimo na frequência das ordenações com sujeito posposto (VSO e VOS) e um aumento gradativo da anteposição do sujeito (SVO), o que está em consonância com estudos anteriores como o de Paixão de Sousa (2004). Isso pode ser facilmente observado no Gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4 Ordens VO com sujeito expreso



Também é observável no Gráfico 3 que a inversão VSO – inversão germânica – é preferida à VOS – inversão românica. Outro ponto a ser destacado é que tais inversões desaparecem dos dados após 1750 – data que

coincide com o ponto de inflexão da mudança do Português Médio para o Português Europeu Moderno apontada por Galves et al (2006).

Seguem abaixo as sentenças com o sujeito posposto: VOS, a inversão românica, que se mostrou pouco produtiva nos textos; e VSO, que encontra um pouco mais de representatividade nos textos, inclusive em autores do século XVIII:

VOS

- 356) Diz mais, que **comiam** carne humana os naturaes de Zipango. (CTB, c_007, 1542).
- 357) e sempre sospirava polo canto da sua cela, como quem tinha experimentado que só no deserto da Religião **goza** vida segura e descansada quem estima e sabe conhecer o preço da verdadeira liberdade. (CTB, s_001, 1556).
- 358) E, pera prova, trazia na memória um decreto do Concílio Cartaginense IV, que dispõe que não somente **estudem** letras os eclesiásticos, mas que também juntem com elas saberem algum honesto mister de mãos, e de subdiácono não seja ordenado quem lhe faltar esta qualidade. (CTB, s_001, 1556).

VSO

- 359) e dizem que como filho de seu pai se vingam dele: tendo para si que em tal caso não **toma** esta criatura nada da mãe, (CTB, g_008, 1502).
- 360) e o negócio a que vinha, era pedir socorro de gente, e algumas munições de pelouros e pólvora, para se defender de uma grossa frota que o rei do achém mandava sobre ele para lhe tomar o reino, a fim de ficar mais nosso vizinho, e daí continuar com suas armadas sobre Malaca, por lhe serem chegados novamente trezentos turcos do estreito de Meca. O que visto por Pero de Faria, e quão importante negócio este era ao serviço de El-rei, e a segurança daquela fortaleza, deu conta disso a dom Estêvão, que ainda depois disto foi capitão mês e meio, o qual se lhe escusou de tratar deste socorro, com dizer que já acabava o seu tempo, e que a ele pertencia isso mais, pois ficava na terra, e havia de passar por esse trabalho de que se arreceava. A que Pero de Faria respondeu, que lhe **desse** ele comissão para mandar nos armazéns, e que logo proveria no socorro que entendia ser necessário. (CTB, p_001, 1510).
- 361) E já que nós até agora nunca quebramos esta homenagem, qual será senhores arazão, porque não cumprireis com esta obrigação, e verdade do vosso rei, sabendo que por seu respeito nos **toma** este inimigo achem a nossa terra, dando por razão que é o meu rei tão português, e tão cristão como se nascera em Portugal? (CTB, p_001, 1510).
- 362) e porque sabia o grande desgosto, que o Magor disso havia de ter, receando que lhe viesse tomar avorrecimento, fiando-se de uma pessoa sua, sabendo que aquela mesma noite **parira** a mulher de um Cornacá que são os que overnam os alifantes, de alguns que levava um filho macho, mandou com muita pressa, e em muito segredo, trocar a filha com êle; (CTB, c_007, 1542).
- 363) e, por destro no ofício, pedia lhe **desse** o Arcebispo a praça em seu serviço.

- 364) E cuida que **fazem** hoje os prelados *menos caso dela* do que era razão e obrigação. (CTB, s_001, 1556).
- 365) Resolutamente respondeu que em vão trabalharia quem lhe persuadissem descanso, enquanto lhe durasse a obrigação de que uma vez se encarregara; que lhe não **entregara Deus *suas ovelhas*** só para lhes ordenar leis como superior ocioso, nem para as castigar como rigoroso juiz, nem menos para se aproveitar e servir a lã, do leite e do sangue delas, como injusto senhor, senão para buscar todos os meios e não lhe ficar pedra por mover, porque todas se salvassem; (CTB, s_001, 1556).
- 366) E como o estrondo das armas, com que se alcançam as vitórias, vai apelidando pelas gentes os braços, que as alcançaram, levando toda a voz da fama a fonte, onde se toma a água, esquecida total, e ingratamente amina, é bem, que saiba o Mundo, que não só no espiritual, como veremossenão também no temporal, **devem as terras do Maranhão a Religião da Companhia de JESUS *a felicidade, que logram***. (CTB, b_001, 1675).
- 367) deram-lhes notícia das novas Leis, do melhoramento do trato, que haviam de ter; e que a sombra do governo dos Padres seriam vassallos de um Rei, que os amava, como aos seus Portugueses; e que vivendo entre eles **aprenderiam eles, e seus filhos *a Lei de Deus***, que os criara para os fazer felizes, e gloriosos depois da morte em eterna vida. (CTB, b_001, 1675).
- 368) Quero dizer - continuou ela - que na presença dessa mesma formosura que Vossa Mercê respeita, e sem atenção pela das outras Damas, **pespegou Vossa Mercê** a modo de osga *mil injúrias* nas belezas de Alemanha, dando uma boa lavagem a formosura tedesca. (CTB, c_001, 1702).
- 369) Com bem **passa Vossa Mercê *a noite***, se diz na minha terra, porém não sei se Sócrates saberia dizer isso para acabar uma carta. (CTB, c_001, 1702).
- 370) creia se que a vista dos seus bons olhos **perdem os raios do sol *o esplendor***; (CTB, c_001, 1702).
- 371) Suponhamos que me **dá Deus *filhos de specie virili***. (CTB, c_001, 1702).
- 372) No estado de casada, importa muito que a limpeza e a elegância cresçam e que por nenhum modo se **permitam** reciprocamente *os casados o que seria reprovado em presença de qualquer outra pessoa*, porque dêsse descuidos nasce às vezes o nojo e a repugnância, e daí as decepções e as antipatias. (CTB, a_004, 1750).

Esses poucos dados de inversão estão em consonância com os dados encontrados por Gibrail (2010) quanto à predominância da inversão germânica (VS) em relação à inversão românica (VXS). A autora informa que nos séculos XVI e XVII, a frequência dessas ordenações é de 83,6% de inversão germânica contra 16,4% de inversão românica. Nossos dados também apontam para uma maior produção de inversão germânica, uma vez que VSO foi mais atestada que VOS e esta ordem aparece mais no século XVI e XVII, não ocorrendo no século XIX – nas orações completivas – segundo os dados levantados no CTB. Além disso, quando temos OV, temos OVS na maioria dos casos até o século XVIII. Já no século XIX o único caso de OV é com SOV na oração completiva com verbo de três lugares (VTDI):

- que meu tio pouca atenção **dava** a as pessoas que enchiam as suas salas

A soma das ordens dos dados de sujeito nulo (VO + OV) representa números consideráveis em todos os séculos abarcados pela pesquisa. No caso dos dados do CTB, as sentenças de sujeito nulo foram predominantes: 440 sentenças, ou seja, 63% do total de dados pesquisados neste *corpus*. Cabe aqui uma reflexão com base no que afirma Benincà (2006) acerca da gramática V2 das línguas do Romance Medieval. Para a autora, a ativação obrigatória da categoria CP é um fator mais importante do que o simples fato de o verbo ocupar a segunda posição na determinação de uma sintaxe V2, cujas características comuns são a inversão do sujeito em relação ao verbo em orações principais e a presença de algum constituinte (distinto do sujeito) em primeira posição. A autora chama ainda a atenção para um detalhe tipológico das línguas do Romance Medieval: são todas *pro-drop*, o que faz com que os sinais da gramática V2 na estrutura superficial não sejam imediatamente perceptíveis. Portanto, por trás de nossos dados de sujeito nulo, extraídos dos dois *corpora*, podem estar ordenações como V(S)O ou OV(S), que não são visíveis nas estruturas superficiais das frases devido ao caráter *pro-drop* do Português Arcaico e do Português Médio.

4.3 Do Século XII ao XIX

Ao comparar ambos os *corpora desta pesquisa* vimos uma distribuição similar da frequência na escolha das diferentes ordenações. Percebe-se que em ambos os corpora, o fronteamto possui baixa frequência no contexto das orações subordinadas completivas, conforme mostram as tabelas abaixo com os dados de orações de sujeito nulo e sujeito expresso:

Tabela 16. Frequência geral OV/OV+VO com sujeito nulo.

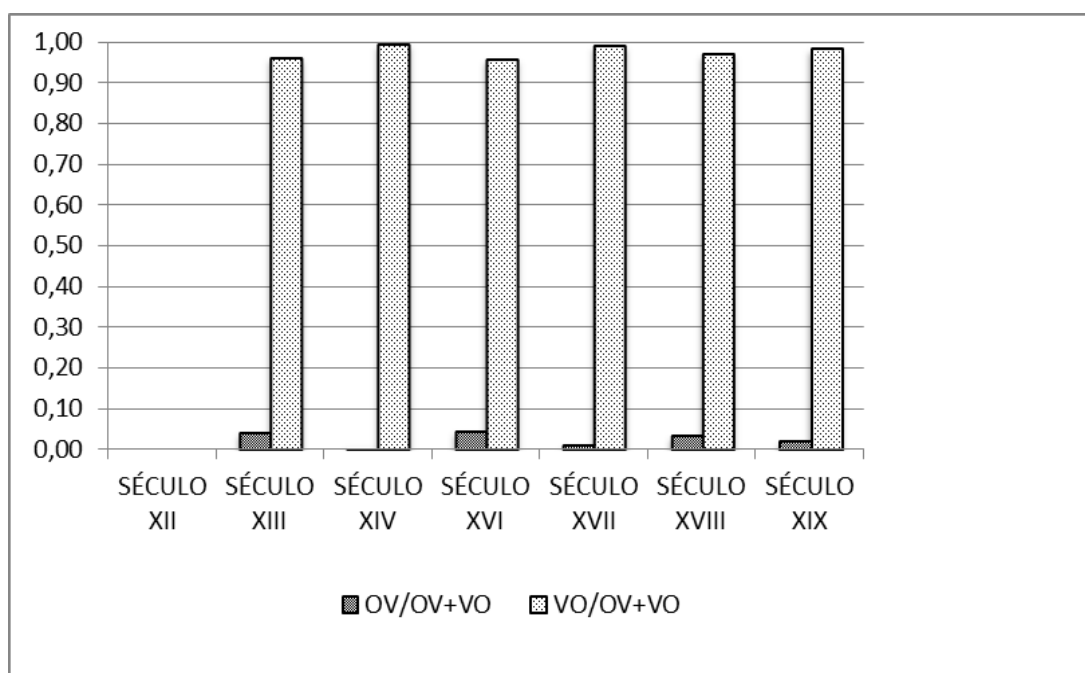
	SÉC XII	SÉC XIII	SÉC XIV	SÉC XVI	SÉC XVII	SÉC XVIII	SÉC XIX
OV com sujeito nulo/TOTAL DE DADOS		0,02	0,00	0,03	0,01	0,02	0,02
VO com sujeito nulo/TOTAL DE DADOS		0,35	0,45	0,71	0,70	0,55	0,48

Tabela 17. Frequência geral OV/OV+VO com sujeito expesso.

	SÉC XII	SÉC XIII	SÉC XIV	SÉC XVI	SÉC XVII	SÉC XVIII	SÉC XIX
OV com sujeito expesso/TOTAL DE DADOS		0,02	0,01	0,01	0,00	0,01	0,01
VO com sujeito expesso/TOTAL DE DADOS		0,61	0,54	0,25	0,16	0,42	0,49

Pode-se também visualizar, no Gráfico 5, a distribuição das ordenações OV/VO nos sete séculos abarcados pela pesquisa com a soma das orações de sujeito nulo e as de sujeito expesso:

Gráfico 5 OV vs VO ⁴⁴.



Os gráficos 6 e 7 mostram a distribuição OV/VO em estruturas com sujeito expesso e com sujeito nulo separadamente. Percebe-se que há pouca diferença na produtividade de OV em sentenças com sujeito nulo e sentenças com sujeito expesso, mas de maneira geral a proporção de OV com sujeito nulo é um pouco maior.

⁴⁴ A ordem VO – *verbo seguido de sintagma nominal acusativo (NP-ACC não-clítico)* em orações completivas sobre o total de orações completivas com verbos transitivos contendo um argumento interno com relação de objeto direto, não clítico.

Gráfico 6 Ordens OV/VO com sujeito expresso

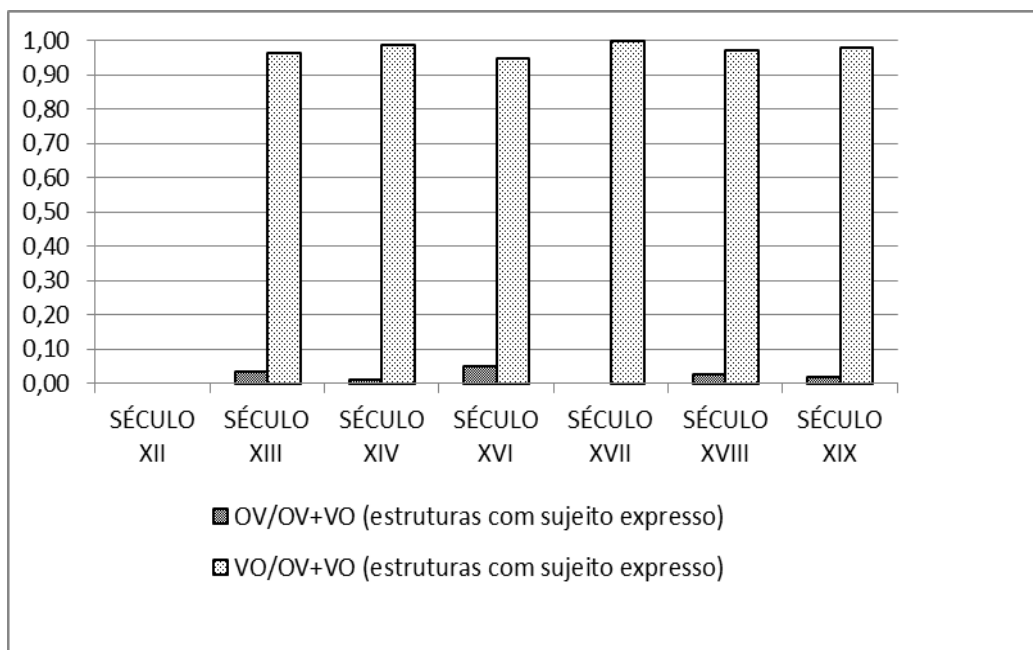
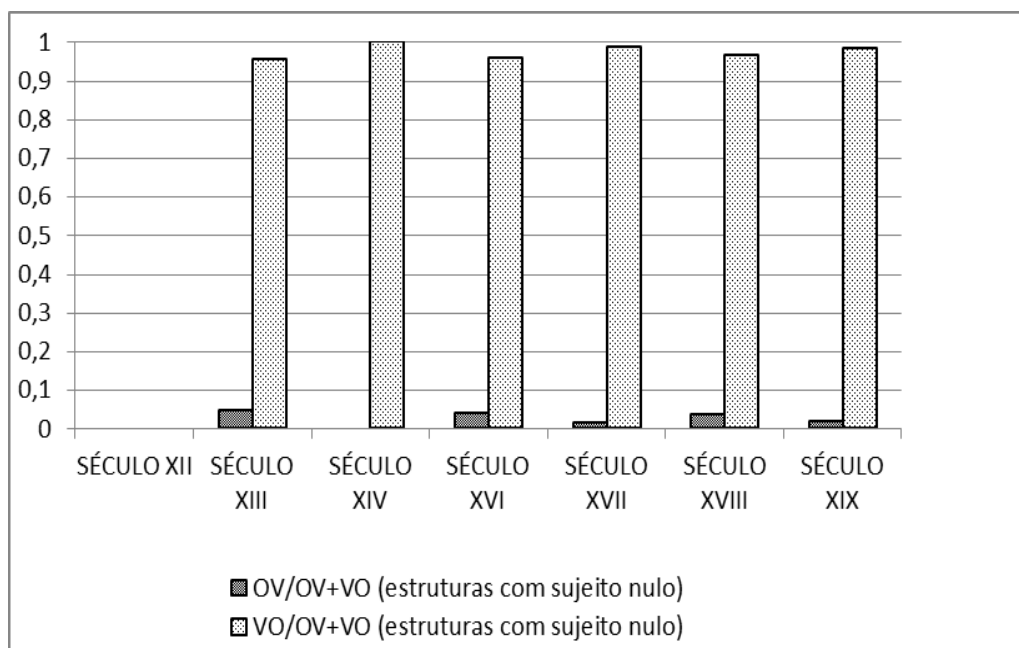
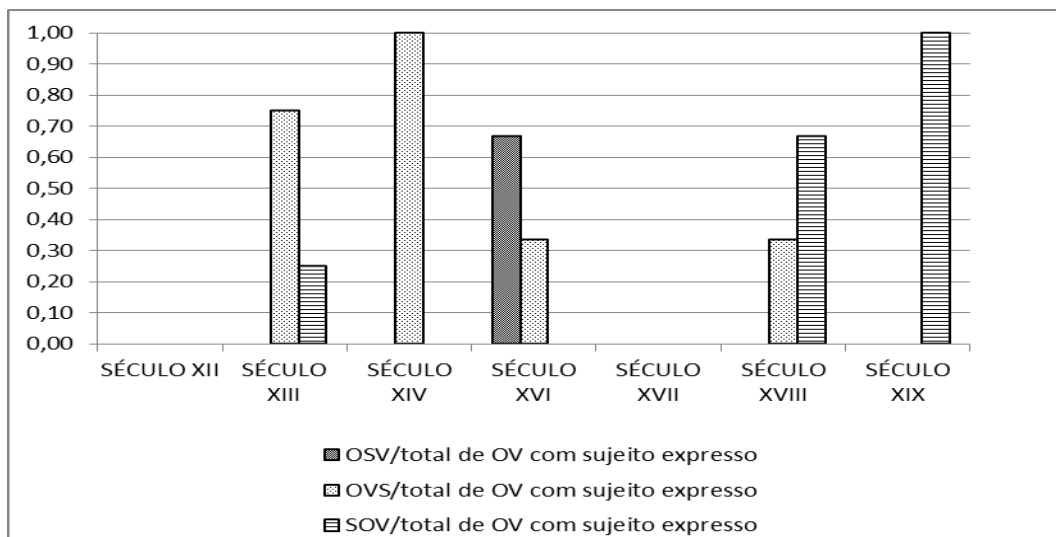


Gráfico 7 Ordens OV/VO com sujeito nulo



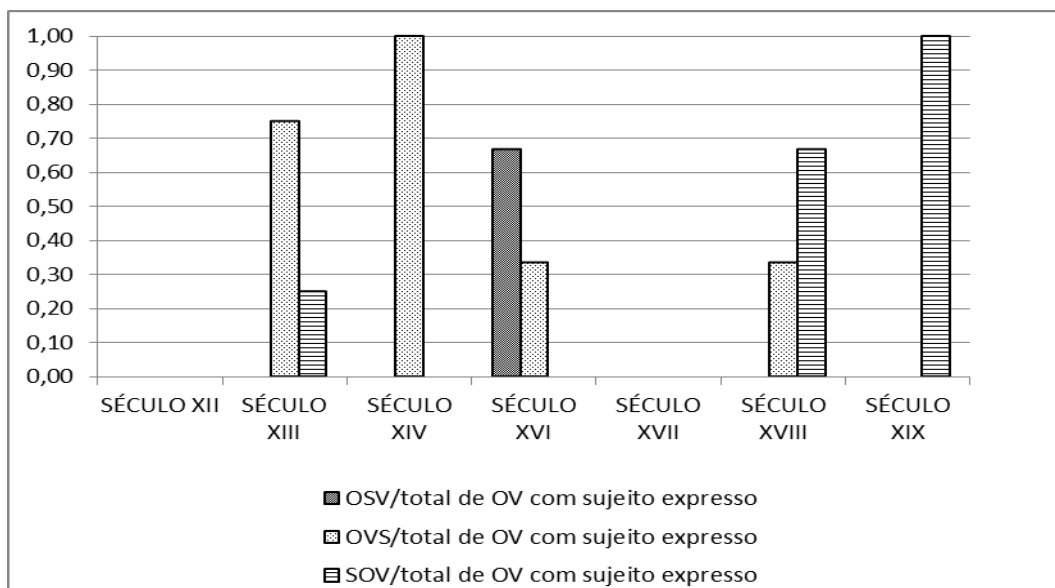
Abaixo, o Gráfico 8 traz a distribuição nos dois *corpora* das seguintes ordenações: SVO, VSO e VOS. Percebe-se que a inversão românica mostrou-se pouco frequente:

Gráfico 8 Ordens VO com sujeito expresso



O Gráfico 9 traz a distribuição nos dois *corpora* das seguintes ordenações: OSV, OVS e SOV. Percebe-se que nos raros casos de fronteamto do NP-ACC a ordem atestada preferencialmente nos séculos XIII e XIV é OVS, com inversão do sujeito, como mencionamos anteriormente. Já nos século XVIII e XIX, a ordem é SOV, sem inversão do sujeito.

Gráfico 9 Ordens VO com sujeito expresso



Levantando a frequência de OV e VO com sujeito nulo sobre o total de dados observa-se um aumento de VO em construções com sujeito nulo, que passa de 35% no século XIII para 71% e 70% nos séculos XVI e XVII.

Tabela 17. Frequência de ordem do NP objeto em estruturas com sujeito nulo e com sujeito expreso.

	Séc XII	Séc XIII	Séc XIV	Séc XVI	Séc XVII	Séc XVIII	Séc XIX
OV com sujeito nulo/TOTAL DE DADOS	0,00	0,02	0,00	0,03	0,01	0,02	0,01
VO com sujeito nulo/TOTAL DE DADOS	0,00	0,35	0,44	0,71	0,70	0,55	0,49
OV com sujeito expreso/TOTAL DE DADOS	0,00	0,02	0,01	0,01	0,00	0,01	0,01
VO com sujeito expreso/TOTAL DE DADOS	0,00	0,61	0,54	0,25	0,16	0,42	0,49

4.4 Do Norte de Portugal ao Sul, do Século XII ao XIX: a distribuição das ordenações do NP Acusativo

De forma geral, a distribuição geográfica dos dados não aponta para uma região específica onde o fracionamento do objeto direto ocorra mais frequentemente. Por outro lado, a não-adjacência VO, ou seja, a presença de um constituinte ou mais entre o verbo e o objeto direto se mostra mais produtiva no Norte e Centro com frequências altas (37% e 43%, respectivamente) contra o patamar de 19% no Sul.

Segue abaixo a descrição por século e região dos dados encontrados.

Século XIII

a) Região Norte

Foram encontradas 99 orações subordinadas completivas nesta região (96 com posposição do NP-ACC e 3 com anteposição do NP-ACC). Segue abaixo a descrição dos constituintes interventores em diferentes ordenações:

Ordem VO: 31 casos, sendo: 21 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 10 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (3 casos) e os pronomes locativos *y* e *ende* (7 casos), um dos casos apresentou um interventor em língua latina.

Ordem SVO: 59 casos, sendo: 36 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 23 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (20 casos), 1

pronome locativo (*hy*) e 2 casos em que há interventores de natureza distinta: numa oração, um sintagma preposicional é seguido pela frase *cõuem a saber*; e na outra, um sintagma preposicional é seguido pela locução adverbial *cada ano*.

Ordem VSO: 6 casos, todos apresentando apenas o sujeito entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem OV: 3 casos, todos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC. (Ver Anexo 1).

b) Região Central

Foram encontradas 33 orações subordinadas completivas nesta região (30 com posposição do NP-ACC e 3 com anteposição do NP-ACC). Segue abaixo a descrição dos constituintes interventores em diferentes ordenações:

Ordem VO : 18 casos, sendo: 5 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 13 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. A maioria dos constituintes interventores são de natureza preposicional (8 casos); ou se trata do pronome locativo *ende* (4 casos); e um dos casos apresentou um interventor em língua latina: *ibj in ipsas*.

Ordem SVO: 12 casos, sendo: 9 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 3 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional.

Ordem OV: 1 caso com adjacência entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem SOV: 1 caso com adjacência entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem OVS: 1 caso, em que apenas o sujeito aparece entre o verbo e o NP-ACC. (Ver Anexo 1).

c) Região Sul

Foram encontradas 41 orações subordinadas completivas nesta região (40 com posposição do NP-ACC e apenas 1 com anteposição do NP-ACC). Segue abaixo a descrição dos constituintes interventores em diferentes ordenações:

Ordem VO: 11 casos, sendo: 9 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 2 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional em ambos os casos. (Ver Anexo 1).

Ordem SVO: 28 casos, sendo: 25 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 3 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (2 casos) e um caso em que se percebe um sintagma preposicional seguido pela frase *se nõ*. (Ver Anexo 1).

Ordem VOS: 1 caso com adjacência entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem OVS: 1 caso com adjacência entre o verbo e o NP-ACC. (Ver Anexo 1).

Século XIV

a) Região Norte

Foram encontradas 105 orações subordinadas completivas nesta região (104 com posposição do NP-ACC e 1 com anteposição do NP-ACC). Segue abaixo a descrição dos constituintes interventores em diferentes ordenações:

Ordem VO: 48 casos, sendo: 31 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 17 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (8 casos); 3 casos do pronome locativo *ende*; 2 casos do pronome locativo *hj*; 2 casos de advérbios; e dois casos em dois constituintes diferentes se intercalaram entre o verbo e o NP-ACC: *ende / entre nos*.

Ordem SVO: 55 casos, sendo: 36 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 19 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (19 casos) e em apenas um caso observam-se dois constituintes diferentes se intercalando entre o verbo e o NP-ACC: *uos / por lo dito tempo*.

Ordem VOS: 1 caso com adjacência entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem OVS: 1 caso com adjacência entre o verbo e o NP-ACC. (Ver Anexo 1).

b) Região Central

Foram encontradas 26 orações subordinadas completivas nesta região (todas com posposição do NP-ACC). Segue abaixo a descrição dos constituintes interventores em diferentes ordenações:

Ordem VO: 9 casos, sendo: 7 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 2 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional em ambos os casos.

Ordem SVO: 17 casos, sendo: 9 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 8 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (6 casos) e a locução adverbial *ata aqui* em um caso.

c) Região Sul

Foram encontradas 16 orações subordinadas completivas nesta região (todas com posposição do NP-ACC). Segue abaixo a descrição dos constituintes interventores em diferentes ordenações:

Ordem VO: 9 casos, sendo: 8 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 1 caso sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. O constituinte interventor é de natureza preposicional.

Ordem SVO: 7 casos, sendo: 4 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 3 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional nos 3 casos. (Ver Anexo 1).

Século XVI

a) Região Sul

Foram encontradas 239 orações subordinadas completivas nesta região (226 com posposição do NP-ACC e 13 com anteposição do NP-ACC). Segue abaixo a descrição dos constituintes interventores em diferentes ordenações:

Ordem VO: 166 casos, sendo: 136 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 30 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (15 casos); adverbiais (10 casos); e mais de um constituinte intercalado (5 casos).

Ordem SVO: 45 casos, sendo: 38 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 7 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional em 6 casos e adverbial em 1 caso.

Ordem VOS: 3 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem VSO: 12 casos, sendo que em 1 caso há um outro termo além do sujeito (o advérbio *acaso*) intercalando-se entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem OV: 9 casos, sendo: 7 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 2 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são o marcador da negação *não*.

Ordem OVS: 2 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem OSV: 2 casos em que há um outro termo além do sujeito (um advérbio) intercalando-se entre o verbo e o NP-ACC. (Ver Anexo 1).

Século XVII

a) Região Sul

Foram encontradas 100 orações subordinadas completivas nesta região (99 com posposição do NP-ACC e 1 com anteposição do NP-ACC). Segue abaixo a descrição dos constituintes interventores em diferentes ordenações:

Ordem VO: 70 casos, sendo: 56 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 14 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (13 casos) e adverbial (1 caso).

Ordem SVO: 24 casos, sendo: 20 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 4 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são todos de natureza preposicional.

Ordem VSO: 4 casos, todos apresentando apenas o sujeito entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem VSO: 1 caso que há um outro termo além do sujeito (um advérbio) intercalando-se entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem OV: 1 caso com adjacência entre o verbo e o NP-ACC. (Ver Anexo 1).

Século XVIII

a) Região Sul

Foram encontradas 253 orações subordinadas completivas nesta região (245 com posposição do NP-ACC e 8 com anteposição do NP-ACC). Segue abaixo a descrição dos constituintes interventores em diferentes ordenações:

Ordem VO: 139 casos, sendo: 112 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 27 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (16 casos); adverbiais (9 casos); e dois casos em que uma oração se intercala entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem SVO: 101 casos, sendo: 84 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 17 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (6 casos); adverbial (10 casos); e 1 caso em que uma oração se intercala entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem VSO: 3 casos, todos apresentando apenas o sujeito entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem VSO: 2 casos que há um outro termo além do sujeito (um advérbio) intercalando-se entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem OV: 5 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem SOV: 2 caso2 com adjacência entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem OVS: 1 caso com adjacência entre o verbo e o NP-ACC. (Ver Anexo 1).

Século XIX

a) Região Sul

Foram encontradas 111 orações subordinadas completivas nesta região (109 com posposição do NP-ACC e 2 com anteposição do NP-ACC). Segue abaixo a descrição dos constituintes interventores em diferentes ordenações:

Ordem VO: 54 casos, sendo: 47 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 7 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (4 casos) e adverbial (3 casos).

Ordem SVO: 55 casos, sendo: 46 casos com adjacência entre o verbo e o NP-ACC e 9 casos sem a contiguidade entre o verbo e o NP-ACC. Os constituintes interventores são de natureza preposicional (5 casos) e adverbial (4 casos).

Ordem OV: 1 caso com adjacência entre o verbo e o NP-ACC.

Ordem OVS: 1 caso com adjacência entre o verbo e o NP-ACC. (Ver Anexo 1).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se mencionou no capítulo teórico desta dissertação, vários estudos, tais como os de Ribeiro (1995), Paixão de Sousa (2004), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), Namiuti (2008), Gibrail (2010) e Antonelli (2011) destacam o caráter V2 da gramática do Português Arcaico e do Português Clássico. Esses trabalhos mostram que na gramática desse período há uma estrutura recorrente XV em orações raízes em que, o verbo estando em segunda posição, vários constituintes são fronteados, ou seja, ocupam uma posição à esquerda do verbo. O fenômeno do fronteamento também foi atestado em nossa pesquisa dentro dos limites históricos apontados pelos estudos supracitados. Porém, cabe retomar aqui alguns pontos:

a) Nossos dados empíricos demonstraram uma baixa frequência do fronteamento do objeto no contexto sintático adotado na presente pesquisa, ou seja, as orações subordinadas completivas. Mesmo nas fases mais antigas, o verbo raramente aparece em posição final (OV, SOV ou OSV) ordem normalmente atestada nas orações subordinadas de línguas V2 do tipo germânico, o que pode sugerir a existência de um V2 simétrico na diacronia da língua, como argumenta Gibrail (2010) para o Português Clássico.

b) Constatou-se também pouca produção das inversões germânicas e românicas nos nossos dados – VSX e VXS. A baixa produtividade de VSO e VOS pode ser explicada pelo contexto sintático observado – oração subordinada completiva – as inversões desta natureza, mesmo em uma gramática V2 são mais comuns em orações raízes, as orações dependentes apresentam maior rigidez. Todavia, o elevado número de orações VO com sujeito nulo atestadas nos séculos XVI e XVII podem corresponder a ordenações V(S)O ou VO(S) estruturais.

c) A distribuição geográfica dos dados não aponta para uma região específica onde o fracionamento do objeto direto ocorra mais frequentemente, porém, nas sequências VO (sem fracionamento), a não-adjacência *Verbo e Objeto* (VXO) se mostra mais produtiva nos textos produzidos no Norte e Centro diminuindo sua frequência do Norte para o Sul, do século XII ao XIX, o que pode sugerir uma mudança na posição estrutural do verbo nas orações subordinadas – VXO pode indicar uma posição alta para o verbo nas orações subordinadas e VO(X) uma posição mais baixa.

d) Quanto à natureza dos objetos fracionados, são em sua maioria quantificadores, pronomes indefinidos ou demonstrativos, ou seja, categorias carregadas com traços +F, que na segmentação do CP segundo Rizzi (1997) e Benincà (2006) estão em *FocP*, responsável pela focalização, ou seja, os objetos fracionados em orações subordinadas completivas teriam uma saliência semântica, um traço forte de focalização ou especificidade.

Assim, nossa pesquisa está em consonância com os vários estudos resenhados no capítulo teórico, pois detecta traços da gramática do Português Arcaico e do Português Médio – tais como o fracionamento do NP-ACC e as inversões germânicas e românicas – os quais se mostram obsoletos no limiar do século XIX. Neste contexto, pode-se afirmar que houve uma estabilização da ordem dos constituintes, caracterizando a gramática do Português Europeu Moderno.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONELLI, A. L. (2011). **Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do Português Europeu**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

BENINCÀ, Paola. A detailed map of the left periphery of medieval romance. In ZANUTTINI, Raffaella; CAMPOS Héctor; HERBURGER, Elena; e PORTNER, Paul (eds.). **Crosslinguistic research in syntax and semantics: negation, tense and clausal architecture**. Georgetown University Press, Washington, pp. 53-86. 2006

CINQUE, G. & RIZZI, L.,. **The cartography of syntactic structures**. V. Moscati, ed. CISCL Working Papers on Language and Cognition, 2, 43-59. 2008.

GALVES, C. **Clitic-placement in the history of Portuguese and the syntaxphonology interface**. Ms. Unicamp. 2003

CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: junho/2011 a dezembro/2012.

CTB – Corpus Anotado do Português Histórico Tycho Brahe. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html>. Acesso em: junho/2011 a dezembro/2012.

DUARTE, M. I. **A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições de movimento**. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. 1987.

GALVES, Charlotte e BRITTO, Helena. (1998). **A construção do Corpus Anotado do Português Histórico Tycho Brahe: o sistema de anotação morfológica**. Disponível em: http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/compl_list.html. Acesso em 08/05/2012.

GALVES, C.; BRITTO, H. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The change in clitic placement from Classical to modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. In: **Journal of Portuguese Linguistics**, V. 4, n. 1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond. 2005.

GALVES, C., NAMIUTI, C. & PAIXÃO DE SOUSA, M.C. Novas perspectivas para antigas questões: A periodização do português revisitada. Em: A. Endruschat R. kemmler e B. Schäfer-Prieß (Orgs): **Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch: Synchrone und diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und mehr**. Tübingen: Calepinus Verlag. 2006.

GIBRAIL, Alba Verôna Brito. **Contextos de formação de estruturas de tópico e foco no português clássico**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

KROCH, Anthony. (2001). **Syntacticchange**. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~kroch/online.html>. Acesso em 01/05/2011.

MARTINS, Ana Maria. **Clíticos na história do português**. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa. Mimeo. 1994.

MARTINS, Ana Maria. **The loss of IP-scrambling in Portuguese: considerations on clause structure, word order variation and change**. 2000.

MARTINS, Ana Maria. (2004). **A emergência do português escrito na segunda metade do século XII**. Disponível em: http://www.clul.ul.pt/equipa/amartins/Martins_2004_1_artigo.pdf. Acesso em 27/08/2011.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Salvador: EDUFBA, 2010.

NAMIUTI, Cristiane. **Aspectos da história gramatical do português: interpolação, negação e mudança**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

NAMIUTI, Cristiane. Uma reflexão gerativista sobre a dimensão dinâmica de mudanças sintáticas na diacronia do português. In: XVI Congresso Internacional da ALFAL. Alcalá de Henares-Espanha, 2011.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Língua barroca**: sintaxe e história do português nos anos 1600. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2004.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**. 20; p. 365-424. 1989.

PARCERO, Lúcia. **Fronteamentos de constituintes no português dos séculos XV, XVI e XVII**. Dissertação de Mestrado, UFBA, Salvador-Ba. 1999.

RIBEIRO, I. M. O. **A sintaxe da ordem no português arcaico**: o efeito V2. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 1995.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: L.HAEGEMAN (ed.) **Elements of Grammar**. 281-337. Amsterdam: Kluwer. 1997.